

A
CORTE
DO
AR

STEPHEN HUNT

Tradução de Alberto Simões

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



À TODOS AQUELES A QUEM
A MINHA GRATIDÃO É DEVIDA.
VOCÊS SABEM QUEM SÃO.



Capítulo Um

Molly Templar estava sentada com um ar desolado junto ao estrado de pesagem da lavanderia situada em Handsome Lane. Um carrinho de mão vazio tinha sido deixado diante da cuba repleta de roupa, servindo de testemunha ao borbulhar desenfreado que decorria no seu interior. Molly tentou (se é que não tinha já tentado) imaginar qual seria o ar dos desanimados, distorcendo os traços da sua cara sardenta para que ela melhor condissesse com essa sua disposição. No entanto, tinha sido Rachael, outra das raparigas da secção feminina do internato, e não o Sacristão, a vir em seu auxílio, de maneira que a sua representação magistral dos “desolados” iria acabar por passar despercebida.

Damson Snell, a patroa do estabelecimento, veio ver quem tinha acabado de entrar, mas pareceu ficar desapontada ao constatar que se tratava apenas de mais uma rapariga do internato das Portas do Sol.

— Com que então o Sacristão anda demasiado ocupado para vir ver com os seus próprios olhos a qualidade dos estafermos indolentes que anda a impingir ao meu negócio?

— Ele pede desculpas por não poder vir, senhora — respondeu Rachael. — Tinha outro compromisso.

— Nesse caso, podes dizer-lhe da minha parte que aqui não há trabalho para gente vadia como esta — disse Snell, apontando para Molly. — Fazes ideia do que é que eu a apanhei a fazer?

— Não, minha senhora.

— A ler! — exclamou Damson Snell, cujas faces enrubesceram de incredulidade. — Alguém deixou um romance barato no bolso de um casaco, e então a esta — nessa altura, o seu dedo apontou novamente na direcção de Molly — deu-lhe para começar a ler o maldito livro! Quando lhe enfei uma, começou a armar-se em espertinha comigo. Uma senhora, não há que enganar. Diz mas é ao Sacristão que isto aqui é um negócio e não uma biblioteca, e quando a gente precisar de uma senhora

letrada, contrato um servidor civil e não uma desgraçada qualquer das Portas do Sol.

Rachael assentiu com a sua melhor expressão de compreensão penitente e levou Molly para longe da lavandaria, antes que a proprietária tivesse oportunidade de prosseguir com a sua arenga.

— Que belíssima lição de negócios — disse Molly quando as duas se encontravam já a salvo do seu alcance auditivo. — Ainda por cima vinda dela, que enfia vinte xelins por mês no bolso do Sacristão para continuar a ter mão-de-obra gratuita do internato. Esqueceu-se foi de falar de um ordenado justo para os que não têm mais nada para dar para além do suor do corpo.

Rachael suspirou.

— Parece-me que te estás a transformar numa carlista de palmo e meio, Molly. Só me estranha é que ainda não tenhas sido despedida por tentares organizar uma conspiração de trabalhadores. Esse romance barato não era por acaso um exemplar de *A Comunidade e os Comuns*, não?

— No bolso de um cliente dela? — ironizou Molly. — Não, era uma história naval sobre o aeróstato *Frenético* e as suas aventuras com o pirata submarino Sansão Obscuro.

Rachael assentiu. O reino de Laborterra estava repleto de escritorzecos com preocupações editoriais próximas das da zona de Dock Street, sempre em busca de novos heróis, bandidos, salteadores e corsários com que preencher as folhas dos jornais sensacionalistas como o *Notícias Ilustradas de Ferromédio* e os almanaques de um *penny*, que mais não eram do que publicações em que a realidade e a ficção se confundiam em folhetins vendidos a um preço mais do que convidativo para agarrarem ainda mais os seus leitores. As histórias mais imaginativas chegavam a adquirir contornos de lenda, recuperando deuses obscuros, dos tempos em que os cidadãos do reino não tinham ainda abraçado as meditações circunistas; as páginas desse género de contos tinham ressuscitado demónios como os lupocaptores, espíritos malignos que eram enviados para raptar os perversos e aterrorizar os imorais com as suas capas negras e os seus dentes aguçados.

Para quem vivia no reformatório, estas leituras constituíam uma fonte de distrações bastante animada, uma vez que se situavam a uma distância incalculável das suas vidas feitas à base de preocupações e de fome. Como Molly desejava que aquelas histórias fossem reais, que ao menos as salas de baile resplandecentes e os belos oficiais montados nos seus cavalos empinados existissem num lugar longínquo; porém, o seu olhar amargamente batido na observação da realidade fazia-a deduzir que o mais provável era que Sansão Obscuro não tivesse passado de um bêbedo velhaco e violento, com temperamento de assassino e queda para a pilhagem de cargueiros por

ser demasiado preguiçoso, vadio e estúpido para os comandar de forma meritória. Quanto ao dirigível *Frenético*, o mais certo era que, em vez de vogar em busca de batalhas gloriosas, se limitasse a andar ao sabor do acaso pela zona de navegação dos piratas, engordando os peixes com a carne de marinheiros inocentes e mantendo a sua posição sobre a embarcação submarina do Obscuro ao mesmo tempo que ia largando bombas-barbatana sobre os seus mastros e o convés, abandonando a embarcação-pirata em chamas à mercê dos oceanos e dos deslizagudos. Alguns dias depois, um dos tais escritores de segunda de Dock Street ter-se-ia cruzado acidentalmente com a tripulação embriagada do aeróstato numa taberna, e em troca de um barril de rum, teria urdido um conto adornado de glória e combates corpo a corpo. Depois, seria a vez de o escritorzeco esticar ainda um pouco mais a sua história para os editores de livros fantásticos e para as publicações de Dock Street do género das de Torley Smith.

— Alguém me denunciou ao Sacristão? — perguntou Molly, voltando a concentrar-se nas suas preocupações do presente.

— Como se ele não soubesse de nada antes — respondeu Rachael. — Eu cá não disse nada, que não sou bufa. Molly, este é o quarto trabalho de que és despedida em outros tantos meses; fosse como fosse, acho que ele ia acabar por descobrir.

Molly puxou nervosamente as pontas dos seus cabelos ruivos para baixo.

— Estava zangado?

— Pode-se dizer que sim.

— Oh! Seja como for, o que é que ele me pode fazer? — perguntou Molly com um tom de despeito.

— Molly Templar, tu não passas de uma tonta — disse a sua companheira ao reconhecer um brilho desafiante nos olhos dela. — O que é que eles ainda não te fizeram? Prender-te com correias? Castigos administrativos? Mais dias passados de castigo do que fora dele? Cortes nas refeições? E ainda assim, tu continuas a pedi-las.

— Em menos de nada vou estar livre disto tudo.

— Não te esqueças é que ainda tens mais um ano pela frente antes de os teus papéis da circunscrição terminarem e obteres o teu direito de voto — disse Rachael. — Se o Sacristão andar sempre zangado contigo, um ano vai ser muito tempo.

— Mais um ano e desapareço daqui.

— E vais para onde? — perguntou Rachael. — Pensas que uma desgraçada órfã como tu ou como eu vai acabar como uma snobe da alta sociedade? Pensas que vais ser recebida com tarte de perdiz e o melhor *Claret*? Se não arranjares depressa um ganha-pão, vais acabar a esvaziar bolsos na rua

com uma quadrilha-relâmpago até ao dia em que os esmagadores te apanharem, e nessa altura a nossa jovem Damson Molly Templar vai ganhar um bilhete de ida para as colónias concorzianas numa barça de transporte.

— Eu não quero acabar ali — respondeu Molly, apontando com o polegar na direção da lavandaria de Handsome Lane.

— Minha querida Molly, ninguém quer acabar ali, mas se isso te meter comida na boca e te der um teto, sempre é melhor do que morrer à fome.

— A morrer à fome aos poucos já eu estou no internato — disse Molly. — Se ao menos...

Rachael tomou a mão de Molly.

— Sim, eu sei. Também sinto a falta da Damson, e se os desejos fossem xelins, todas nós estaríamos agora a viver como princesas.

Para as órfãs, havia apenas uma Damson: Damson Darnay, que fora a diretora do internato das Portas do Sol antes do Sacristão. Tinham passado já quatro anos desde o seu ataque cardíaco. Reformista, defendera sempre que o bairro financeiro de Ferromédio podia perfeitamente albergar um internato às suas portas. Uma casa onde as crianças pudessem ser ensinadas a ler e a escrever, onde os métodos de aprendizagem laboral mecânica fossem substituídos pelo ensino e por uma boa educação circulista.

Uma vigária da Igreja Circulista levou-a envolvida numa mortalha para longe delas numa manhã fria, e o Sacristão tomou o lugar dela. No bolso dos comerciantes locais, o custo de manutenção das órfãs passou a ser pago através da colocação das raparigas nos seus comércios. A aprendizagem era efetuada sob observação, de maneira a preparar os órfãos extremamente gratos para as suas vidas adultas.

No entanto, não deixava de ser curioso constatar como as colocações das crianças jamais incluíam postos sentados a uma secretária num dos novos edifícios pneumáticos ao longo de Gate Street ou uma posição de funcionária de loja no Beco do Sol. Limpa-esgotos, isso sim; trabalho em lavandarias, que fazia as unhas caírem de tanto serem mergulhadas em lixívia química, também; atividades em oficinas mal iluminadas e postos em fábricas, curvadas sobre teares ou máquinas de corte, ensurdecidas pelo ruído do metal e na contingência de perderem um dedo por ano, também.

Pequena como era para a idade que tinha, Molly havia passado os seus doze e treze anos a trabalhar como ventiladora, subindo através dos poços de ar dos pneumáticos de Ferromédio com uma escova para desentupir o pó e o fumo acumulados no seu interior. Porém, tudo isso mudou quando a torre de Blimber Watts ruiu. Dotada de uma estrutura de cinquenta andares, a torre de Blimber Watts fora um edifício pioneiro no seu tempo e estava preparada para acolher milhares de funcionários, com átrios

em mármore e até um jardim solar no interior da sua carapaça de borracha e cabedal. Contudo, os projetistas tinham calculado mal as percentagens de tensão, e as paredes em água acabaram por rebentar, fazendo com que a estrutura pneumática se desmoronasse sobre as ruas inundadas.

Quando a torre desabou, Molly estava nos ventiladores do trigésimo oitavo andar, regressando ao nível do chão a uma velocidade ainda maior do que aquela a que tinha subido. No meio da escuridão, agarrou-se com quanta força tinha às paredes cada vez mais esvaziadas; depois, sobreveio um impacto esmagador, ao qual se seguiram cinco dias entalada entre dois depósitos de água; comprimida entre as paredes, foi a lambê-las que se manteve hidratada com o líquido morno e imundo que escorria delas, vomitando aterrorizada, com a sua voz a gritar de forma incessante, suplicando por ajuda num tom agudo como a lâmina de uma faca.

Apanhada no abraço opressivo e esmagador da borracha, acabou por perder todas as esperanças de ser resgatada; foi então que sentiu a presença do vaporomem a avançar através dos escombros do edifício situado acima dela. Já há muito tempo que Molly sabia possuir uma afinidade invulgar com a raça mecânica; era como se os seus corações-caldeira, os intrincados mecanismos de rodas de engrenagem e os prismas silicatados a chamassem para serem examinados, revirados e analisados entre os seus dedos, e depois montados em sistemas sofisticados. Ela fechou os olhos com quanta força tinha e fez força para que o trabalhador ouvisse os seus pensamentos — aqui, aqui, AQUI EM BAIXO.

Alguns minutos depois, o vaporomem silencioso levantou uma camada de borracha da grossura de um pé, permitindo dessa forma que a luz insuportavelmente brilhante do dia irrompesse e chegasse ao ponto onde ela se encontrava. O vaporomem permaneceu imóvel diante dela, como uma estátua em bronze, e Molly acabou por compreender que a sua caixa de voz lhe tinha sido retirada. Um aceno com a cabeça, e aí estava o vaporomem novamente de partida, como se raparigas imundas e ensanguentadas a saírem dos escombros de um edifício caído por terra fossem uma visão vulgar para aquelas criaturas metálicas.

Bem que o Sacristão tentou fazê-la regressar às ventilações por meio de invetivas e sovas; no entanto, a única ocasião em que ela tentou obedecer-lhe terminou com duas outras colegas suas das ventilações a serem obrigadas a irem buscá-la para a trazerem novamente para baixo, trémula e muda.

— Anda — disse Rachael. — Vamos virar para baixo ali em Blackglass Lane; quando te vim buscar, estavam a preparar um desfile ao longo de Grumblebank.

— É o rei? — perguntou Molly.

— Muito melhor do que isso, rapariga, é a Guarda Especial.

Apesar do incómodo causado à amiga obrigada a ir buscá-la à lavanderia por causa de mais um emprego perdido, Molly sorriu. Toda a gente venerava a Guarda Especial: os seus imensos recursos; o belíssimo corte dos seus uniformes; os dias e dias passados no fosso de musculação, a delinearem sempre um pouco mais os contornos da sua constituição já de si atlética.

As duas raparigas meteram por uma série de ruas miseráveis, esguias e cobertas de imundícies e desperdícios, indo desembocar num dos bulevares largos e asseados que se desenvolviam em paralelo relativamente a Sun Street. Uma vez aí, depararam-se com uma multidão de espetadores ansiosos que se acotovelava na rua, assim como com uma linha de esmagadores da esquadra de polícia local com bandoleiras escuras de balas de cristal dispostas em cruz sobre os uniformes negros de condestáveis, encarregados de manterem os enviados da imprensa a uma distância mínima.

Embora ainda ao longe, uma coluna da Guarda Especial avançava já na sua marcha avassaladora de pernas que era a sua imagem de marca, ao mesmo tempo que as botas altas iam ressoando em unísono no chão. À medida que se foram aproximando, o chão pareceu começar a vibrar.

— Aí tens os teus homens da Guarda — disse Molly.

— E tu aí tens o teu rei — acrescentou Rachael.

Sua Majestade, o rei Julius, oitavo monarca do Trono Restaurado e Rei de Laborterra, vinha sentado no interior de uma carruagem aberta sobre uma cadeira almofadada e forrada de encarnado, devolvendo os acenos da multidão curiosa com um olhar triste.

Molly gesticulou para o príncipe Alfeus, sentado ao lado do rei e de idade muito próxima da das duas raparigas do internato.

— Não parece lá muito contente.

— Como é que pode estar contente se sabe que o pai sofre do mal dos barqueiros? O paizinho não governará outro par de anos, e depois vai ser a vez dele.

Molly assentiu. As vestes do rei tinham sido subtilmente modificadas para acentuarem o facto de ambos os braços terem sido amputados, e dentro de algum tempo, chegaria indubitavelmente a vez do jovem príncipe ser arrastado aos gritos até à mesa do corta-ossos pelos carcereiros da Guarda Especial.

A verdade é que o protocolo tinha sido sempre esse desde que Isambard Kirkehill avançara velozmente ao longo da terra, envolto num mar de sangue e fumo de pistolas, para garantir o direito parlamentar de supremacia à cabeça do novo exército modelo. Nunca mais um monarca laborês voltaria a erguer a mão contra o seu próprio povo.

Quinhentos anos depois da guerra civil, a Casa dos Guardiães continuava a seguir as restrições de Isambard Kirckhill, a velha Lâmina de Sabre, tal como era conhecido entre os seus inimigos. Aquela marcha até à Praça do Parlamento a partir do palácio tratava-se de um ritual semanal, se bem que hoje em dia esse edifício não passasse de uma prisão de mármore deserta. O episódio da abertura da máscara de ferro do rei era recriado; depois, ele dobrava-se sobre um joelho e atribuía à Casa dos Guardiães o direito de governar o povo. Hoje em dia, as únicas testemunhas desta encenação eram alguns espetadores desinteressados, uma mão-cheia de visitantes forasteiros e uma longa linha de estátuas silenciosas de Eleitores Guardiães do passado.

— Olha — disse Molly, apontando para a parte mais recuada da caruagem. — O Capitão Faisca.

Rachael empurrou os vendedores ambulantes de frutas e hortaliças e das vendas de peixe que estavam diante dela para conseguir vê-lo melhor.

— É ele, é! Olha-me bem para aqueles músculos, Molly; só com as coxas, era capaz de esmagar um regimento inteiro de cavaleiros do deserto cassárabes.

Molly sabia que Rachael tinha uma certa preferência pelos almanques mais lúbricos: nessas aventuras, a ação tanto decorria entre as sedas dos haréns fustigados pela areia como no anel de ferro dos sabres estabelecido pelo campo de batalha. Porém, ela tinha razão. O comandante da Guarda Especial era inconceivelmente bem-parecido. Nenhuma ilustração de capa de almanaque conseguira alguma vez fazer-lhe justiça. Como que dotada de vida própria, a capa do Capitão Faisca agitava-se nas suas costas; dir-se-ia uma sombra esvoaçante, ao mesmo tempo que os seus penetrantes olhos azuis iam percorrendo a multidão, fazendo com que cada um sentisse que aquele olhar era para si em exclusivo. Um relâmpago de luz oriundo do torque¹ de metal cingido ao pescoço do capitão encandeou Molly por um instante.

— Viva a Guarda!

Ouviu-se um grito quase histérico proferido por uma das pessoas no meio da multidão, e como um rastilho, toda aquela gente desatou a repetir o mesmo grito de imediato, encorajando e produzindo um estrépito uniforme ao longo de toda a avenida. Outra pessoa começou a entoar o “Leão de Laborterra”, e, pouco depois, metade do bulevar já se lhe tinha juntado para entoar a sua letra obscena e patriótica.

Molly permanecia ao lado de Rachael, lançando vivas com um inchaço chauvinista a formar-se-lhe no peito. Longa vida à Guarda, sim, com

¹ *Torque* — Colar próprio dos Celtas. (*N. do T.*)

a Real Marinha Aerostática a dominar os céus e a poderosa e heroica Guarda Especial pronta a esmagar qualquer inimigo que se atrevesse a ameaçar os laboreses em terra, aquele reino era realmente a força mais poderosa em todo o continente.

Outras nações teriam usado todo aquele poderio para construírem um império e vergarem os países vizinhos à subserviência, mas o reino de Laborterra não. O seu povo não estava exposto a reis dementes, nem a califas sedentos de poder, nem tampouco a senadores rapaces. Os calmos e pacíficos laboreses tinham arrancado as garras dos seus próprios tiranos potenciais e prosperado ao longo de séculos a fio, negociando, construindo e inovando, sempre de forma discreta e obstinada. Se um laborês tivesse um jardim na cidade onde se passar um bom bocado ou um terreno na aldeia para o qual se esgueirar e jogar uma partida rápida de quatro-estacas, o seu império estava completo.

As outras nações tinham reis ditadores, assassínios políticos, o triste canto das crianças que morriam à fome e os campos áridos em pousio, ao mesmo tempo que os exércitos de camponeses se matavam mutuamente por um capricho dos senhores da guerra locais. O reino de Laborterra, esse, deixava os seus imbecis demasiado ambiciosos discutirem e trocarem aenos de dedos entre si na Casa dos Guardiães.

As outras nações tinham deuses obscuros e profetas de olhos esgazeados que exigiam obediência, mutilações infantis, escravatura e pobreza para o povo, ao mesmo tempo que a prosperidade fluía livremente por entre uma classe clerical todo-poderosa. Laborterra tinha a sua filosofia circulista livre de deidades, composta de plácidas meditações e de um vasto sistema de oratórios. Um clérigo circulista podia passar por perto e pedir uma fermentação ou um café, mas jamais bateria à porta de casa de uma família para lhe arrancar o primogénito dos braços.

De tantas em tantas décadas, uma potência estrangeira caía no equívoco de tomar a tranquila apetência dos laboreses pelo governo através da lei por uma ausência de ambição, interpretando uma certa inclinação para a satisfação própria do isolamento como um sintoma de decadência e fraqueza da sua sociedade e concluindo que aquela nação de comerciantes estaria muito melhor a servir aquilo que por eles tinha sido construído, estabelecida como estava nas suas ocupações guerreiras e desestabilizadoras. Muitos inimigos tinham presumido que *aquela que prefere não lutar é equivalente ao que não pode e não vai lutar*; contudo, todos tinham sido severamente castigados por isso. Embora difícil de provocar, os seus inimigos descobriam, uma vez o mal feito, que Laborterra não era propriamente uma nação de lojistas desajeitados, proprietários rurais gananciosos e campónios estupidificados. Em vez disso, deparavam-se com uma fossa

de leões, um povo com um temperamento verdadeiramente áspero, indomável, e sem qualquer complacência para com os desordeiros, fossem eles estrangeiros ou domésticos. Claro está que o facto de Laborterra ser a única nação no mundo a possuir um abastecimento de celgas nunca fizera mal à soberania do reino, e na verdade a sua frota aérea única era a inveja do mundo inteiro, um muro flutuante de morte, sempre a postos para garantir as liberdades ancestrais do seu povo.

“Mais vale borra-botas em Laborterra do que príncipe em Quatérturno”, já dizia a velha canção popular das tabernas, e naquele momento, o coração de Molly correspondia a esse sentimento, apanhado como tinha sido pela atmosfera coletiva daquela multidão chauvinista. Foi então que ela se lembrou do Sacristão à sua espera no internato com a vara cortante, e o seu coração perdeu o ânimo por um momento. No entanto, o espírito veio rapidamente em seu auxílio; Molly sentiu a sua determinação redobrada ao recordar uma das histórias-lição de Damson Darnay. Cada uma delas era uma gema para ser valorizada na sua vida miserável, mas havia uma em particular que ela recordava com uma claridade apaixonada, mesmo agora, tantos anos depois da morte da mulher que fora como uma mãe para ela.

A lição tinha a forma de uma carta escrita havia já muitos séculos: um relatório endereçado ao então rei de Quatérturno pelo seu embaixador em Laborterra, muitos anos antes de a guerra civil do reino ter tido lugar, quando a maior parte do continente estava ainda debaixo do jugo dos regimes absolutistas. O monarca do trono ancestral de Laborterra estava a assistir a uma peça de teatro quando a multidão se começou a manifestar contra ela, vaiando os actores até estes se verem obrigados a abandonar o palco; depois, e ao repararem na presença do rei no camarote real, apedrejaram-no também a ele. O quaterturniano estupefacto descreveu ao seu monarca a visão inconcebível da guarda do rei a debater-se com o povo enquanto batia em retirada, ao mesmo tempo que a população endiabrada ia forçando o soberano corpulento a afastar-se cada vez para mais longe do teatro em chamas. Que cena tão bizarra para aquele embaixador desconcertado, vindo de uma terra em que um servo obediente podia ser espancado até à morte por não se ter dirigido a um nobre com o devido respeito. Porém, quão demonstrativa do carácter de um laborês.

Molly trazia essa história bem guardada no seu coração. Ela podia até ser uma órfã educada por um Estado indiferente, mas jamais admitiria qualquer forma de intimidação; aos olhos da lei, era igual a qualquer servidor do internato ou ao proprietário de uma lavandaria de Ferromédio.

Que bom que seria se o Sacristão também visse as coisas dessa forma.

...

O escritório do diretor do internato das Portas do Sol parecia formar contrastes cada vez mais gritantes com as restantes áreas decrépitas do internato: a sua secretária em teca brilhante, os seus tapetes faustosos, o obrigatório quadro a óleo do Primeiro Guardião, Hoggstone, suspenso atrás da sua cadeira... Depois de ter percebido que o Sacristão não parecia estar inclinado a dar início a mais uma sessão de maus-tratos com ela, a segunda coisa que saltou aos olhos de Molly foi a presença silenciosa de uma elegante senhora sentada na *chaise-longue* do escritório. Janota. Roupas de qualidade. Demasiado bem vestida para ser inspetora escolar. Molly lançou um olhar suspeito ao Sacristão.

— Olá, Molly — disse ele, ao mesmo tempo que os seus olhos preguiçosos de charlatão pestanejavam. — Senta-te aí para eu te apresentar à nossa convidada.

Molly respondeu com a sua melhor cara de advogado mal preparado para expor o seu caso.

— Sim, senhor.

— Molly, esta senhora chama-se Damson Emma Fairborn, e é uma das entidades empregadoras mais proeminentes das Portas do Sol.

A senhora sorriu para Molly, afastando uma madeixa encaracolada de cabelo louro da face; atingida pela idade, a madeixa apresentava agora um tom platinado.

— Olá, Molly. Pergunto-me se terás um apelido?

— Templar — interveio o Sacristão, — por causa do...

A senhora torceu um dedo com um gesto que poderia ter sido interpretado como um sinal de desagrado. Estranhamente, o Sacristão calou-se.

— Molly, estou segura de que podes responder por ti mesma...

— Por causa do templo de Lump Street, onde os regedores me encontraram abandonada e embrulhada num lençol de seda — disse Molly.

— De seda? — perguntou Damson Fairborn, sorrindo. — A tua mãe devia ser uma senhora de certa posição para se dar ao luxo de deitar fora um pedaço de seda de qualidade. Talvez uma brincadeira com o pessoal dos andares de baixo, ou quiçá um caso amoroso?

A expressão de Molly contorceu-se de desagrado.

— Mas claro, de certeza que tu terás já meditado mais do que o suficiente na identidade dos teus pais. Afinal de contas, não deve haver muito mais com que ocupar a mente num sítio destes.

Uma ideia súbita apoderou-se da mente de Molly, mas a senhora abanou a cabeça em sinal negativo.

— Não, Molly. Eu não sou tua mãe, embora me pareça que, com a minha idade, talvez pudesses ser minha filha.

O Sacristão pigarreou.

— Devo dizer-lhe que Molly tem um certo caráter, Damson, ou melhor, um temperamento áspero.

— Talvez para condizer com os cabelos ruivos? — perguntou a senhora, sorrindo. — E quem é que não teria, enfiado num pardieiro destes? Sem direito a belas roupas, a um bom vinho, à companhia de homens galantes e a uma boa mão de *whist*? Estou absolutamente segura de que o meu temperamento também não melhoraria um milímetro se as nossas posições se invertessem.

O Sacristão lançou um olhar gelado na direção de Molly, e depois olhou para a senhora.

— Eu não...

— Creio que já ouvi o suficiente da sua parte, Sacristão — disse Emma Fairborn. — Vamos lá, Molly. Fazes-me o favor de me trazer aquele livro ali?

Molly olhou para o volume forrado a pele para o qual o seu dedo apontava; o livro estava numa das prateleiras mais altas das estantes do Sacristão. Depois de encolher os ombros, avançou até à estante, retirou o livro da prateleira e soprou o pó que entretanto se tinha acumulado no topo: limpo como novo. Tratava-se de um tratado de filosofia que o Sacristão tinha o costume de usar para impressionar as visitas com o seu intelecto. Depois, Molly aproximou-se do lugar onde a senhora estava sentada e entregou-lhe o livro.

Damson Fairborn tocou suavemente a mão de Molly por um instante, antes de a virar e examinar como uma cigana que lê a palma.

— Obrigada, Molly. Fico muito satisfeita pelo facto de teres passado tão pouco tempo na lavandaria daquela Snell. Tens umas mãos demasiado bonitas para serem arruinadas pela lixívia — disse ela, pousando o livro a seus pés. — Além disso, tens um bom sentido de equilíbrio para alguém com a tua altura. Um dedo acima do metro e sessenta e cinco, diria eu.

Molly assentiu.

— Minha querida, não podes fazer ideia do número de raparigas bonitas que eu conheço que escoiceiam como cavalos de carga numa feira de província; se não é isso, então bamboleiam-se como um pato que teve o azar de ser enfiado dentro de um corpete. Parece-me que nós podemos trabalhar isso juntas. Diz-me uma coisa, Molly, gostaste de viver aqui no internato?

— Foi muito... entediante, Damson — respondeu Molly.

A resposta pareceu diverti-la.

— Não me digas? Para alguém criado entre estes muros, tens um vocabulário muito erudito.

— A diretora anterior era uma circulista, Damson Fairborn — disse

o Sacristão. — Ela mantinha as raparigas na escola muito para lá da idade regulamentar, desrespeitando a Lei dos Pobres.

— A mente é a coisa mais difícil de aprimorar e a mais fácil de desperdiçar — disse a senhora. — E tu, Molly? Não recebias qualquer salário por estes trabalhos, imagino?

— Não, Damson — respondeu Molly. — Vai tudo para o internato dos pobres das Portas do Sol.

Damson Fairborn assentiu com um ar compreensivo.

— Sim, tenho a certeza de que o meu queixo cairia de espanto se soubesse o quanto o Quadro Diretivo gasta em provisões para alimentar as meninas nas lojas de alimentação mais baratas. Ainda assim — e nesta altura, olhou diretamente para o Sacristão, — estou bastante segura de que os fornecedores não deixarão de obter também os seus lucros.

O corpo do Sacristão contorceu-se positivamente atrás da sua secretária.

— Bem, minha querida — disse Damson Fairborn, enquanto ajustava o curto manto de seda em redor dos ombros do casaco. — Parece-me que vais servir perfeitamente. Assim que os honorários para o Quadro dos Pobres tiverem sido descontados, creio que posso passar a pagar-te um belo estipêndio.

Molly ficou estupefacta. Se havia patrões que pagavam um subsídio ao internato e um salário-extra aos aprendizes, isso já era uma novidade no internato das Portas do Sol. A ideia não muito clara do reformatório funcionava apenas como fonte de mão-de-obra barata para os seus responsáveis.

— Ela é órfã, não se esqueça desse detalhe — lembrou o Sacristão. — Dentro de um ano vai obter a sua carta de maioridade, e a partir desse momento torna-se uma votante. Posso transferir os papéis da sua custódia para o seu nome, mas apenas por doze meses.

A senhora sorriu.

— Tenho a sensação de que, depois de um ano comigo, os gostos da nossa jovem dama serão demasiado sofisticados para que ela considere sequer a possibilidade de voltar a trabalhar nas proximidades de Handsome Lane.

Molly seguiu a sua nova patroa até à rua, deixando o reformatório húmido e frio das Portas do Sol entregue ao Sacristão e às suas protegidas. Um fiacre privado esperava a senhora, com os cavalos e a carruagem de um negro tão acentuado como a farda do criado dobrado e de testa alongada por cima deles.

— Damson Fairborn — disse Molly de uma forma educada no momento em que o criado lhes abriu a porta da carruagem.

— Diz, minha querida.

Molly apontou na direção dos muros do internato atrás das duas, altos como os de uma prisão.

— Este não é o lugar mais comum para se vir recrutar uma doméstica.

A sua nova patroa pareceu ficar surpreendida com aquela observação.

— Mas, cara Molly, eu não pretendo fazer de ti uma doméstica nem uma lavadeira. Pensei que me tivesses reconhecido pelo meu nome.

— Pelo seu nome?

— *Lady Fairborn*, Molly, tal como está escrito no nome do meu estabelecimento: “Fairborn e Jarndyce”.

Molly sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias.

— Claro está — continuou a senhora, piscando o olho para o seu criado altamente musculado — que infelizmente o nosso Lorde Jarndyce já não se encontra entre nós. Não é assim, Alfred?

— Uma perda irreparável, *milady* — respondeu o criado. — Diz-se que morreu durante o jantar, sufocado com um pedaço de casca de lagosta.

— Assim foi, Alfred. Na verdade, tratou-se de um descuido da sua parte. Parece-me ter sido uma das raríssimas ocasiões em que a boa vida se revelou altamente prejudicial para o bem-estar de alguém.

Os olhos de Molly estavam ainda esbugalhados com o choque daquela novidade.

— Mas a Fairborn e Jarndyce é...

— Um bordel, minha querida. E eu, para não colocar demasiada sensibilidade no epíteto, sou conhecida em toda a Ferromédio como a Rainha das Prostitutas.

O criado colocou-se imediatamente atrás de Molly, barrando-lhe o caminho de qualquer eventual fuga ao longo da rua.

— E tu, Molly, tenho a sensação de que te vais dar realmente bem como uma das minhas meninas.

De regresso ao escritório do Sacristão, a Observadora tomou forma na realidade do internato. Ela tinha direito a apenas uma intervenção, e na verdade fora uma das suas melhores. Pequena, como devia ser. Quase nem se tinha tratado de uma intercessão.

A ideia original do Sacristão era ceder os papéis da custódia de Molly ao grande matadouro de Cringly Corner; no entanto, essa via realista apenas lhe teria servido para ver Molly ser despachada de volta, novamente dispensada por insubordinação, e de regresso ao internato em menos de

seis semanas. Isso não teria servido de nada à Observadora nem aos seus desígnios.

E como fora fácil desviar a atenção do cérebro do Sacristão um grau para o lado, permitindo que o novo plano tomasse forma na sua imaginação. A mente inteligente e arguta de Emma Fairborn revelara-se mais difícil, mas estava, ainda assim, dentro dos limites do alcance das intervenções da Observadora. O Sacristão estava agora sentado atrás da sua secretária, calculando a quantia que iria receber em subornos no final da semana.

A Observadora certificou-se de que tudo batia certo e ficara registado na sopa química e espessa da mente daquele homem. Algo, talvez um sexto sentido, fez com que o Sacristão coçasse a nuca e olhasse diretamente para o local onde ela se encontrava agora. A Observadora aumentou a intensidade da sua infiltração no nervo ótico do Sacristão e apagou até a sua presença de fundo de maneira a tranquilizar reconfortantemente o seu pequeno cérebro de macaco, deixando-o num estado de relaxamento. *Prata e ouro, pensa no dinheiro.* O Sacristão reorganizou os seus papéis e guardou-os numa gaveta fechada à chave. Esta semana ia novamente dar uma ótima colheita.

A Observadora suspirou e voltou a desvanecer-se na realidade. Era realmente uma pena, mas o Sacristão não iria viver tempo suficiente para adquirir aquela décima segunda casa de campo junto à costa e adicioná-la ao seu império imobiliário de burguês. Ela podia até tê-lo salvo; no entanto, havia um certo número de intervenções que a Observadora apreciava não estar obrigada a fazer.

Capítulo Dois

O campo de aeróstatos de Cem Cadeados estava a encher-se cada vez mais com os passageiros que aguardavam a chegada do *Dama Falcão Iluminado*. Oliver colocou novamente a mão no interior do bolso das suas calças; a descrição amarrotada do hóspede do seu tio continuava por lá.

— Oliver.

Uma voz desviou a sua atenção para longe da tarefa de que o tio o tinha incumbido: Thaddius, um rapaz seu conhecido da escola. Dos tempos em que Oliver estava autorizado a frequentar a escola, claro.

À boa maneira dos adolescentes em todas as partes do mundo, os colegas de Thaddius tinham-lhe atribuído a alcunha de “Fininho” precisamente por ele ser tudo menos isso. O robusto Thaddius tinha quase tantos amigos como Oliver em Cem Cadeados, ou pelo menos tantos como os que Oliver mantivera a partir do momento em que se tinha espalhado o rumor de quem ele realmente era ... ou pelo menos poderia vir a ser.

— Então? Andas na caça à cauda? — perguntou Oliver.

— Ando, pois — confirmou Thaddius, cujas bochechas rechonchudas se esticaram com um sorriso de orelha a orelha ao mesmo tempo que exibia um caderno aberto com uma grelha quadriculada e delineada de forma minuciosa a lápis aos olhos de Oliver.

— Estás a ver? Ainda na semana passada consegui o código da cauda do *Dama Âncora Negra*. Normalmente só navega na rota Medfolk-Calgness, mas a marinha mercante está a implementar a nova classe *Guardião Cunningham* no Sul, de maneira que agora andam a transferir alguns dos dirigíveis mais antigos para aqui.

Oliver assentiu por delicadeza. Thaddius estava desesperado por entrar para a Real Marinha Aerostática, mas a sua família tinha poucas poses para lhe comprar uma comissão, e demasiadas para permitir que ele assinasse contrato como um humilde navegante das nuvens. Assim, não restaria ao pobre e roliço Thaddius outro remédio senão seguir o negócio

de família e enveredar pela carreira de talhante, à semelhança do seu pai e restantes irmãos. Acabaria eventualmente por ganhar o hábito de passar os serões no campo de aeróstatos, observando com um olhar melancólico os graciosos cascos dos dirigíveis que ora se aproximavam, ora voavam para longe, sonhando com o que poderia ter sido, e isto num futuro não muito longínquo, uma vez que não faltavam mais de três meses para que Thaddius e os seus colegas de turma dobrassem os portões da escola pública local pela última vez.

— Homens de campo, à linha! — gritou um dos oficiais de uniforme verde do dirigível.

Um grupo de cabouqueiros robustos tomou posição, formando de imediato uma linha em forma de charuto sobre a relva. Um par de cavalos de carga robustos avançou até à cabeça da formação, de forma a colocar-se lado a lado com o vaporomem do campo, forte como um trator e preparado para assumir a maior parte do trabalho mais pesado.

Difícilmente se poderia dizer que o vaporomem admirava o seu trabalho: o nome dele era Eixoferrugento, e já quando o tio Titus era pequeno, ele trabalhava no campo de aeróstatos. Robusto como duas carruagens, a sua barriga-caldeira era delineada por seis rodas dentadas, e apesar da sua idade avançada, este vaporomem mostrava-se ainda em condições de alçar qualquer um dos seus quatro braços para rebocar um aeróstato até à posição de descolagem.

— Todos os que têm a reserva feita, é favor certificarem-se de que têm os bilhetes à mão! — exclamou um oficial.

Oliver suspirou... Viajar.

Thaddius olhou para ele e adivinhou-lhe os pensamentos.

— Eles não podem manter-te aqui fechado para sempre, Oliver. Têm que te deixar partir ou, enfim, tu sabes...

A sua voz pareceu descarrilar.

— Eles nunca me vão deixar em paz — contestou Oliver. — Gostam demasiado de me terem aqui preso para fazerem uma coisa dessas.

Thaddius não respondeu. As misérias do período de aprendizagem do ofício de família cada vez mais próximo surgiram a seus olhos em contraste com a perspectiva do futuro do seu companheiro fortuito no campo de aeróstatos: ser um proscrito para sempre; estar marcado de forma definitiva; ser falado pelas piores razões; estar impossibilitado de viajar para lá dos limites do condado e ser obrigado a assinar o livro de registos todas as semanas. Thaddius lançou-lhe um longo olhar compassivo, afastando-se pouco depois em direção ao hangar dos aeróstatos para se juntar ao grupo de caçadores de códigos de caudas que aguardavam junto aos portões.

Um suspiro ofegante vindo do sul e a descida de um quarteto de

motores de expansão silenciaram o burburinho da multidão à espera do dirigível: o aeróstato surgiu da floresta localizada logo atrás do campo de aterragem com a metade mais alta do seu casco pintada de verde, e a mais baixa num padrão axadrezado amarelo e preto.

O nariz do *Dama Falcão Iluminado* inclinou-se para baixo e os seus marinheiros abriram as escotilhas de ambos os lados da nave, lançando para o solo cabos com chumbos nas pontas que os homens de campo se apressaram a recolher. O enorme invólucro foi então rebocado na direção da torre de atracagem, ao mesmo tempo que o seu nariz ia sendo conduzido até ao respetivo anel de captura com um enorme rangido metálico. Uma vez fixo, os cabos do aeróstato foram amarrados às roldanas e o aeróstato foi puxado para baixo, até que atingiu uma posição de flutuação estável a cerca de três metros do solo.

A torre de atracagem tinha sido construída sobre um só carril de ferro. Se o plano de voo do aeróstato incluísse um ancoradouro para passar a noite, tanto a torre como a nave teriam de ser transferidas para o hangar, situado num dos pontos extremos do terreno onde Thaddius aguardava ansioso na companhia das outras crianças. As escadas de desembarque foram levadas até junto das portas, e os vagões com água do lastro e os preciosos cilindros de celgas puxados para estibordo.

O fluxo habitual de passageiros com negócios em Cem Cadeados começou enfim a desembarcar. Metade dos viajantes eram de origem estrangeira: as togas brancas das cidades-estado da Liga Catosiana contrastavam com os ponchos multicolores do Sagrado Império de Kikkosico. Nenhum dos dois países permitia que os aeróstatos laboreses sobrevoassem os seus territórios, suspeitosos do monopólio do reino no domínio das viagens aéreas e das oportunidades para reconhecimento geográfico que estas lhe proporcionavam. Os estrangeiros chegavam ao reino através da travessia do canal, desembarcando nas Profundezas Erguidas de Toby, e regressavam a casa nas escunas ou *ferries* que atravessavam o Mar Sépia.

Entre a amálgama de viajantes, podia encontrar-se igualmente um grupo de arqueólogos oriundos de uma das oito grandes universidades, facilmente detetáveis pelas malas em pele que traziam consigo, repletas de instrumentos sensíveis que jamais arriscariam sujeitar às sacudidelas bruscas do porão. Os arqueólogos continuavam ainda a discutir se o fosso colossal que delimitava a cidade era uma deformação natural ou alguma espécie de façanha de uma civilização antiga.

Oliver enfiou as mãos nos bolsos das calças por causa do frio e sentiu subitamente o papel amarrotado no interior de um deles, lembrando-se de imediato da razão da sua visita ao campo de aeróstatos: o hóspede do seu tio!

Entretanto a maior parte dos viajantes tinha já dispersado; a fila de passageiros pronta a embarcar no *Dama Falcão Iluminado* resumia-se agora a algumas pessoas chegadas um pouco mais atrasadas. Ao longe, os rapazes da terra tinham montado um jogo de quatro-estacas no terreno, o *bowling*-rápido amador que os oficiais do aeróstato observavam com uma indiferença divertida, ao mesmo tempo que iam aguardando que a carga de celgas e a água do lastro voltassem a ser depositadas no interior do dirigível.

Um vendedor ambulante deambulava pelas imediações, tentando desembaraçar-se da sua mercadoria junto dos passageiros provenientes do Sagrado Império de Kikkosico com uma garrafa cheia de fumo ao peito, oferecendo seis inspirações de erva-murmurejante por apenas um *penny*. O pessoal das caleches tinha também desaparecido com os seus coches puxados por pequenos cavalos, que levavam qualquer viajante até ao canal de navegação de Cem Cadeados (do qual a terra tinha herdado o nome) através das ruas da pequena localidade.

Entre os retardatários, encontrava-se um homem que correspondia à descrição que o tio de Oliver tinha retirado da sua secretária. Tratava-se de um homem magro, ligeiramente mais baixo do que o metro e oitenta de Oliver, com os cabelos de um louro-escuro igualmente despenteados, curtos e desmazelados. A descrição esquecera apenas os óculos escuros em ferro pousados sobre o nariz; modestos como eram, seguramente que jamais teriam figurado nas prateleiras exclusivas de um oftalmologista da capital.

Oliver estava bastante habituado a conduzir os hóspedes do campo de aeróstatos até à Pousada das Setenta Estrelas, a hospedaria do seu tio, mas normalmente tratavam-se sobretudo de comerciantes abastados como o próprio Titus Brooks. O seu armazém situado na Cidade dos Embarcadores estava cheio até aos tetos de barris de vinho do império, geringonças provenientes das cidades-estado e (dizia-se) conhaque contrabandeado a partir de Quatérturno, uma importação que fora legal durante centenas de anos mas estava agora proibida desde o final da Guerra dos Dois Anos, tanto em Quatérturno como em Laborterra.

O homem que Oliver tinha diante dos seus olhos assemelhava-se bastante a um clérigo de uma paróquia de província, tal era a modéstia das suas roupas. Oliver aproximou-se dele.

— Senhor Stave?

— Harry — respondeu o homem, estendendo a mão na direção de Oliver. — Harry Stave. A última vez que me chamaram Senhor qualquer coisa foi em...

O homem fitou Oliver por um instante e reconsiderou a hipótese de terminar a história.

— Bem, digamos que há muito tempo. Trata-me simplesmente por Harry.

— O meu tio está à sua espera, Harry.

Oliver apontou na direção da cidade.

— Não duvido, velho compincha, mas a minha bagagem, mesmo sendo pouca, ainda está para sair do *Dama Falcão Iluminado*.

Uma rede de cânhamo tinha sido aberta por baixo da escotilha do porão e ia recebendo os sacos de correio vermelhos e com o selo distintivo do RdJ: um leão por baixo da ponte levadiça da Casa dos Guardiães. Um vaporomem puxava um carrinho de transporte de viagem, afastando-se da sombra do dirigível, carregado com uma série de caixotes, pacotes e baús.

— Não se pode dizer que tenha viajado leve.

— Só mais esta — disse Harry, erguendo uma mala de viagem bastante usada com a pega em marfim — e pronto, já está.

Cada uma das palavras do hóspede era cuidadosamente proferida, um pouco como se o homem polisse cada vogal antes de pronunciá-la. No entanto, as palavras medidas contrastavam com a sua aparência rude. Oliver ofereceu-se para carregar a mala, mas Harry abanou a cabeça em sinal negativo.

— Trabalhas para Titus?

— Ele é o meu tio. Suponho que sim.

— Ah, muito bem — disse Harry, detendo-se para observar Oliver um pouco melhor enquanto os dois se afastavam já do campo. — O jovem mestre Brooks. Eu é que devia ter-te reconhecido, embora não reste grande coisa da criança que eu conheci no homem que tenho agora diante dos meus olhos.

Este comentário deixou Oliver em estado de alerta.

— Conheceu os meus pais?

— Posso dizer que sim, Oliver. Os meus negócios colocaram-me várias vezes no caminho do teu pai e da tua mãe. Uma vez, quando eras ainda bebé, por pouco que não bolsaste em cima de mim. Recordas-te de algum dos dois?

— Não. Não me lembro de nada — respondeu Oliver, incapaz de esconder a mágoa na sua voz. — O meu tio... Sabe como é, ele não costuma falar muito deles.

— É tão duro perder um pai como um irmão, velho compincha — disse Harry com um tom suave.

Ao aperceber-se do efeito que a conversa estava a ter sobre Oliver, tentou mudar de assunto.

— Nesse caso não falemos mais disso. Permitamos aos que avançaram ao longo do Círculo que descansem em paz nas suas novas vidas.

Oliver perguntou-se se o hóspede do seu tio saberia que ele estava cadastrado. Era provável que sim; se tinha conhecido os seus pais, seguramente que teria ouvido as histórias relativas àquilo que lhes acontecera, assim como a ele. Contudo, se isso incomodava Harry de alguma forma, ele conseguia disfarçá-lo de modo bastante convincente.

Estavam já na cidade. A Pousada das Setenta Estrelas ficava para lá dos limites exatos de Cem Cadeados, aninhada no sopé das colinas que davam para as Profundezas Erguidas de Toby. Um cão atado a um pau no exterior do mercado de peixe ladrava continuamente; enquanto isso, os estivadores chegados da Cidade dos Embarcadores iam vagueando em busca de um lugar onde passarem a noite nas estalagens e nas tabernas, fazendo ressoar as suas botas com as biqueiras de aço, nas pedras arredondadas da calçada.

A conversa sobre os seus pais tinha abatido o ânimo de Oliver. Era então daquela forma que ele teria que delinear o mapa da sua vida. Sem autorização para montar um negócio próprio nem para aprender um ofício; condenado a assinar o livro de registos do condado uma vez por semana; evitado pela maior parte das pessoas da cidade; fazendo pequenos recados para o tio, de maneira a manter-se ocupado e a não estorvar demasiado a vida do seu familiar; impossibilitado de sair dos limites da paróquia sem ser declarado foragido e procurado. Todas essas liberdades básicas, que até uma raposa na toca ou a andorinha na árvore tomavam por adquiridas, lhe eram negadas. Objeto de piedade, talvez; de caridade por parte do tio; de aversão por parte de todos aqueles que tinham um dia sido seus amigos e companheiros.

Foi a ruminar nessas reflexões sombrias que ambos chegaram à Pousada das Setenta Estrelas. Damson Griggs, a criada para todo o serviço, aguardava-os aos dois na soleira da porta. Damson Griggs esquadrinhou Harry Stave de alto a baixo (a mala de viagem coçada, as suas roupas modestas), e a sua expressão contorceu-se com um ar reprovador, como se Oliver fosse um gato que regressava a casa com uma ratazana morta para abastecer a despensa.

Damson Griggs era uma velha mulher cheia de força, e fosse por causa da perspectiva de trabalhar naquele lugar ou por viver na mesma casa que um rapaz cadastrado como Oliver, ela era agora o único membro do pessoal do serviço doméstico a trabalhar a tempo inteiro na Pousada das Setenta Estrelas. Qualquer outra casa de Cem Cadeados com dimensões semelhantes àquela precisaria de pelo menos cinco ou seis empregados para manter as suas instalações condignas; porém, Titus Brooks tinha o seu quê de antissocial e de solitário, de maneira que talvez esta fosse a situação que mais lhe conviesse. Damson Griggs encarava o medo su-

persticioso que toda a cidade tinha de Oliver como um disparate absurdo. Ela conhecia o rapaz desde miúdo, e se ele tinha uma unha de encantado que fosse, nunca se manifestara aos seus olhos durante os onze anos que passara junto dele.

Era possível que Oliver também fosse da mesma opinião, embora por outro lado ele jamais tivesse falado ao tio ou à governanta dos seus sonhos obscuros e arrepiantes.

— Que mau vento é que te traz até à nossa porta, Harold Stave?

— Por favor, Damson Griggs, trate-me por Harry — disse o hóspede.

— Bem, se vais ficar aqui connosco, nesse caso o melhor é eu ir fechando o armário do conhaque do patrão. A não ser que te tenhas deixado das tuas beberices e das vadiagens por todos os cantos de Laborterra, e, não duvido, por muitos outros países.

— Mas quem é que tem andado a aviltar a minha reputação dessa forma? — perguntou Harry, coçando o emaranhado louro do seu cabelo. — Damson Griggs, fique desde já a saber que, nas últimas duas semanas, não passou nem uma gota de material desse género pela minha garganta.

— Tinhas uns hábitos demasiado ásperos para a marinha te manter ao serviço — respondeu Damson Griggs, agitando um dedo do tamanho de uma salsicha na direção do homem. — Se entretanto não mudaste, aviso-te desde já que debaixo deste teto eles também não vão fazer grande coisa por ti.

Apesar das advertências, Griggs abriu um pouco mais a porta para permitir a passagem de Harry, recolhendo o seu impermeável leve de verão e pendurando-o num dos ganchos em forma de chifre do corredor da entrada. Amplo, forrado com azulejos brancos, o corredor encontrava-se ainda repleto de uma luz brilhante e límpida. Quando chegasse o final de tarde, o Sol estaria então situado para lá das Profundezas Erguidas de Toby, e o extremo norte de Cem Cadeados faria jus ao seu nome — Lado Sombrio —, ao mesmo tempo que as trevas do fosso se abateriam sobre a casa. A Damson entraria então numa verdadeira azáfama, acendendo as lamparinas a óleo repletas de sangue gorduroso dos deslizagudos apanhados no Mar Sépia e mortos um pouco acima deles, na Cidade dos Embarcadores.

— Infinitamente grato, Damson — disse Harry, piscando um olho a Oliver.

Ouviu-se um ruído no andar de cima. Titus Brooks estava ainda no seu escritório, uma abóbada em forma de cebola na qual o seu residente anterior (um oficial naval na reserva) tinha mandado instalar um telescópio. Hoje em dia, restavam apenas os braços em ferro ao centro daquela divisão, uma vez que o telescópio tinha sido retirado e vendido pelos seus filhos e filhas aquando da morte do oficial.

Damson Griggs afastou-se com o hóspede, voltando pouco depois a descer já sozinha.

— Ouve bem aquilo que eu te vou dizer, Oliver Brooks. Mantém-te afastado desse homem. Ele é má rês.

— É navegador, Damson Griggs? — perguntou Oliver.

— Navegador? O único dirigível em que aquele passa a vida a voar é o *Dama dos Sarilhos* — resmungou a governanta.

— Mas foi navegador? A senhora disse...

— Ouve mas é aquilo que eu te vou dizer agora, jovem mestre Brooks. A única coisa que aquele estouvado alguma vez soube fazer na vida foi esgotar as provisões de rum dos marinheiros honestos. Antes ainda de tu teres nascido, Harry Stave trabalhava na Delegação Alimentar da Marinha e estava encarregado de comprar alimentos, celgas e outras provisões para a RMA². O teu tio e ele conhecem-se dos contratos assinados com a Delegação, mas entretanto aqui o senhor Stave acabou despedido. De certeza que foi apanhado com a mão na massa.

— E agora trabalha para o tio Titus?

— Não, jovem mestre. De certeza que não. Trabalha para ele próprio, tal como de resto deve ter feito sempre ao longo da sua vida.

— Nesse caso, que tipo de negócio é que o pode ter trazido até aqui?

— Ora aí está uma boa pergunta, e se lha fizeres diretamente, duvido que obtenhas uma resposta honesta. O mais provável é ele dizer-te que vem tratar de algum estratagema para comprar barato e vender ligeiramente mais caro.

Oliver contemplou fixamente as escadas que davam para o escritório do seu tio.

— Jovem mestre Brooks, aconselho-te a manteres-te à distância desse homem. O teu pescoço é-me demasiado querido para eu acabar a vê-lo dançar para as turbas do carrasco às portas de Bonegate. Se passares demasiado tempo com esse velhaco, vais entrar por maus caminhos, tenho a certeza disso.

Quando Damson Griggs embirrava com alguém, não valia a pena tentar contrariá-la, de maneira que Oliver se limitou a assentir em forma de anuimento. Tal como ele via as coisas naquele momento, a via do crime parecia-lhe talvez mais interessante do que a da aprendizagem do ofício de rapaz de recados por piedade e pela afinidade familiar por um irmão falecido.

— Agora desaparece de ao pé de mim mais as tuas perguntas — ordenou a Damson. — Millwards veio entregar a remessa de comida esta

² RMA — Abreviatura de Real Marinha Aerostática. (*N. do T.*)

manhã e eu tenho uma tarte para fazer para o jantar. Uma extragrande, se aquele canalha que está lá em cima com o teu tio passar aqui a noite.

Ao regressar à Pousada das Setenta Estrelas vindo dos operadores de redes de cristais com a última luz do crepúsculo e uma bolsa em pele repleta de mensagens de cartões perfurados de Ferromédio para o seu tio (preços das casas financeiras de Gate Street e os movimentos das ações da bolsa de câmbios de Sun Lane), Oliver sentiu-se exausto da caminhada.

Damson Griggs tinha entretanto regressado à sua casa de campo, deixando a tarte e umas batatas cozidas frias cobertas por um prato na cozinha. Pelos dois copos de vinho vazios e pelos resíduos vermelhos da garrafa de *Claret*, Oliver pressupôs que o seu tio e o hóspede teriam já jantado, pelo que avançou até ao cimo das escadas; uma vez aí, viu que a luz saía ainda pela frincha da porta do escritório do seu tio, à qual se juntava um som abafado de conversa.

As palavras de aviso de Damson Griggs voltaram a surgir-lhe no espírito. Por que razão é que este intruso de proveniência incerta tinha vindo visitar o seu tio? Estaria o tio Titus envolvido em algum negócio de natureza pouco clara? Oliver podia não ser um economista da capital com residência na zona mais elegante das Portas do Sol, mas do seu humilde ponto de vista, os negócios do seu tio pareciam-lhe seguros o suficiente.

Oliver deslizou novamente para o rés-do-chão e recolheu uma chave escondida num degrau, abrindo depois a porta do salão de forma silenciosa. Lá dentro, a conduta da lareira subia através da parede até ao escritório, dando para uma grelha situada mais acima que funcionava como única fonte de calor daquela divisão durante os frios invernos de Cem Cadeados. Oliver tinha descoberto que, tal como o calor tem a tendência a subir, os sons de uma conversa têm tendência a descer. Assim sendo, encostou a orelha à abertura. Lá fora, as primeiras estrelas da noite começavam a despontar; antes da meia-noite, as setenta estrelas às quais a hospedaria de pedra de cal cinzenta fora buscar o nome seriam visíveis a olho nu. Nem o seu tio nem o hóspede falavam muito alto, pelo que Oliver teve de se esforçar para ouvir apenas excertos desconexos da conversa entre os dois.

— Problema... contar com um plano comu... comprometido — disse o seu tio.

— Se for isso... pensa que eles... serviço hostil... aprendem — disse o mal-afamado Stave.

— Desta vez... até... nas trevas.

Oliver inclinou-se para a frente tanto quanto se poderia atrever. Ouviu-se um bater familiar: era o seu tio a desobstruir o cachimbo num dos lados da secretária.

— Será que eles aparecem... — começou Harry Stave.

— Os nossos amigos de Leste? — perguntou o tio Titus.

De Leste? Os olhos de Oliver arregalaram-se. O Sagrado Império de Kikkosico ficava a nordeste, e diretamente a leste era Quatérturno; no entanto, aí não havia amigos, pelo menos não desde a Guerra dos Dois Anos.

Vendo-se derrotado, o comandante de Quatérturno tinha decidido fechar e selar as suas fronteiras terrestres por completo, erguendo um muro das maldições entre as duas nações; o muro tinha a dupla função de dissuadir os compatriotas do comandante com o desejo de abandonar o país dilacerado pelas revoluções e de desencorajar qualquer incursão militar por parte dos laboreses. Não havia agora qualquer intercâmbio comercial oficial com os turnianos, embora os contrabandistas continuassem a fazer aterrar cargas de conhaque ao longo da costa nos pontos em que lhes era possível desviar as atenções dos oficiais das casas alfandegárias. Tal como o resto das crianças de Cem Cadeados, Oliver tinha sido exaustivamente avisado no sentido de jamais se aproximar das regiões mais interiores a leste da cidade, onde apenas as sombras dos aeróstatos-patrolha e as estranhas guarnições de casacas-vermelhas e botas de borracha percorriam os pântanos fustigados pelo vento.

— Um jogo sujo... — disse Harry Stave.

— Já... no vento... — respondeu o tio Titus, ouvindo-se o arrastar de uma cadeira a ser puxada para trás. — Dois dos meus mortos...

Mortos! Oliver reteve a respiração. Em que esquema ilegal é que Harry Stave teria envolvido o seu tio? Estaria o armazém da Cidade dos Embarcadores a servir como esconderijo para barris de conhaque sem selo de imposto? Teriam os guardas alfandegários sido mortos nalgum pequeno porto rochoso da zona das montanhas situada acima deles?

Subitamente, Oliver apercebeu-se de uma coisa: o seu tio jamais lhe revelara a extensão total dos seus negócios. Oliver fazia recados e ia reunindo os pedaços de informação que conseguia compreender, aprendendo gradualmente e através de histórias ocasionais quais os agentes de quem se podia esperar que negociassem de forma honesta ou qual o capitão de veleiro que poderia ser incentivado no sentido de deixar passar alguma carga por baixo da mesa. No centro das atividades estava o seu tio, e mais ninguém do pessoal às suas ordens. Até Oliver podia compreender que os interesses dos que trabalhavam nos armazéns nunca se estendiam (ou eram autorizados a estenderem-se) para lá dos cais da Cidade dos Embarcadores: seria isto sinónimo de algo mais do que uma natureza cautelosa? Ou seria a ignorância da mão esquerda relativamente aos negócios realizados pela direita uma necessidade que impedia que o tio Titus acabasse do lado errado da corda do carrasco às portas da prisão de Bonegate?

Ouviram-se vários arrastar de cadeiras seguidos no andar de cima, pelo que Oliver fechou a porta do salão silenciosamente e trepou para a sua cama no rés-do-chão. Parecia que Damson Griggs tinha tirado bem as medidas a Harry Stave, mas até onde chegaria o envolvimento do tio? Oliver sentiu o ferrão da vergonha em reação imediata ao pensamento de a possibilidade de o seu tio ser preso não constituir uma preocupação pelo seu único familiar vivo, mas sim pelo *seu próprio* futuro. Ao abrigar um rapaz cadastrado debaixo do seu teto, o seu tio já se tinha arriscado a ser proscrito daquilo que passava por ser a classe mais prestigiada de Cem Cadeados, e ainda assim, o ingrato Oliver Brooks continuava mais preocupado com o que poderia acontecer à sua própria pele.

Se o tio Titus fosse preso, aí sim, perderia todas as possibilidades de conseguir um emprego em Cem Cadeados, ficando sem qualquer outra hipótese de futuro que não as frias e pouco acolhedoras portas do Serviço de Pobres local. Oliver estremeceu só de pensar nisso. O condado da Luz tinha já a sua conta de pobres e azarados da vida que dependiam dele; um rapaz cadastrado caído no seu regaço podia ser a gota que faria transbordar o copo. Não seria muito mais simples preparar um pequeno acidente durante a noite? Uma almofada sobre a cara dele, e o hóspede impertinente desapareceria das vidas dos habitantes da pousada.

Apanhado entre os muros invisíveis da sua prisão domiciliária de Cem Cadeados, o seu futuro cinzento ia-se tornando sucessivamente mais pequeno, ao mesmo tempo que Oliver ia deslizando para um sono inquieto.

Capítulo Três

A Vigilante Quarenta e Seis empurrou o telescópio para a esquerda com o pedal de pé. O motor de transação levou alguns segundos a equilibrar toda a panóplia de espelhos, e a imagem na luva-face de borracha surgiu desfocada antes de recuperar a nitidez com um *clac-clac-clac* obstinado. Pelo canto do olho, a Vigilante Quarenta e Seis ia observando as outras vigilantes, montadas em canos sustidos por esteios com assentos vermelhos e almofadas estrategicamente colocadas por baixo das enormes estruturas dos telescópios.

As miras acompanhavam o arco do *monitorarium*, curvando-se em redor da parede interna da esfera. Um guindaste montado num carril ia-se deslocando por trás dos telescópios, e as monitoras estavam cobertas com uma espécie de sobretudo de tecido grosseiro cinzento que se arrastava sobre as placas de ferro. O frio do *monitorarium* era quase visível a olho nu: qualquer fonte de calor que pudesse interferir com a atividade das observações estava proibida.

— O teu relatório, por favor.

Era a Monitora Oitenta e Um. Era sempre assim, brusca e eficiente. Os fios dos seus auscultadores davam para o guindaste, mais concretamente para uma trombeta sobre a qual a Oitenta e Um se inclinava para falar.

A monitora era uma das da nova fornada, acabadinha de sair da recruta, e ainda pensava que retransmitir relatórios *através de* era o mesmo que entregar relatórios *a*. Ela pigarreou; não tinha a mais pequena ideia da técnica de cantor-mundo que as vigilantes costumavam praticar. Com as botas forradas a veludo, ia-se limitando a pontapear um pé com o outro para tentar evitar que eles enregelassem, incapaz de produzir calor através da mente. Se usasse uma das peles das vigilantes, morreria de frio num telescópio antes do final da primeira observação. Era incapaz até de modificar o seu sangue, mesmo depois de experimentar uma das muitas amostras

que as vigilantes tomavam para se manterem acordadas e concentradas durante turnos que se prolongavam por semanas a fio.

— Esta unidade continua a puxar ligeiramente para a esquerda — lamentou-se a Vigilante Quarenta e Seis. — Pensava que um mecanomântico tinha colocado o telescópio em modo de manutenção.

— Para com as tuas choraminguices — rosnou a monitora. — Esta observação é prioritária, pode estar alguém a ouvir. Podia até ser a própria *Lady*. Se perderes o rumo nesta missão, vamos ter os malditos analistas a subirem pelas nossas costas acima. Dá-me mas é o teu relatório.

A vigilante susteve a língua. Podia ser uma prioridade, sim, mas não parecia suficientemente importante para desviar o seu telescópio do *monitorarium* para a agenda de manutenção.

— O aeróstato do alvo chegou a Cem Cadeados tal como previsto. O alvo foi acompanhado até casa do contacto, tal como antecipado. O alvo manteve-se no mesmo local durante as dezasseis horas seguintes. Manter vigilância.

A vigilante suspirou.

— A preparar para observação noturna.

Puxou um tubo de bebida do telescópio, e engoliu um pouco do *glup* de laranja que gotejava dele. A poção aqueceu-lhe o crânio ao mesmo tempo que algumas faíscas se acenderam nos seus olhos; a vista noturna fornecida pela fermentação iria durar até ao nascer do dia. À medida que o líquido se ia disseminando pelo seu corpo, ela atingiu o interior de si mesma com um dos truques de cantor-mundo, tornando a poção inerte antes que esta lhe atingisse o fígado, onde a estranha fermentação teria transformado esse órgão em guisado.

Olhando novamente para a máscara de borracha, centrou a sua visão na chaminé apagada da Pousada das Setenta Estrelas. Constante no seu defeito, o telescópio deslizou para a esquerda. A Vigilante Quarenta e Seis amaldiçoou os burocratas da Corte, mas apenas para si mesma.

Capítulo Quatro

Prever os momentos em que o Sussurrador vinha insinuar-se nos sonhos de Oliver não era uma tarefa fácil. Por exemplo, às vezes chegavam a passar-se semanas inteiras sem que ele o visitasse; noutras alturas, o Sussurrador podia aparecer quatro noites de seguida.

Oliver estava algures num grande palácio: o seu tio, Damson Griggs e outras pessoas andavam a correr pelos corredores, à procura de uma cadeira desaparecida. Parecia óbvio que a cadeira era importante. Oliver sabia que se tratava de um sonho porque nunca antes se encontrara com o rei, e o monarca, não tão feliz como tudo isso, ia dizendo que se ao menos conseguissem encontrar a cadeira, talvez o parlamento pudesse concordar com a ideia de voltarem a coser-lhe os braços ao corpo. Foi então que o Sussurrador se insinuou no sonho.

— Oliver, sou capaz de te ver. Tu consegues ver-me?

— Não te consigo ver, Sussurrador. Vai-te embora.

— Quer dizer que consegues, Oliver — sussurrou a forma desfigurada entretanto surgida diante dele. — Eu consigo ligar-me a ti. Consigo ligar-me a quase todos os da tua raça.

— Eu não sou igual a ti, Sussurrador — disse Oliver.

— Pois não. Eu sei disso, Oliver, tu és o melhor de todos nós. Passei a vida inteira à espera que aparecesses. Os outros, isto é, aqueles que não estão fechados aqui com os meus amigos e comigo, pensam que são perfeitos, mas eles não sabem de ti, Oliver. Se te conhecessem, de certeza que não seriam tão orgulhosos, fúteis e autocomplacentes com os seus poderes.

Oliver sabia que o Sussurrador estava encerrado algures numa cave escura, situada muito abaixo da superfície da terra. Tinha sido acorrentado com feitiços, muros de maldições e poderosos portões de cantor-mundo. A sua face era um desastre inominável de carne humana, uma coisa impossível de descrever. Quando o Sussurrador nasceu,

os seus pais devem ter corrido durante uma légua só para se afastarem dele.

— Porque é que não sais dos meus pensamentos? — perguntou Oliver. — Porque é que não sais da minha vida?

— Tu és a minha vida, Oliver — silvou a criatura. — Tu e os outros com os quais eu contacto. Ou pensas que a minha vida vale alguma coisa por si só? Prenderam-me no meio das trevas, Oliver. Estou isolado numa cela em que não posso pôr-me de pé para não afugentar os guardas quando eles se lembram de vir ver se eu ainda por lá ando. As ratazanas são as minhas únicas visitas, Oliver. Vêm atraídas pelo meu fedor e pelas minhas sobras. Quando os guardas se esquecem de trazer-me comida, às vezes experimento os meus dentes nelas.

Oliver sentiu vontade de vomitar.

— E a que é que elas sabem?

O Sussurrador riu-se com um ruído semelhante ao do ar que se escapa de um motor de expansão.

— A que é que elas sabem? A galinha, Oliver, à melhor galinha assada que tu alguma vez provaste. Roubei o sabor da tua mente. Espero que não te importes. Tenho tão poucos pontos de referência...

Oliver sufocou a sua resposta e o Sussurrador executou uma pequena jiga desvairada diante dos seus olhos.

— Tento evitar a comida que eles me dão, Oliver. Eles adicionam-lhe poções para enfraquecerem o meu cérebro e para me deixarem exausto e sonolento.

No palácio dos sonhos, o monarca voltou a aparecer, mas assim que lançou uma olhadela ao Sussurrador, fez rapidamente meia-volta e saiu.

— Que coisa tão triste, Oliver. Até os fantasmas de um sonho me acham repugnante. Diz-me uma coisa: desta vez, sou eu que estou a sonhar contigo, ou és tu que estás a sonhar comigo?

— O que é que isso interessa? — gritou Oliver. — Deixa os meus pensamentos em paz!

— O teu momento está prestes a chegar, meu amigo perfeito — disse o Sussurrador. — Estás prestes a descobrir o quão flexível e surpreendente a vida pode ser. E quando o descobrires, é provável que te sintas bastante reconfortado por me teres por perto. Sim, é até bastante provável.

— Tenho a certeza que não — disse Oliver.

— Não te decidas de uma forma tão precipitada, Oliver. Tudo está já em marcha... Por exemplo, o teu curioso hóspede, Harry Stave, o que é que tu pensas dele, rapaz? Uma personagem um tanto ou quanto obscura, quiçá. A dar para o ocioso, ou talvez para o grosseiro?

— Eu não...
— Shh — murmurou o Sussurrador. — Vais acordar daqui a um par de segundos.
E assim aconteceu.

Era ainda muito cedo para assinar a folha de controlo do condado, e como sempre, Oliver deu por si à porta da esquadra da polícia de Cem Cadeados a tempo de ver sair os prisioneiros da noite anterior das suas respetivas celas, localizadas como estavam mesmo em frente do pequeno gabinete do magistrado de Rayner Street. Por entre o séquito habitual de fanfarrões das tabernas, distinguiram-se três quaterturnianos: dois homens e uma mulher, provavelmente irmã deles.

As suas roupas estavam num estado lastimável, e Oliver deduziu que eles teriam vindo por mar, contornando o muro das maldições ao longo da fronteira com Laborterra. Um dos homens tremia de forma descontrolada, ao passo que os seus compatriotas se remetiam a um silêncio que indiciava o estado de choque. Que histórias é que o Comité de Propaganda da Comunidade da Partilha Comum lhes teria contado? Que Quatérturno tinha ganho a Guerra dos Dois Anos? Que Laborterra era agora um modelo de práticas carlistas? Que, depois de substituir os seus agricultores por Comités de Equilíbrio Agrário e de colocar os seus Guardas Reais mais instruídos sob o jugo de um Colar de Gedeão (as máquinas a vapor assassinas que tinham entretanto sido instaladas nas praças de todas as cidades da Comunidade da Partilha Comum), Laborterra tinha atravessado também um período de fome?

Quaisquer que tivessem sido as patranhas que lhes tinham contado, não tinham chegado para dissuadir a vontade destes três de escaparem ao grande terror que agora se vivia em Quatérturno. Desde que os cantores-mundo da Comunidade tinham erigido o muro das maldições, os refugiados que conseguiam chegar vivos a Laborterra eram tão poucos que os magistrados lhes concediam agora de forma automática o estatuto de refugiados políticos.

Uma das muitas organizações de caridade para com os *émigrés* era então chamada a intervir. Afinal de contas, o número de nobres quaterturnianos a viverem em Laborterra era agora maior do que o daqueles que tinham permanecido nas suas terras: os mais afortunados tinham escapado com o seu ouro antes de o muro das maldições ter sido levantado. A classe dos menos abastados permanecia ainda nos campos de refugiados da Comunidade da Partilha Comum, agarrados a uma folha de papel com um número escrevinhado a vermelho... e acompanhados de um ferrolho em ferro cingido ao pescoço.

Enquanto a linha de prisioneiros se ia desvanecendo ao longo da rua, Oliver bateu à porta da esquadra e entrou.

— Oliver!

O sargento Cudban lançou um olhar furtivo na sua direção enquanto ia fechando as celas à chave.

— Então? Já é dia de assinar o ponto outra vez?

— Parece que sim — disse Oliver.

— Nesse caso entra de uma vez, miúdo, não fiques para aí especado a fazer cerimónia. O teu feiticeiro da madrugada já está à tua espera lá atrás. Queres uma chávena de café? Wattle acabou de fermentá-lo.

Oliver assentiu. O sargento Cudban era um homem oriundo da província: os seus modos eram bruscos e francos, e a sua escassa paciência para cantores-mundo rarefazia-se ainda mais com os modos afetados de Edwin Pullinger, Inspetor Real do Departamento de Estado da Brumencantada e atormentador oficial de Oliver.

— A noite foi dura? — perguntou Oliver.

— O costume, embora o vigário tenha passado por aqui ontem. Anda por aí alguém a esconder panfletos políticos no livro de direito circulista.

— Panfletos? — riu-se Oliver.

— Um resumo de *A Comunidade e os Comuns*. Devias ter visto a cara do homem: acho que o vigário nunca tinha lido nada daquilo, e a ideia de ter carlistas sentados nos bancos da sua piedosa igreja circulista começava a trazê-lo um bocado nervoso.

Oliver encolheu os ombros.

— Não sei se isso é muito importante, mas acho que eu também nunca li nada disso.

O sargento piscou-lhe um olho.

— Eu posso mais tarde arranjar-te uma cópia, compatriota. Os livros em brasa nunca me assentaram lá muito bem, miúdo. Essas coisas são histórias para pássaros estrangeiros, não para laboreses como nós. De qualquer das maneiras, desde oitenta e um que ninguém põe a vista em cima de Benjamin Carl, e no que me diz respeito, desde que a sublevação foi esmagada que a maior parte dos seus revolucionários tem passado os últimos quinze anos a fazer pão e a moer aço.

— E a imprimir panfletos — acrescentou Oliver com um tom malicioso.

O sargento Cudban espetou o anúncio de uma recompensa na parede; uma ilustração de um salteador de estradas e uma recompensa modesta encarou-os aos dois.

— Razões de queixa, rapaz. Toda a gente tem razões de queixa. Tu és feliz, miúdo? Como é que podes ser feliz quando és obrigado a vir aqui as-

sinar o controlo todas as semanas para fazeres o gosto àqueles imbecis vestidos de roxo? E achas que eu sou feliz? Três condestaveizinhos para fazer respeitar a ordem do parlamento, ao passo que a Cidade dos Embarcadores tem dez vezes esse número, para depois passarem o dia todo a fazerem o quê, a interrogar bacalhaus? A prender gaivotas? Depois mandam-me os marinheiros deles para aqui, já bem bebidos para racharem as cabeças uns dos outros nas minhas tabernas.

A cabeça do condestável Wattle surgiu através da porta.

— O inspetor Pullinger manda perguntar de que é que está à espera.

— Estás a ver, miúdo? Razões de queixa.

E depois, virando-se para o seu condestável:

— Acho que o departamento da Brumencantada não ia apreciar a minha resposta a essa pergunta, jovem Wattle.

Oliver foi mandado entrar no escritório. Cudban colocou-se discretamente debaixo da estante das armas da esquadra, a limpar os sabres da prateleira mais alta e a olear as espingardas com a coronha de nogueira guardadas mais abaixo, mas sempre com um ouvido atento a tudo o que se ia passando na sala. O recurso a feitiços mentais de cantor-mundo para obterem aquilo que desejavam não era uma prática estranha no departamento; no entanto, isso não iria acontecer em Cem Cadeados, pelo menos não enquanto o bom velho Cudban estivesse à cabeça da polícia da comunidade.

O feiticeiro gorduroso tinha um novo elemento sentado a seu lado: outro cantor-mundo do departamento da Brumencantada, embora este não parecesse muito mais velho do que Oliver. Um acólito. Pullinger coçou a testa no ponto em que tinha uma tatuagem com quatro flores púrpuras: a tatuagem marcava a sua posição na hierarquia dos cantores-mundo.

Edwin Pullinger virou o livro de registos ao contrário sobre a secretária e empurrou-o na direção de Oliver.

— A sua assinatura oficial, senhor Brooks. O meu colega aqui a meu lado irá contra-assinar pela parte do departamento.

Oliver pegou na caneta e mergulhou a ponta no recipiente da tinta.

— Quando é que está a pensar reformar-se, inspetor Pullinger?

— Não nos tempos mais próximos, jovem mestre Brooks — respondeu Pullinger.

O inspetor puxou de uma pequena caixa de inalação de torção-púrpura, colocou uma pitada nas costas da mão e inalou o pólen raro. Viciante quando inalado, o pó potenciava igualmente o poder dos cantores-mundo. O acólito puxou de um cristal verde e plano, formando uma linha de sigilos da verdade no ar por cima das cabeças de todos.

Conformado, Oliver pousou a mão direita no cristal da verdade, ao mesmo tempo que Pullinger dava início ao ritual do seu interrogatório.

— Sofreu alguma manifestação de um dos seguintes poderes de abominação da Brumencantada? Telequinese, poder de voar, força anormal, controlo mental exercido sobre animais, invisibilidade, poder de gerar calor ou chamas...

Pullinger percorreu a totalidade da lista de forma exaustiva.

— Não, não sofri — respondeu Oliver quando o feiticeiro terminou.

— E o inspetor?

O sargento Cudban riu prazenteiramente com a resposta de Oliver.

Pullinger inclinou-se para diante.

— Se tivesse sofrido, jovem Brooks, teria sido um reflexo do meu estudo metódico da canção-mundo e do domínio das minhas aptidões naturais sobre os ossos do mundo.

— Naturalmente.

— E esse é precisamente o busílis da questão — disse Pullinger. — Através da natureza. Naturalmente. Podia pegar no condestável menos dotado desta esquadra e, com tempo e algum esforço no sentido certo, ensiná-lo a definir linhas Ley e a mover objetos pelo ar com o recurso à canção-mundo.

Para ilustrar o que dizia, a caneta soltou-se da mão de Oliver e pairou no ar até chegar junto dele.

— Façam como se eu não estivesse aqui — murmurou o sargento Cudban.

Pullinger chegou-se para trás, dirigindo-se ao seu acólito.

— Como pode ver, o jovem Brooks é o meu maior desafio. Um enigma. Qual é a quantidade de exposição à Brumencantada necessária para que uma abominação se possa revelar?

— Entre dois minutos a uma hora — respondeu o acólito.

— Exatamente — disse Pullinger. — Podia estar tranquilamente adormecido na cama e um mistério sobrenatural erguer-se do chão. A primeira coisa em que iria reparar seria na forma como o seu corpo começaria a mudar pela manhã.

O rapaz assentiu.

— Dois minutos — repetiu Pullinger. — E no entanto, o aeróstato do jovem Brooks despenhou-se precisamente sobre a cortina da Brumencantada quando tinha apenas um ano, sendo encontrado quatro anos depois, sozinho, o único sobrevivente do acidente, a vaguar. Quatro anos exposto à Brumencantada. Era demasiado jovem para se alimentar por si próprio. E quando surge novamente à superfície, não tem poderes sobrenaturais, nem

abominações, nem memória absolutamente nenhuma do que lhe aconteceu do outro lado da cortina.

— Talvez eu tenha sido criado por lobos — disse Oliver.

— Surgiu-lhe alguma memória do período passado do outro lado da cortina desde a nossa última reunião?

— Não — mentiu Oliver.

Como era hábito, o cristal da verdade não reagiu à sua resposta.

— Ultimamente tem tido sonhos considerados anormais?

— Não — mentiu Oliver, sentindo o silvo do Sussurrador nos ouvidos.

— Tem mantido conversas mentais com familiares que pensa estarem mortos?

— Não — disse Oliver, — embora não me importasse lá muito que isso acontecesse.

Era bastante óbvio que Pullinger não acreditava em nenhuma das respostas dadas por Oliver. Quatro anos de exposição à Brumencantada sem qualquer abominação resultante? Era algo inaudito, simplesmente impossível. Oliver convertera-se no trabalho da sua vida, na sua obsessão pessoal.

— Eu sei que me está a omitir qualquer coisa, jovem — disse o cantor-mundo. — Por muito que consiga iludir até o cristal, eu sei que não me está a dizer tudo, consigo senti-lo no meu estômago.

— Por acaso não tem ficado hospedado na Pousada dos Três Sinos, não? — murmurou o sargento. — Parece que temos mesmo de fazer qualquer coisa a respeito da cozinha deles.

Pullinger ignorou a observação escarninha.

— De que é que tem medo, Oliver? Do ponto de vista físico, é um rapaz normal. Não ia acabar no asilo de Hawklaw a dizer disparates, isso posso garantir-lhe.

— Ia servir.

— Sim, Oliver. Iria servir na Guarda Especial, onde os seus poderes seriam colocados ao serviço do povo. Seria um herói, e deixaria de ser um ente desconhecido, temido e detestado, para passar a ser o paladino da nação que protege os seus compatriotas dos inimigos domésticos e forasteiros.

— Com um torque enfiado no pescoço — disse Oliver. — Controlado por alguém como o senhor.

— Mesmo com todos os nossos poderes, Oliver, a ordem continua a ser humana, e a sua missão é dominar tudo aquilo que não o é. O torque é a nossa garantia no caso de um dos da espécie dos encantados se tresmalhar... ou enlouquecer. Quantos encantados é que já foram executados pelo torque? Este ano, nem um.

Oliver abanou a cabeça em sinal negativo.

— Sou mais humano do que os vossos amigos do departamento da Brumencantada.

— Eu sei que o Oliver acha que nós o temos tratado mal, mas isso não passa da perspectiva egocêntrica de um jovem que ainda nada conhece da vida nem do mundo. Todos estes procedimentos são os mais indicados para a sua segurança, e para a nossa também. Pode muito bem tornar-se encantado durante uma noite e acordar pela manhã com tanta coisa em comum connosco como tem com os insetos do jardim. Por exemplo, podia decidir virar o corpo do seu tio do avesso apenas para ver como é que ele é por dentro, ou andar por Cem Cadeados a incendiar pessoas com a mente só para perceber a diferença do timbre dos seus gritos. Já presenciei situações desse género, meu jovem.

— Eu jamais faria uma coisa dessas.

— As pessoas têm medo da Brumencantada, Oliver. Medo de que aquilo que está para lá da cortina acabe por enviar o seu veneno para Laborterra, modificando as suas vítimas. Medo de uma abominação que não tenha ainda sido testada e submetida ao controlo do povo.

— Mas eu sou normal — exclamou Oliver quase aos gritos. — Sou igual a todos vocês!

— Não pode ser igual, Oliver. Não depois de ter passado quatro anos para lá da cortina da Brumencantada. É a única pessoa que esteve dentro dela e regressou viva de lá.

— Eu não me lembro de nada desses anos.

— Que vida é que o pode esperar aqui, Oliver? Os seus vizinhos e amigos têm pavor do seu pescoço descoberto, sentem-se aterrorizados com a ideia de que um dia acorde encantado e com más intenções. Mostre-me quem é realmente e deixe-me recrutá-lo para a Guarda Especial.

— A minha casa é em Cem Cadeados.

— A sua casa é a sua prisão, Oliver. Seria muito mais feliz entre os da sua espécie. O Capitão Faisca recebê-lo-ia na legião como um irmão. Queimada e os outros paladinos da guarda fariam de si um herói.

Oliver permaneceu calado.

— O rebanho dos comuns venera a Guarda, Oliver. Não haveria uma única taberna no reino inteiro em que entrasse sem que os laboreses se acoovelassem para lhe pagarem um copo. E as mulheres, Oliver. Decerto que ainda não viu como as mulheres se derretem com os membros da Guarda Especial; ficam como que suspensas de cada palavra deles. Teria os escritores de Dock Street a converterem as suas peripécias na legião em mitos. O que é que pode haver aqui que seja melhor que tudo isso?

— A minha liberdade — respondeu Oliver convictamente.

— Uma estranha forma de liberdade — observou o feiticeiro. — Por enquanto, não lhe tem saído demasiado cara, mas é possível que o preço a pagar por ela lhe possa parecer bastante mais elevado em breve.

— Eu sou normal — protestou Oliver num tom que fez com que as suas palavras soassem vazias. — Normal.

Pullinger e os seus fantoches do departamento prepararam-se para sair.

— Vai acontecer, Oliver, mais cedo ou mais tarde. Quando o controlo lhe escapar, ver-se-á quem realmente é. Quando isso acontecer, lá estaremos para o amparar. Ou para o *deter*.

O sargento Cudban abanou a cabeça no momento em que os dois feiticeiros abandonaram a sala. Um sem-número de sabres e de espingardas estavam dispostos sobre a mesa diante dele.

— Admiro o teu caráter, miúdo, mas será que estás a facilitar a tua vida?

— Acha que eu devia dar-lhe o que ele quer?

Cudban encolheu os ombros.

— Não faço a menor ideia se tens uma ponta de encantado no teu corpo ou não, miúdo, mas os quatro anos que passaste do lado de lá da cortina são uma sentença de morte para aqueles tipos. Vão manter-te cadastrado no condado até o teu cabelo começar a ficar grisalho e andares de bengala. Isso não é vida para ninguém.

— Não é justo.

— Uma vez conheci um detetive da Yard do Burgo, miúdo; quando metia na cabeça que eras culpado de algum crime, inocente ou não, o melhor era confessares tudo ao profeta da desgraça. Eles vão apanhar-te, de uma maneira ou de outra.

— Mesmo se eu não for encantado?

— Especialmente se não fores, miúdo. Diz-lhes mas é que o Isambard Kirkehill tem andado a enviar-te mensagens da sepultura. Deixa-os enfiarem-te um torque ao pescoço e meterem-te na Guarda Especial. Nesse aspeto, ele não te estava a mentir. É verdade que eles vivem como os guardiães de Ferromédio. Um bocadinho de dever não muito pesado a proteger o povo do rei. Deixa os esmagadores da pesada como o Capitão Faísca encarregarem-se da luta a sério que as ordens parlamentares ditarem. Antes de o inverno chegar a meio, estarás a ler num artigo do *Notícias Ilustradas de Ferromédio* como és um belíssimo e jovem campeão do Estado.

No entanto, Oliver não pensava na Guarda Especial, mas no asilo de Hawklaw, nas palavras funestas e sibilantes do Sussurrador, e em como seria estar condenado a passar o resto da sua vida numa cela escura e abafada mesmo ao lado do inumano sonhador deambulante.

...

Talvez se tratasse de um sexto sentido, de alguma reação ocorrida dentro do seu corpo que finalmente correspondia às expectativas do departamento da Brumencantada; fosse o que fosse, Oliver percebeu que tinha acontecido qualquer coisa na Pousada das Setenta Estrelas assim que abriu a porta das traseiras. Tudo na despensa estava tal e qual como era devido: os ancinhos amontoados a um canto, os vasos de barro, as velhas galochas e a mesa redonda e poeirenta coberta com uma capa.

Apesar disso, os cabelos eriçaram-se na nuca de Oliver, e ele sentiu que as coisas tinham deixado de ser como eram. Por uma questão de cautela, deixou o portão do jardim entreaberto em vez de o fechar como era hábito, e depois espreitou para a cozinha. Damson Griggs estava deitada de cabeça para baixo sobre a tijeira do chão; os olhos vazios e já sem vida fitavam uma poça de sangue, e uma pequena faca de punho em madeira estava enterrada na sua nuca. A prática e protetora Damson Griggs, uma velha mulher sem ponta de maldade no corpo, assassinada com a ligeireza de um escaravelho de jardim esmagado sob o peso de uma bota.

Oliver susteve um soluço. Sentiu-se prestes a desmaiar, como se a sua alma estivesse a ser puxada para o céu e o seu corpo levado pela corrente ascendente da morte. Foi então que o seu instinto animal ainda em bruto despertou no interior do seu corpo, fazendo-o entrar na cozinha. Teria Damson Griggs entrado também pelas traseiras e surpreendido algum assaltante a roubar as salvas de prata? E o seu tio, por onde é que ele andaria?

Oliver sentiu uma vaga de pânico a apoderar-se do seu estômago. O tio devia estar em casa; por que razão é que ele não teria acudido aos prováveis gritos da Damson? Oliver pegou numa faca pousada sobre a pedra de afiar junto à bacia em porcelana e sentiu-se levemente tranquilizado pelo seu peso. Alguém tossiu nas proximidades da cozinha. Tentando não escorregar no sangue de um castanho acentuadíssimo (quando devia ser vermelho), Oliver foi espreitar através da abertura da porta para o corredor.

Um homem que ele não conhecia — não, dois homens — estavam a remexer nas cartas guardadas no armário da entrada. Estavam ambos vestidos de escuro, com umas roupas cujo corte Oliver jamais vira antes. Mas onde é que poderia estar o seu tio? Oliver agarrou o cabo da faca mais firmemente e dispôs-se a agir. Foi nesse momento que uma mão lhe cobriu a boca e o braço que segurava a faca foi imobilizado com um aperto firme.

Era Harry Stave.

<Oliver>

A voz estava no seu crânio, uma vez que os lábios do hóspede se mantinham sinistramente cerrados.

<Não faças barulho, Oliver. Os outros estão espalhados pela casa. Assassinos. Mexe a boca sem usares a voz. Eu leio os teus lábios.>

— Como é que consegues fazer isso? — disse Oliver silenciosamente. — É um cantor-mundo? Onde é que está o meu tio?

<Titus estava em casa quando eu saí de manhã. O eco da mente até pode ser uma técnica de cantor-mundo, mas podes ter a certeza que não vais encontrar tatuagens roxas no meu corpo, velho compincha.>

— Quem são eles? — disse Oliver apenas com os lábios. — O que é que aqui estão a fazer?

<Quem são é algo que eu próprio gostaria imenso de saber, e o que vieram aqui fazer é uma história demasiado complicada para eu ta contar agora.>

— Estão armados? — perguntaram os lábios de Oliver.

<Só por milagre é que não estariam. Ouve, preciso que tu vás buscar os esmagadores, Oliver. Traz tantos condestáveis quantos conseguires.>

— Mas você...

<É possível que Titus ainda esteja vivo lá em cima. Eu fico aqui. Se for preciso, luto com eles, e se não tiver outro remédio, fujo. Agora, VAI!>

Oliver chegou à esquadra da polícia banhado em suor; o coração martelava no interior do seu peito como um tambor. *Por favor, que esteja alguém lá dentro.* Depois de fazer soar o puxador, irrompeu pelo interior da esquadra adentro. O sargento Cudban assustou-se.

— Sargento — disse Oliver assim que recuperou o fôlego. — Damsen Griggs está morta! Os assassinos ainda estão lá em casa.

Só nesse momento é que Oliver reparou nos dois homens bem vestidos e sentados no extremo oposto da sala.

— Bem, sargento, já vê que é como eu lhe dizia. Parece que as minhas palavras foram proféticas.

Cudban assentiu para os dois homens.

— O brigadeiro Morgan e o capitão Bates da Yard do Burgo, Oliver.

— E o facto de eu lhe ter revelado o nome do líder dos assassinos também não é lá grande façanha da minha parte — disse o homem que Cudban tinha identificado como brigadeiro.

— Harry Stave — disse Bates, o capitão.

Os olhos de Oliver esbugalharam-se.

— Mas ele ainda...

— Há quinze anos, Harry Stave escapou ao cadafalso às portas de Bonegate — disse o brigadeiro. — Desde então, não tem feito outra coisa senão deixar um rasto de morte e cadáveres pelo reino de Laborterra.

— Tiveste sorte em teres conseguido escapar com vida, miúdo —

disse Cudban. — Estavas a dizer que ele e o seu bando de degoladores ainda estão lá por casa?

Oliver gemeu. O tio Titus: o seu tio estava à mercê de um bando de bandidos e de malfeitores, e ele tinha-o abandonado à sua sorte na Pousada das Setenta Estrelas. Oliver lançou uma olhadela para o mandado nas mãos de Cudban: uma ilustração de Harry Stave devolvia-lhe o olhar por baixo de uma linha de sigilos codificados a sangue, contendo informação que apenas poderia ser lida por um motor de transação, seguida pelo texto do mandado. As letras encarnadas saltaram aos olhos de Oliver. Foragido da prisão de Bonegate, 1560. Mais abaixo, uma longa lista de nomes falsos, e duas iniciais enormes no rodapé da página: I.C. — imunidade da coroa no caso de ser entregue morto.

Cudban retirou uma espingarda da prateleira, abriu a arma e carregou-a cuidadosamente com um cartucho de cristal.

— Quer então dizer que ele matou a Damson Griggs, hã, miúdo? Com que então, a assassinar a arraia-miúda. Bem, desta vez não chega a aproximar-se do baraço, nem que decida entregar-se.

— Mas ele deixou-me sair — disse Oliver. — Podia ter-me matado também a mim!

— Isso não passou de um detalhe de vaidade — disse o capitão da Yard do Burgo. — De que é que lhe adiantaria deixar um rasto de morte à sua passagem se os almanaques de um *penny* atribuíssem estes assassinatos a um bando rival?

O brigadeiro pegou num sabre pousado sobre o tampo da mesa.

— E os seus outros condestáveis?

— Um está no campo de aeróstatos, e o outro para os lados do dique e do canal de navegação de Cem Cadeados — respondeu rispidamente Cudban. — Quando os tivesse aqui de novo, já Stave e o bando dele estariam a meio caminho de Hamble.

— Isso não é bom — disse o brigadeiro.

— Eu já avisei o condado que estamos a ficar muito curtos de recursos por estas bandas — disse Cudban. — Talvez agora que temos uma matança em mãos, me deem mais ouvidos.

— Não é isso — disse o brigadeiro. — O que eu queria dizer é que isso não é bom para si.

Ao dizer isto, fez o sabre avançar e perfurar o estômago de Cudban, rodando-o ao mesmo tempo que o sargento recuava dois passos. Um fio de sangue jorrou da boca de Cudban, fazendo-o engasgar-se com o seu último suspiro. Entretanto o braço de Bates cingiu de imediato o pescoço de Oliver e um punho fechado esmurrou as suas costas, obrigando-o a ajoelhar-se.

— É realmente uma coisa horrível — disse Morgan, observando a

agonia da morte de Cudban com uma gravidade falsamente solene. — Um jovem que se torna encantado e mata toda a gente em sua casa...

O seu colega continuava a fazer cair o seu peso sobre Oliver como uma montanha.

— ...e depois assassina o seu responsável de registo...

Oliver estava a ser empurrado contra o chão, incapacitado de reunir força suficiente para se libertar daquele abraço. O brigadeiro retirou um fio fino como uma linha do bolso da gabardina.

— ...até que acaba por se enforçar numa viga da esquadra por não suportar a vergonha dos seus atos.

O fio foi passado pela cabeça de Oliver e apertado à volta do seu pescoço.

— Quanto tempo é que aposta, capitão? — perguntou Morgan.

— Com o peso dele? — disse Bates. — Três minutos.

— É pouco — opinou Morgan. — Eu digo que ele aguenta seis, a engasgar-se e a espernear o tempo todo.

— Ná. É muito lingrinhas.

— Quer apostar um guinéu, capitão?

— És um canalha... Apostado.

Oliver foi colocado de pé. Uma cadeira foi arrastada até junto dele, e o laço foi passado sobre uma viga.

— Vá lá, filho — disse o brigadeiro. — Dá o teu melhor e aguenta quatro minutos por mim.

Como num sonho, a cadeira foi retirada de debaixo dos pés de Oliver e a corda do barço apertou-o de forma cerrada. Era como se alguém estivesse a verter metal fundido pela sua garganta abaixo. Com os pés a espernearem e a pontapearem o ar, Oliver bem tentava gritar de dor, mas era como se não conseguisse encontrar a voz para o fazer. Depois, o chão começou lentamente a subir na sua direção. Seriam os portões do outro mundo que se estavam a abrir a seus pés?

<Esconde-te debaixo da mesa.>

Ouviu-se um disparo de espingarda e o brigadeiro foi projetado ao longo da sala numa névoa de sangue, tentando ainda apanhar uma pistola suspensa no ar no caminho. O outro detetive da Yard tentou retirar qualquer coisa do interior da sua gabardina, mas Harry Stave não ficou à espera para recarregar a arma de Cudban. Círculos de escuridão rodavam em redor dos olhos confundidos de Oliver. Harry Stave movia-se como um chicote pela sala; ninguém podia movimentar-se daquela forma tão rápida! O barço devia estar a bloquear a chegada de ar ao seu cérebro.

Bates dobrou-se sobre si mesmo no momento em que Stave enfiou a coronha longa da espingarda no seu estômago; depois, um passo para

diante e eis o capitão a rodopiar no ar, ouvindo-se um estalo oriundo do seu pescoço a partir-se e o seu corpo já flácido a cair sobre o chão.

Tossindo convulsivamente, Oliver puxou pela corda ainda apertada em redor do seu pescoço. Ao olhar para cima, viu a faca ainda a estremecer na parede, onde tinha ficado espetada depois de cortar a linha do barão.

— Onde é que está o tio Titus? — disparou Oliver.

Harry Stave abanou a cabeça de forma desolada.

— Meu Círculo.

A dimensão da calamidade que acabara de acontecer começou a tomar forma na sua consciência. Três cadáveres frescos a seus pés: Cudban morto. Damson Griggs. O seu tio.

— Eles tentaram matar-me!

— Não passavas de um bode expiatório, velho compincha. Um rapaz convenientemente registado para culpar por todos estes assassinatos. Era de mim e de Titus que eles andavam atrás.

— Mas eles eram da polícia?

Harry Stave tocou o corpo de Bates com a ponta do pé.

— Talvez fossem, mas nesse caso não eram do género de esmagadores que se costuma encontrar na Yard do Burgo.

Vendo que Oliver estava a tentar falar, Stave levou um dedo aos lábios.

— Eu matei dois na Pousada das Setenta Estrelas, Oliver, e outros dois aqui. As perguntas ficam para depois. Agora temos de sair de Cem Cadeados.

Dir-se-ia que o mundo tinha começado a girar ao contrário. A polícia andava a matar pessoas inocentes. Um assassino estava a protegê-lo. Toda as pessoas de quem ele gostava em Cem Cadeados estavam mortas. Oliver saiu da esquadra da polícia como um sonâmbulo, fechando a porta e deixando para trás um amontoado de cadáveres, assim como tudo aquilo que fora a sua vida.

Capítulo Cinco

Em nenhum momento as lições de Molly com Damson Darnay no internato foram tão intensivas como aquele mês de treino providenciado por *Lady* Emma Fairborn e pelas suas tutoras. Aulas de etiqueta em espaços vazios e vastos como armazéns, tendo por companhia apenas a presença silenciosa dos açoitadores da casa, vestidos de negro da cabeça aos pés. Protocolo, equilíbrio, postura; como andar, falar, pensar. A diferença entre um ataque e uma esquiva (maior do que se poderia imaginar). A diferença entre as várias fações com assento na Casa dos Guardiães: os Terrófilos, os Puristas, os Igualitaristas, os Rugidores, os Circulistas (menor do que se poderia imaginar).

Ainda não estava autorizada a deambular pela enorme mansão nem pelos terrenos cercados de muros altos (que incluíam até um pequeno lago para passeios de barco); além disso, Molly estava obrigada a recolher a um quarto partilhado com uma das raparigas, uma veterana daquelas lides chamada Justine. Um ambiente de expectativa e de ameaça pairava no ar. O que é que lhe iria acontecer se não fosse capaz de agradar a uma tutora? E se ficasse encalhada diante de uma instrutora de dança, de filosofia ou de comportamento de olhar frio?

— Nós não somos uma cambalhota de dois *pennies* nas traseiras de Hulk Square — esclarecera *Lady* Fairborn com um tom de desprezo na voz quando Molly se recusou a aprender alguns tópicos de assuntos mais mundanos. — Dos clientes que atravessam as portas de “Fairborn e Jarndyce”, os que não decidem diretamente o futuro de Laborterra detêm partes significativas dos seus terrenos e negócios.

Molly suspirou de frustração.

— Aproxima-te, minha querida. Não te armes em tímida comigo. Eu sei muito bem o que é crescer num internato; pensas que oferecer o teu corpo a um rapaz ou a uma rapariga é tudo o que precisas de fazer para os satisfazeres, mas isso quase não chega a perfazer um décimo daquilo que

faz uma boa amante — disse *Lady Fairborn*, batendo com os dedos na testa naquele momento. — O resto está relacionado com aquilo que acontece neste órgão.

Molly ia começar a perguntar:

— A senhora nasceu num...

— Não posso falar-te do lugar onde nasci, Molly. Além disso, essa questão é largamente irrelevante relativamente ao lugar onde uma pessoa pretende acabar. Mas sim, tal como tu, fui criada numa ala de um orfanato de um reformatório de Ferromédio. Não entre umas paredes bem conservadas como as das Portas do Sol, nota bem, mas nos Arrazoados, em pleno bairro de lata da cidade, no meio dos esgotos e dos párias.

— Mas a senhora tem um título... — disse Molly.

Fairborn soltou uma gargalhada.

— Querida Molly, as prostitutas mais bem-sucedidas que encontrarás em toda a Ferromédio dormem com a Casa dos Guardiães inteira, o que faz com que o meu título seja um dos que mais conta em todo o reino de Laborterra.

Molly parecia perdida nos seus pensamentos.

— A tua educação aqui não é apenas saber factos e onde encontrar a colher de sopa em cima da mesa, Molly, é ver o mundo tal como ele realmente é. Queremos fazer-te levantar os véus da hipocrisia e das mentiras que contamos a nós próprias para chegar ao fim do dia. Ainda pensas que o teu trabalho aqui vai ser desagradável? Quero uma resposta honesta, por favor...

Molly assentiu.

— Isso é porque te venderam um tecido de mentiras com o objetivo de te acorrentarem, Molly. Para te manterem no mesmo lugar sem fazeres demasiadas perguntas, uma mulher submissa e uma trabalhadora obediente. A tua beleza, a atração primária que despertas nos homens, são armas. Usa-as bem, e podes ter tudo aquilo que eu tenho. Algumas pessoas podem dizer-te que eu sou uma vítima, Molly, mas quando os clientes entram pela minha porta adentro, não passam de ovelhas preparadas para serem tosquiadas, para perderem a pele... e a sua riqueza. As pechinchas que nós fazemos por aqui são uma transação económica como qualquer outra que possa ocorrer num salão de baile ou num altar circulista. Os escribas mais brilhantes de Dock Street podem retirar algum divertimento do facto de descreverem as minhas atividades nas páginas dos seus almanaques e de me terem alcunhado de “rainha das prostitutas”, mas a única diferença entre a filha de um comerciante prestes a ser caçada num baile de debutantes e eu é que eu defino o meu próprio preço.

Ao dizer isto, inclinou-se para a frente e beijou Molly, acariciando levemente a sua língua com a dela.

— E ao contrário de todas essas respeitáveis senhoras de Ferromédio, eu tenho inúmeras oportunidades de repetir o processo de venda.

— Então e o amor? — perguntou Molly.

— Essa é a maior mentira de todas — retorquiu Fairborn. — Uma comichão biológica que te diz que chegou a hora de começares a fazer cópias pequeninas de ti. Para além de enfraquecer o teu corpo, devasta a tua beleza. Acredita no que te digo, Molly: se alguma vez houve um príncipe encantado à nossa espera num cavalo, deve ter-se enganado algures no caminho. O amor é como a gripe de inverno: desvanece-se pouco tempo depois da sua época. O melhor é aprenderes a dominá-lo; depois, guarda-o, embrulha-o com um preço e começa a construir um futuro para ti com ele.

Tinha chegado a hora de Molly ser apresentada ao seu primeiro cliente: um patrono de treino, como era eufemisticamente chamado, que iria batizar os primeiros passos da sua carreira de prostituta de luxo na capital. Justine estava sentada por trás de Molly na cama de veludo vermelha, penteando-lhe o cabelo.

— Não tenhas medo, Molly. Eu já estive com o teu duque, é um verdadeiro cavalheiro, velho e garboso como um *dandy*; a barba dele é tão cinzenta como esta escova aqui.

A voz de Molly soou como que embebida em sarcasmo:

— Por favor, vende-mo um pouco mais.

— Não é um dos nossos clientes habituais, mas para vir aqui, deve ter alguma recomendação alta. Além disso, um velho sempre é melhor para as sacudidelas. Não vai aguentar nem um par de minutos.

Molly abanou a cabeça.

— Não consigo fazer isto.

— Não tens escolha, Molly. Se decides não ir até ao fim agora, vais parar diretamente à secção de limpeza, e isso antes de acabares a rebolar por umas escadas abaixo ou de seres esmagada por um armário. A única maneira de saíres daqui é saldares a dívida do teu contrato.

A rapariga passou um quadrado de pastilha verde a Molly.

— Mastiga isto, vais ver que te facilita as coisas.

Molly mastigou suspeitosamente o quadrado. Quase não tinha sabor, e tinha a consistência da argila húmida.

— O que é isto?

— Folhaa — respondeu Justine.

Molly quase se engasgou.

— Mas isto deve ter custado um resgate de guardião!

— Setenta soberanos a onça, e o cadafalso se fores apanhada com ela. É um extra para as raparigas daqui. Que idade é que tu me dás?

— Um par de anos a mais do que eu. Dezoito, talvez?

— Trinta e seis — respondeu orgulhosamente Justine. — Dizem que na Cassarábia existem califas com quinhentos anos ou mais, e que também te condenam à morte se te apanharem a passar folhaa do deserto através da fronteira. Nem todos os nossos clientes estão do lado certo da lei, Molly.

Molly esfregou a substância argilosa entre os dedos. O seu nome de rua era vidalonga. Ninguém sabia do que era feita aquela substância ou a forma como se cultivava, e os magos da Cassarábia jamais tinham desvendado se provinha de uma planta rara ou se era algum género de substância que se desenvolvia no ventre das escravas ao mesmo tempo que os seus perversos biológikos.

— Eu podia ter saldado a dívida do meu contrato há dezasseis anos — disse Justine, — mas quando passas a ter algum dinheiro no bolso, é difícil voltar a não ter nada. Muito mais difícil do que continuar sempre pobre e nunca chegar a saber qual é a diferença. E não poder comprar um tijolo de folhaa por baixo do balcão no *Gattie e Pierce*.

Um pequeno sino de latão soou, e um momento depois, um dos açoitadores mais corpulentos foi abrir a porta.

— Por aqui, senhor — disse Justine, chamando o cliente.

Ia para recolher a sua bengala, mas o homem fez-lhe sinal que se afastasse. Aos olhos de Molly, mais parecia um velho artista, com as extremidades da sua barba grisalha e bifurcada a figurarem como dois pontos exatamente dispostos por cima de um meticuloso nó de gravata.

— Se for possível, preciso de um instante para recuperar o fôlego — disse o homem. — Esta casa tem uma escadaria maior do que a do Museu de Filosofia Natural.

Havia um pequeno sotaque na forma como falava, embora Molly fosse incapaz de discernir de onde.

— Aqui tem a nova rapariga, tal como pediu, caro senhor — disse Justine, — embora eu tenha a sensação de que ainda não terá tido o prazer de conhecer nenhuma das outras senhoras antes?

— Por norma, passo as minhas horas livres a cuidar das orquídeas da minha estufa ou a ouvir uma peça de música de câmara bem executada — disse o homem. — Mas tenho a sensação de que esta é a rapariga certa para mim.

Justine predispôs-se para sair.

— Quando tiver terminado, basta tocar a campainha. Eu ou uma das outras senhoras viremos ao seu encontro para o conduzir a uma passagem

privada. Dessa forma, evita-se qualquer risco de esbarrar com outro cavaleiro à saída.

— Sim, suponho que isso seria algo embaraçoso — disse o velho homem. — Embora eu preferisse que pudesse ficar um pouco mais com Molly e comigo.

— Se deseja a companhia de uma senhora extra, posso providenciar esse serviço — retorquiu ela, detendo-se algo inquietada. — E como lhe tinha dito antes, o nome desta jovem é Magdalene...

— Minha querida, tenho a sensação de que me terá entendido mal. Eu não desejo a companhia de uma rapariga extra — disse o velho homem, ao mesmo tempo que uma lâmina em ferro saía da sua bengala para se ir afundar na garganta de Justine. — Do que eu preciso é de uma testemunha a menos que tenha visto a minha cara.

Sufocada no seu próprio sangue, Justine tropeçou e caiu moribunda sobre o puxador de feltro verde da campainha, exatamente o que devia ser usado sempre que um cliente se tornasse demasiado violento. A porta desfez-se de imediato e o açoitador da casa irrompeu pelo quarto adentro com um cassetete forrado a pele, cerrado num punho do tamanho de um presunto. Molly não ficou à espera que o Sansão se abatesse sobre o velho homem; em lugar disso, desatou a correr por trás das cortinas de veludo enquanto os seus olhos procuravam desesperadamente uma saída. Os caixilhos das janelas tinham barras de ferro que os atravessavam; a porta estava aberta, mas bloqueada pelos dois homens. Foi então que os seus olhos deram enfim com a lareira fria. Antes de a torre de Blimber Watts se ter desmoronado, ela limpava ventiladores mais pequenos do que aquela lareira. A memória da última vez que tinha trepado por um espaço exíguo veio-lhe à ideia. Como é que ela seria capaz de voltar a fazer uma coisa daquelas?

Ouviu-se o ruído de qualquer coisa a partir-se: um dos braços do açoitador tinha acabado de ser seccionado abaixo do cotovelo, e o sangue jorrava de forma abundante do cepo. A bengala do velho tinha-se dividido em duas lâminas, e ambas delineavam uma dança estranha e quase hipnótica aos olhos do sicário do bordel, em estado de choque.

Fosse pelo efeito desencadeado no seu corpo pelo mascar da folhaa ou pela percepção de que iria seguramente morrer nos segundos que se seguiriam, a verdade é que Molly saltou para o interior da lareira e trepou pela chaminé acima como uma raposa que corre a refugiar-se na toca. Dir-se-ia que o peso frio da escuridão deslizava através dela, que o ar a puxava sempre mais e mais para cima; os seus pés etéreos desafiavam a gravidade ao saltarem de tijolo em tijolo, mesmo se os seus dedos eram agora quase demasiado grandes para os buracos destinados aos limpa-chaminés infantis. Teria aquele ruído oriundo da boca da lareira sido um sinal de reprovação?

Quanto tempo levaria o velho a regressar ao exterior e a voltar a encontrá-la?

Ar, frio, noite. Molly estava agora no telhado, dois andares acima da boca da lareira. Depois de reconhecer a linha do horizonte (a zona ocidental das Portas do Sol, uma das grandes mansões com os seus jardins privados e cobertos de árvores), deslizou pelo cano de escoamento abaixo. Cada vez que respirava, sentia o fôlego escapar-se-lhe, e a velocidade sobre-humana tinha-a feito sentir-se como se os terrenos fluíssem através do seu corpo. Saltou vedações, contornou um lago minúsculo em passo de corrida: *tac, tac, tac*, as suas mãos esbarraram num muro. Molly olhou para trás: o muro era duas vezes mais alto do que ela. Não podia ter saltado um muro com aquela altura. Só podia ter sido o efeito da folhaa.

Quem raios seria aquele velho homem? Não, essa não era a pergunta certa. Ele era um castor: isso era claro como o dia, tratava-se de um dos muitos matadores de elite profissionais existentes no reino. Um assassino. A pergunta certa era: por que razão tinha ele vindo ao encontro dela no seu quarto? Seria Molly o seu alvo? Seguramente que não. Era pouco provável que Damson Snell estivesse em posição de abrir mão de uma boa mão-cheia de guinéus só para ver a jovem Molly Templar morta por causa de uma cuba de roupa inutilizada. Será que ele tinha assassinado alguém antes nos outros quartos e se predisusera a fazer uma limpeza geral? Mas se nem ela nem Justine tinham ouvido ou visto o que quer que fosse naquela noite! Além disso, ele sabia o nome de Molly quando isso não era suposto, e dissera qualquer coisa acerca de umas testemunhas. Talvez Justine tivesse presenciado alguma coisa que não se pudesse descobrir e Molly fosse a testemunha. De certeza que o assassino não podia estar atrás *dela!*

Para além dos subornos recebidos pelo Sacristão, Molly não podia testemunhar qualquer outro crime; fosse como fosse, ele próprio se tinha encarregado de resolver esse assunto à sua boa maneira corrupta, vendendo a custódia dela à empresa “Fairborn e Jarndyce”. Mas o assassino sabia o seu nome. Perguntara especificamente por ela. Que forma mais dispendiosa de acabar com uma vida tão miserável.

Molly estava de regresso ao internato das Portas do Sol. Os seus pés tinham-na inconscientemente encaminhado para aquela triste amostra de casa. A luz da entrada estava apagada. Toda a gente devia estar já a dormir. Molly entrou no internato cheia de medo. Iria o Sacristão acreditar na sua história? Com o rasto de cadáveres que tinha ficado para trás no estabelecimento de *Lady Fairborn*, não tinha outro remédio. Talvez *Lady Fairborn* abdicasse das suas perdas e a despedisse por estar amaldiçoada. A verdade é que ela não trouxera mais sorte ao bordel do que aquela que deixara na torre de Blimber Watts.

As portas largas e duplas do hall de entrada tinham sido deixadas ligeiramente entreabertas, e parecia que ninguém estava sentado na cadeira do vigia há já algum tempo. Se o Sacristão descobrisse que algum rapaz ou rapariga se tinha escapado ao serviço no turno da noite, era mais do que certo que esse alguém estava metido em grandes sarilhos. Molly virou à esquerda e desceu pelas velhas escadas de madeira, em direção ao dormitório das raparigas, que ficava na cave.

Que coisa tão estranha, ainda não passava das dez, e normalmente haveria algumas velas de sebo barato acesas. O recolher obrigatório da casa tinha sido dado há apenas uma hora, e as raparigas órfãs costumavam ficar a ler as histórias dos almanaques, ao mesmo tempo que iam falando umas com as outras e comendo a fruta desviada dos caixotes de lixo de Magnet Market. Em vez disso, aquele espaço estava completamente às escuras, sem quaisquer contornos definidos pela iluminação da rua mais acima. Molly pegou num fósforo e acendeu uma vela.

As camas em contraplacado barato estavam viradas do avesso e os cobertores grosseiros espalhados pelo chão, mas não era só isso. Molly deteve-se junto de um dos muitos amontoados que jaziam por perto, quase não se atrevendo a baixar-se para ver o que estava por baixo dele, mas acabando por fazê-lo. Os olhos frios e mortos de Rachael devolveram-lhe o seu olhar.

— Rachael — sussurrou Molly, como que a incitá-la. — Acorda, Rachael!

Porém, Rachael nunca mais voltaria a acordar.

Quem é que poderia ter feito uma coisa daquelas? O mundo tinha enlouquecido. Assassinos de elite a irromperem por bordéis, e agora outra matança tresloucada no internato das Portas do Sol.

— Molly — disse uma voz vinda de debaixo dos lençóis de linho.

Algo se remexeu debaixo dos cobertores. Era Ver'fey, a rapariga caranguenarbiana. Estava ferida: uma das conchas alaranjadas da sua capaça semelhante à de um caranguejo estava despedaçada ao nível do ombro.

— Ver'fey! O teu ombro... — exclamou Molly, correndo para ela. — Por amor do Círculo, o que é que aconteceu aqui?

— Foram uns homens — respondeu a caranguenarbiana com alguma dificuldade. — Vinham vestidos como esmagadores da nona esquadra, mas assim que os vi, percebi logo que não eram condestáveis.

Ela sabia do que falava, metade da polícia de Ferromédio era caranguenarbiana; os seus exoesqueletos duros faziam deles soldados e guardiães da paz parlamentar naturais.

— Foram eles que fizeram isto?

— Estavam à procura de ti, Molly.

— De mim?

Ver'fey sentou-se dentro de um baú, exausta.

— Rachael disse-lhes que o Sacristão te tinha enviado para qualquer lado, mas que não nos tinha dito onde estavas. Tudo o que ele disse foi que finalmente tinhas conseguido o emprego que merecias. Um dos homens achou que Rachael estava a mentir e começou a bater-lhe com um Henry de Adormecer. Espancaram-na até à morte diante dos nossos olhos. Ainda tentámos fazê-los parar; foi nessa altura que me fizeram isto — disse ela, apontando para a zona da sua carapaça partida.

— E as outras, onde é que estão? — perguntou Molly, olhando em redor do dormitório.

— Levaram-nas — choramingou a caranguenarbiana. — Levaram toda a gente. Os rapazes também.

— Mas porquê? — disse Molly. — O que é que eles querem de nós?

— É melhor perguntares o que é que eles querem de ti, Molly. Era de ti que eles andavam à procura. O que é que tu fizeste, Molly?

— Nada que o resto de vocês não estivesse ao corrente — respondeu Molly. — Nada disto faz sentido.

— Talvez seja alguém da tua família.

— Qual família? — disse Molly. — Vocês são a minha família, bolas!

— A tua família de sangue — disse Ver'fey. — Talvez eles sejam ricos. Ricos e poderosos o suficiente para contratarem um bando de assassinos de elite. Um pai que acaba de descobrir que tem uma filha bastarda indesejada e que está a tentar simplificar o processo da herança.

A expressão de Molly contorceu-se. Na gíria laboresa, simplificar o processo de herança queria dizer abandonar uma criança indesejada à porta de um internato. A teoria de Ver'fey tinha o anel da verdade ligado a ela. Não que ela alguma vez se tivesse sentido muito desejada ao longo da sua vida, mas isto era de loucos. Afinal de contas, até era possível que a sua mãe a tivesse abandonado nas Portas do Sol por amor, por medo do que lhe poderia acontecer caso o seu pai descobrisse que tinha concebido uma filha ilegítima.

— Sai daí de dentro, velha carapaça — disse Molly, ajudando Ver'fey a sair do seu esconderijo. — Eles já se foram embora e o melhor é nós fazermos o mesmo, antes que algum deles se lembre de voltar aqui.

— Tu podias era vir comigo para a Cidade das Conchas — propôs Ver'fey. — Escondias-te lá por uns tempos.

— Ou me conseguias arranjar uma armadura e outro par de braços, ou acho que ia dar nas vistas como um polegar inflamado. Sempre que saíesses à rua comigo estarias em perigo.

— Mas nesse caso, para onde mais é que tu podes ir? — perguntou Ver'fey.

— O Sacristão estava sempre a dizer que eu ia acabar a bater as ruas com uma quadrilha-relâmpago. Parece-me que o melhor é mostrar-lhe que estava certo e desaparecer na cidade subterrânea; vou tentar chegar a Sinistrasperança, até junto dos fora-da-lei.

— Mas isso é muito perigoso, Molly! — disse Ver'fey. — Sabes ao menos como é que se chega à subcidade?

— Sei — disse Molly. — Não te lembras de Rachael ter trabalhado para as autoridades atmosféricas?

— Pois foi! Na estação do Guardião Rathbone.

A estação do Guardião Rathbone era o terminal principal da rede atmosférica para as pessoas que trabalhavam nas Portas do Sol. As cápsulas que percorriam os seus túneis eram usadas diariamente por milhares de funcionários e operários, e estavam dotadas de uns motores enormes que trabalhavam com o intuito de criarem um vácuo atravessado pelas carruagens.

— Existem entradas para a cidade subterrânea no atmosférico, Rachael passava a vida a falar delas. É mais seguro do que andar a atravessar os esgotos.

Ver'fey concordou. Realmente, havia inúmeras coisas na rede de esgotos de Ferromédio, mas nada com que alguém desejasse deparar-se por sua conta e risco. Os limpadores dos esgotos da cidade só desciam às suas entranhas quando se organizavam em grupos de cinco ou seis.

— Por favor, Molly, vem mas é comigo para a Cidade das Conchas. Não há nada na cidade subterrânea para ti. Lá em baixo há apenas proscritos, rebeldes e a quadrilha-relâmpago. Se não fores apanhada e morta por algum desses criminosos, a polícia política trata do assunto. Eles passam a vida a espalhar gás-sujo pelos túneis para eliminarem os fora-da-lei.

Molly abanou a cabeça e ajoelhou-se junto ao corpo de Rachael.

— Ela foi sempre a mais sensível, a nossa Rachael. Estava decidida a assentar, a conseguir um emprego modesto e seguro. Limpa o nariz. Não respondas.

Ver'fey tentou puxar Molly para saírem dali.

— Tens razão, mas temos de ir embora.

— Vê onde é que isso a levou, Ver-Ver. Assassinada nesta lixeira podre e imunda que lhe servia de lar.

— Por favor, Molly.

Molly pegou numa vela e atirou-a para cima de uma pilha de almanques: o papel barato incendiou-se de imediato, e as chamas começaram

a crescer em redor dos lençóis grosseiros, estalando como um porco no espeto sobre brasas.

— Uma pira de guerreira para ti, Rachael. Quando encontrar a escumalha nojenta que te fez isto a ti, a nós, juro-te que também eles vão arder, assim como tudo aquilo que eles amam.

Ver'fey estremeceu nervosamente.

— Molly! Oh, Molly, o que é que tu estás a fazer?!

— Deixa arder — disse Molly com um tom subitamente fatigado, levando Ver'fey para fora do dormitório antes que as chamas se apoderassem por completo das velhas escadas de madeira. — Que tudo isto arda e caia por terra!

O Primeiro Guardião Hoggstone batia com o pé de forma impaciente no grande vaso de porcelana colocado junto à sua secretária. O jarrão estava decorado com imagens do triunfo na guerra civil, delicadamente reproduzidas num tom azul obsidiano. O encontro semanal com o rei Julius era uma formalidade cansativa, e não servia senão como um pretexto para estar com o comandante da Guarda Especial. Ainda assim, o parlamento mantinha-se fiel às suas formalidades de outros tempos. Dois cantores-mundo ladeavam silenciosamente a porta do gabinete do Primeiro Guardião. Hoggstone sorriu para si mesmo. A Guarda Especial vigiava o rei. Os cantores-mundo vigiavam a Guarda Especial. Ele vigiava os cantores-mundo. E quem é que vigiava o Primeiro Guardião? O eleitorado, bem entendido. Essa manada anónima e amorfa, esse aglomerado uivante e sempre na expectativa. O Capitão Faisca entrou no gabinete. Sem o rei, mas com o cachorro a reboque: o príncipe real Alfeus.

— E Julius? — perguntou Hoggstone com um tom de voz agudo.

— Outra crise do mal dos barqueiros — respondeu o capitão. — Vai estar pelo menos uma semana sem poder sair do palácio.

Hoggstone suspirou e olhou para o novato. A visão de um monarca quase coroado ainda com os braços ligados ao corpo deixava-o sempre nervoso.

— Mas, caro senhor, posso saber porque é que o rapaz não traz a máscara facial colocada?

— A asma — respondeu o Capitão Faisca. — Com este calor, às vezes quase sufoca.

— Detesto a máscara — lamuriou-se o príncipe. — O ferro arranha-me as orelhas até fazer sangue.

Hoggstone suspirou mais uma vez.

— Temos é de desencantar-lhe uma puta real, caro jovem, para que ela nos dê o rei que se segue. Depois pode ser que eu tente convencer a Casa

a não o ensinar a falar. Ensinar-vos mais do que o papaguear dos votos de afirmação semanal não passa de um maldito desperdício de tempo.

— Detesto-o!

Hoggstone levantou-se e dirigiu um punho desajeitado ao estômago do príncipe. O rapaz caiu no chão dobrado em dois, e o Primeiro Guardião pontapeou-o na cabeça.

— Tal como deve ser, Sua Alteza. Agora cale-se, ou teremos de lhe arrancar os braços mais cedo, cobri-los com uma chapa dourada e colocá-los desde já ao lado dos do seu pai no Corredor do Povo.

Fáisca levantou o rapaz sufocado e encolhido do chão e sentou-o numa cadeira.

— Isso era mesmo necessário, Primeiro Guardião?

— Para mim era — respondeu Hoggstone.

O pastor, essa era a alcunha pela qual tratavam o Capitão Fáisca nas suas costas. Era isso que ele fora, um rapaz das pradarias, até ao dia em que uma brumencantada se levantou dos terrenos pantanosos e converteu Fáisca à raça dos encantados, dotando-o de um potencial de força física com que os semideuses da história clássica apenas poderiam ter sonhado. No entanto, o homem por trás de toda aquela pujança era mole. Não passava de um pateta útil e empenhado em proteger o seu novo rebanho. O povo. Certo. Tudo pelo povo.

— Nós não somos tão modernos como os membros da Comunidade da Partilha Comum que trazem os seus nobres por um Colar de Gedeão, senhor — disse Hoggstone. — Por aqui, continuamos a basear-nos mais no cabedal dos sapatos, e, de vez em quando, numa boa patada laboresa.

— Era do uso a dar às botas laboresas que desejava falar-me? — perguntou Fáisca. — Dos Carlistas?

— Nem sequer tenho a certeza de que possamos continuar a chamar Carlistas a essa gente que temos pela frente — disse Hoggstone. — Segundo os relatos dos nossos compatriotas em Quatérturno, a máfia local parece estar a arriscar-se para lá das banalidades comunitistas habituais.

— Suspeita de alguma coisa?

— Há sinais de alguma agitação nas ruas. Demasiado intensa e disseminada para que se trate de algo que não tenha uma boa organização por trás.

— O Braço de Investigações Executivas da Casa dos Guardiães foi criado para questões desse género — disse Fáisca.

— Os homens do governo têm andado ocupados a rachar cabeças e a limpar o sebo dos suspeitos do costume. O que quer que seja que ande a passar-se nas ruas, os Carlistas mais antigos estão tão atemorizados como nós. Os seus líderes têm andado a desaparecer nos últimos tempos; pelo

menos, todos aqueles que se opunham à nova geração de agitadores e demagogos que por aí anda agora. Há um ano que a polícia fluvial anda a recolher cadáveres dos homens do comité Carlista no Apostamisa.

— Tem algum alvo em mente para a Guarda Especial?

O tom de voz de Hoggstone pareceu algo frustrado.

— Não estamos a lidar com um bandido a soldo do xeque cassárabe nem com uma frota de piratas monárquicos passíveis de serem esmagados em nome do Estado. Este assunto precisa de ser resolvido com um pouco mais de subtileza.

— Eu sou capaz de rasgar placas de metal com as mãos — fez notar Faísca. — As balas das espingardas ressaltam em mim e a minha pele consegue embotar um florete de esgrima, mas não me parece que a Guarda Especial seja capaz de grandes subtilezas.

— Mas há outros que o são — disse Hoggstone.

Os olhos de Faísca cerraram-se.

— Está a referir-se aos encantados do asilo de Hawklaw.

Um dos cantores-mundo franqueou a porta e avançou para diante.

— Primeiro Guardião!

— Para trás — exclamou Hoggstone, fazendo subir o tom da sua voz.

— Malditos sejam os teus olhos! Sei perfeitamente o que é que a ordem pensa daquelas coisas que temos encerradas em Hawklaw.

— Elas estão lá fechadas por uma razão — disse o cantor-mundo. —

As abominações que eles sofreram distorceram-lhes as mentes ainda mais do que os corpos. Aquelles seres têm tanto em comum connosco como nós com uma praga de escaravelhos em decomposição num sótão, e dadas as circunstâncias certas, é provável que nos tratem aproximadamente da mesma forma.

— Aquilo que me interessa são as suas mentes. Não precisamos de muitos, apenas de um par deles com o talento necessário para atacarem o âmago do inimigo no meio da nossa neblina.

— Sug'almas — gaguejou o cantor-mundo. — Acha que a ordem iria permitir a libertação de sug'almas no mundo?

— O povo não ia apreciar uma coisa dessas — avisou Faísca.

— *Eu* sou o povo, senhor! — rugiu Hoggstone. — A voz do povo, para o povo, e jamais permitirei que ele caia no feitiço de uma horda de demagogos comunitistas. Não posso admitir que o talento e a prosperidade desta nação sejam regidos por um Colar de Gedeão como a carne picada que sai de um moedor. Não posso admitir uma coisa dessas!

Hoggstone bateu com o punho fechado no tampo da sua secretária e apontou um dedo para o Capitão Faísca.

— Talvez esteja a pensar na possibilidade de as multidões deixarem

de venerar o chão que a Guarda pisa caso vejam os destroços humanos do asilo de Hawklaw. Que é possível que comecem a associar os homens da sua guarda mais às aberrações da raça dos encantados do que à última edição do *Notícias Ilustradas de Ferromédio* com a imagem da sua cara e do seu sorriso estampados na maldita capa.

— É possível que sim — reconheceu Faísca.

— O verdadeiro segredo da liderança é saber quando o aplauso da multidão se transforma num eco autodestrutivo — disse Hoggstone. — Se a escolha está entre fazer descer o véu da sua personagem perfeita ou deixar cair o Estado na anarquia e no caos, eu escolho a primeira em detrimento da última. Mas não se preocupe, vamos manter os encantados com rédea curta, e apenas os deixaremos fazer o seu trabalho na obscuridade. Afinal de contas, assustar os eleitores não nos ia ajudar em nada.

— Vamos precisar de conceber fatos-torque especiais para eles — disse o cantor-mundo, — assim como de organizar equipas que se certifiquem de que as aberrações escolhidas não conseguem escapar de dentro deles.

Hoggstone fez um gesto vago e fatigado.

— Façam aquilo que têm a fazer. Precisamos de saber quem é que está por trás de toda esta inquietação, quando é que está a planear agir, e em que momento é que está a contar tirar vantagem das suas maquinações.

— Como o senhor quiser.

— Como o povo quiser, senhor. E por amor do Círculo, coloque-me a máscara no cachorro real antes de sair da Casa. Não quero o *Notícias Ilustradas* a escrever histórias sobre ele a passear-se nu pelos corredores do parlamento.

Capítulo Seis

Ver'fey chamou a atenção de Molly com um dos seus membros articulados, o mais pequeno deles, situado logo abaixo do grande braço de osso-espada.

— Estamos a ser seguidas, Molly.

A caranguenarbiana jamais tinha visto uma trepadeira ou uma vinha de Gelileão, mas os seus instintos da selva permaneciam intactos.

— Há muito tempo?

— Desde que saímos de Watercourse Avenue.

Molly praguejou para si mesma. Isso queria dizer que afinal eles *tinham* deixado vigias à saída do internato. Maldita fosse a sua família. Uma coisa é sabermos que nunca fomos desejados logo desde os primeiros anos e sentirmo-nos rejeitados como os desperdícios da última noite, mas outra bem diferente é alguém do nosso próprio sangue andar a tentar livrar-se das suas pontas soltas, recorrendo a um assassino para nos cortar a garganta.

— Quantos são?

— Dois homens.

Molly refletiu sobre as opções que tinham.

— Se é a mim que eles querem e já me conseguiram localizar, aqueles dois não vão levar muito tempo a multiplicarem-se. Por esta altura, o bando que matou Rachael e virou a casa do avesso já deve estar de novo pelas redondezas das Portas do Sol.

Ver'fey gesticulou para a rua com o seu osso-espada.

— Podíamos jogar um bocado às escondidas com eles, e depois fatiávamo-los como deve ser.

Molly abanou a cabeça em sinal negativo.

— Tu és rija, Ver-Ver, mas nós as duas não conseguimos fazer frente a um grupo de castores. Quando chegarmos ao final da rua, tu viras à esquerda e segues para a Cidade das Conchas, e eu viro à direita e despisto-os no “Carapaça de Anjo”.

Ver'fey fez uma careta nauseabunda. Como qualquer caranguenarbiano que se prezasse, nem morta ela se deixaria levar a uma casa de jim. Os únicos efeitos que aquela bebida rosácea provocava nos caranguenarbianos eram o vômito e a desaceleração do coração para níveis perigosamente baixos.

— Boa sorte para nós as duas! — disse Ver'fey.

— Tem cuidado contigo, Ver-Ver — disse Molly.

Ao chegarem ao final da rua, Molly meteu pela direita e subiu por Shambles Lane, ouvindo como o chocalhar do corpo pesado e coberto de camadas sucessivas de carapaças de Ver'fey se desvanecia à medida que ela se ia adentrando nas ruelas mais estreitas das barracas do Campo de Pinch. O “Carapaça de Anjo” ficava no final do beco, virando à esquerda; tratava-se de um estabelecimento com três andares preparado para receber os pecadores de Ferromédio, e funcionava como uma espécie de equivalente mais em conta da casa “Fairborn e Jarndyce”. Dois pisos de farra alcoolizada e grosseira com quartos no terceiro andar, onde algumas mulheres com pescoços atarracados e costumes ainda mais baixos desempenhavam o ofício mais antigo de Ferromédio.

Ao correr em direção à luz amarelada e brilhante daquele lugar, Molly apercebeu-se das duas sombras que corriam igualmente no seu encalço. Se bem que praguejando, uma parte dela estava contente por saber que pelo menos eles tinham deixado Ver'fey em paz; a rapariga caranguenarbiana podia movimentar-se rapidamente numa distância curta, mas a sua armadura teria feito dela uma presa fácil caso a perseguição se prolongasse. Além disso, servia igualmente de confirmação: havia mesmo alguém que desejava ver Molly morta, e, ao que parecia, com bastante determinação.

Molly saltou por cima de um amontoado de bêbedos já tratados e a ressonarem, franqueando a entrada desprovida de portas e esbarrando com outro bêbedo; o jim derramado foi imediatamente absorvido pela seradura espalhada pelo chão.

— Esmagadores! — gritou Molly como se fosse uma fada da morte. — Fujam, é uma rusga! O bordel de Ham Street!

O rés-do-chão transformou-se de imediato numa confusão de cadeiras a guincharem e de gente a tentar encontrar a saída mais próxima. Se havia alguma mulher ou homem honestos a beberem ou a tratarem de negócios no “Carapaça de Anjo”, seguramente que estavam ali por engano. Como tantas outras raparigas do internato das Portas do Sol, Molly ganhara alguns tostões ali durante o turno da noite, trabalhando como vigilante daquele lugar à luz da Lua.

Ouviu-se uma descarga de pistola a partir da entrada e qualquer coisa retiniu numa das vigas do telhado; depois, seguiu-se uma vaga de alvo-

roço e uma balbúrdia ainda maiores. Os dois perseguidores mergulharam no chão, escondendo-se e aproveitando os movimentos da multidão aterrorizada para se movimentarem através deles. Um dos seguranças do bar passou um bacamarte velho e negro a Molly e ela refugiou-se debaixo do balcão, de onde saiu disparada em direção à cave, correndo por entre as paredes tapadas até cima pelos barris de carvalho envelhecido de jim, marcados a ferro e fogo pelo selo do seu exportador cassárabe.

Graças ao Círculo que a via de saída clandestina da gerência anterior ainda continuava aberta, escondida por uma cortina de tecido esfarrapado; aquela era a sua porta de fuga no caso de uma quadrilha-relâmpago rival decidir mudar-se para o “Crosta”. Molly foi cuidadosa o suficiente para deixar o pedaço de tecido tal e qual como estava antes de deslizar por um escorrega curto e cair numa poça de água enlameada e rolhas de garrafas podres, junto dos restos de algumas das barracas mais adiante.

O labirinto de corredores estava constantemente a ser modificado, à medida que os habitantes iam acrescentando novas passagens e fechando as zonas destruídas. Agora não teriam grandes hipóteses de apanhá-la. Molly navegou ao longo de ruas claustrofóbicas, em direção ao final mais recuado da estação de atmosférico do Guardiã Rathbone. Antes de o ver, Molly sentiu a proximidade do atmosférico através do cheiro: duas chaminés enormes soltavam um fumo de carvão negro para o céu, conservando os túneis do atmosférico em vácuo.

A estação do Guardiã Rathbone era um castelo de mármore branca manchado de fuligem, com abóbadas de vidro arqueadas e traves mestras que se entrecruzavam no átrio central dos passageiros. Era considerada uma das mais imponentes estações de atmosférico de Ferromédio (rivalizando com a do Guardiã Fairfax, situada ao pé do palácio, e até com a do Guardiã Kelvin, mesmo em frente à Casa dos Guardiães); no entanto, agora representava apenas um perigo considerável para Molly, uma vez que era demasiado tarde para que ela se pudesse imiscuir na multidão de funcionários das Portas do Sol de regresso a casa; àquela hora, apenas circulavam por ali alguns estroinas acabados de sair dos cafés e dos respeitáveis salões espalhados ao longo do jardim de Goldhair.

Três vaporomens iam limpando o átrio, recolhendo o lixo e polindo o mural da batalha de Clawfoot, que representava o momento da vitória final do parlamento na guerra civil. Molly tinha de sair depressa daquele lugar; o atmosférico era um lugar demasiado óbvio como rota de fuga. Contou o dinheiro que tinha nos bolsos. Faltava-lhe um *penny* para comprar o bilhete mais barato do atmosférico. Bolas! Se ao menos se tivesse apercebido disso antes, podia ter esvaziado a carteira de algum bêbedo no “Carapaça de Anjo”.

Dois homens de gabardina escura vindos do ponto mais afastado da estação avançaram em direção ao átrio. Molly escondeu-se atrás da sombra projetada por um vaporomem, um funcionário de ferro com as pernas curtas e grossas. Agora é que não havia mesmo nenhuma hipótese de comprar o bilhete e correr de seguida para os cais de embarque subterrâneos, os dois brutamontes localizá-la-iam em menos de nada. Claro que eles podiam ser inocentes e não passar de simples vigilantes de uma das torres das Portas do Sol. Porém, Molly espreitou pela sombra proporcionada pela caixa de ferro e percebeu que os dois se tinham separado, e estavam agora a percorrer a fila algo esparsa de passageiros, analisando o átrio ao longo de um percurso preciso. Bem, talvez não fossem assim tão inocentes.

Molly colocou-se ao lado do contentor em ferro, deslizando para o interior de um dos sacos do lixo. A cabeça do vaporomem rodou para conseguir observá-la um pouco melhor.

— Olá, pequeno corpomacio. O que é que estás a fazer no interior da minha coleção de bagatelas?

— Baixa o volume do teu tubo falante — pediu Molly. — Dois homens andam à minha procura. Querem fazer-me mal.

A cobertura em ferro da visão vítrea do vaporomem pestanejou de surpresa.

— Disseste que eles querem fazer-te mal? Isso não está certo.

— Se não falas mais baixo, para eles vai ser mais do que certo.

O volume da caixa de som do vaporomem desceu ao nível de um sussurro.

— Tenho a sensação de que me és familiar, pequeno corpomacio.

— Não nesta vida — respondeu Molly. — Não havia vaporomens no internato das Portas do Sol.

O vaporomem começou a mover as suas oito pernas maciças e orientadas por uma roda situada por diante delas, transportando-a ao longo do espaço público.

— O povoavapor não abandona os seus semelhantes num internato. Não é essa a forma de proceder da nossa raça.

— Eu preciso de chegar à cidade subterrânea. Podes levar-me até lá abaixo, até ao atmosférico?

— Há um nível considerável de perigo físico na cidade subterrânea — respondeu o vaporomem. — As regras da comunidade não se aplicam aos que vivem por lá.

— Eu sei que é uma sociedade de foras-da-lei — sussurrou Molly, — mas não tenho outro sítio para onde ir.

— Enfia-te dentro dos meus sacos — ordenou o vaporomem. — Os teus perseguidores estão a aproximar-se.

Molly escondeu-se no interior dos sacos de lixo, deixando apenas um espaço ínfimo para poder respirar. Ouviu uma voz áspera a perguntar a um passageiro se não tinha visto uma rapariga a fugir; o brutamontes esqueceu-se apenas de mencionar aquilo de que Molly fugia. Depois, a voz foi ficando cada vez mais para trás, até que o *tap, tap, tap* dos pés do vaporomem a ressoarem no átrio se tornou o único som distinto aos seus ouvidos.

Molly colocou a cabeça de maneira a conseguir espreitar para fora do contentor: umas portas metálicas estavam a subir para o telhado. Estavam dentro de um elevador escuro e largo o suficiente para albergar o vaporomem volumoso no seu interior.

— Valdo-Ferrobhahah olhou por ti. Aqueles que desejavam fazer-te mal ficaram para trás.

Valdo-Ferrobhahah, pensou Molly. O seu salvador está a falar da religião dos Engrena-gi-ga. Os vaporomens veneravam os seus antepassados e tinham um panteão de máquinas-espírito, onde realizavam sacrifícios de coque de elevado grau de pureza em ebulição e derramavam o óleo combustível das suas próprias válvulas e engrenagens.

Por fim, Molly pôde sair de dentro do saco empilhado sobre os outros.

— Muito obrigado pela ajuda, velha caldeira. Tenho a sensação que me acabaste de salvar a vida.

— Sou geralmente conhecido por Rodas Lentas. Podes tratar-me por esse nome.

Molly assentiu. O verdadeiro nome de Rodas Lentas era um número de série aprovado e conhecido apenas dele e do Rei Vapor, o regente da raça das máquinas, mas isso não eram assuntos da sua conta. Assim que começou a sua descida, o velho ascensor desatou a vibrar.

— Podes mostrar-me o caminho para a cidade subterrânea, Rodas Lentas? Queria chegar até Sinistrasperança.

— O caminho é conhecido do povoavapor, jovem corpomacio, mas é um itinerário cheio de perigos. Hesito em expor-te a semelhante risco.

— A Ferromédio da superfície tornou-se demasiado perigosa para mim, Rodas Lentas. Um assassino de elite anda no meu encalço, e entretanto a maior parte dos meus amigos morreram por eu estar perto deles. Não tenho muito mais sítios para onde fugir, tenho de enfrentar os riscos da Ferromédio subterrânea.

— Tão jovem — disse a velha máquina com um tom de reprovação. — Porque é que os guerreiros irreverentes do teu povo procuram a tua destruição?

— Na verdade, eu também não sei — disse Molly, — mas acho que tem alguma coisa a ver com a minha família. Parece-me que um dos meus

parentes está a tentar anular os meus direitos de herança pela via mais direta, afastando-me de Ferroméio.

— É vergonhoso que os que partilham uma propriedade biológica comum contigo ajam dessa forma. Porém, pode ser que nem tudo seja aquilo que parece ser, existem vários géneros de heranças.

O ascensor abriu as suas portas e ambos saíram para mais um espaço amplo e abobadado. Diante deles, havia agora uma série de contentores vazios do mesmo género dos que davam forma ao corpo de Rodas Lentas. Com um som estridente semelhante ao do metal a ser retorcido, a metade superior de Rodas Lentas desencaixou-se da cobertura de onde saíam as suas multipernas, e estas ficaram para trás da mesma forma que uma tartaruga abandona a sua carapaça. O novo Rodas Lentas de tamanho reduzido era agora tão alto como Molly, movimentando-se em apenas três pernas de formação tricíclica.

— O nosso percurso situa-se ao longo do cais de embarque do atmosférico. Os guerreiros sem senhor que procuram retirar-te a vida irão indubitavelmente concluir as suas buscas à superfície e começar a procurar mais abaixo.

— Eu vou ser rápida — prometeu Molly.

Seguiram por um pequeno túnel iluminado a gás; no final dele, uma porta trancada dava para o átrio principal de correspondências da estação do Guardião Rathbone. No centro daquele espaço circular e cavernoso, encontrava-se uma série de plataformas interligadas, que transferiam as carruagens sem janelas das cápsulas do atmosférico entre as diversas linhas. As cápsulas eram empurradas para os cais de embarque através das cortinas de cabedal por uma espécie de braços longos e terminados em forma de tampão. Molly conseguia ouvir do outro lado da cortina o rumor da multidão de passageiros a embarcar nas cápsulas desprovidas de motor, seguido do ruído de aspiração da cápsula a ser conduzida ao longo da bolsa de borracha estanque para a válvula de projeção das linhas, antes de serem impelidas para o vácuo do atmosférico pela pressão.

Rodas Lentas conduziu Molly através de uma passadeira montada sobre o átrio de correspondências e os dois chegaram a um espaço mais pequeno, no qual as cápsulas se amontoavam sobre as zonas de manutenção como se fossem toros de madeira.

— É este o caminho para a cidade subterrânea? — perguntou Molly.

— Temos de consultar Ferrugem Vermelha primeiro — disse Rodas Lentas. — Ele é o controlador da estação, e além disso é um mestre Engrenagi-ga. Certamente que saberá qual o caminho mais seguro.

Subiram por umas escadas em muito mau estado até ao nível de uma barraca situada sobre a plataforma de manutenção. Um vaporomem estava

sentado no interior dela, a observar o átrio através de uma janela encardida. Tinha tubos de borracha suspensos do seu crânio metálico como cabelos em forma de contas, e os seus tubos vocálicos eram três pequenas trompetas dilatadas, situadas imediatamente acima do seu pescoço.

— Controlador — disse Rodas Lentas. — Tenho necessidade da tua orientação para ajudar este corpomacio.

A voz de Ferrugem Vermelha ecoou como um arame a ser raspado numa ardósia.

— E quando é que nós não necessitamos da orientação dos que prosseguiram ao longo do caminho do padrão supremo, Rodas Lentas?

— A minha necessidade de hoje é particularmente grande, controlador — disse Molly.

Os tubos de borracha da cabeça de Ferrugem Vermelha agitaram-se discordantemente entre si no momento em que este rodou a sua cabeça formidável para melhor observar Molly.

— Com que então, uma necessidade particularmente grande? Denoto uma certa precipitação nas tuas palavras. Talvez fosse melhor parares um pouco para meditares sobre o teu lugar no padrão supremo.

— Os acontecimentos obrigam-me a agir, caro vaporoso.

— Deveras? Nesse caso, o melhor é lançarmos as rodas de engrenagem e ver o que é que a Engrena-gi-ga tem para nos revelar esta noite.

Rodas Lentas passou uma taça em porcelana repleta de pequenas peças metálicas de diversos tamanhos ao controlador. Ferrugem Vermelha derramou uma pequena porção de um óleo escuro de cor quase sanguínea das suas válvulas para o chão, e depois de espalhar as rodas de engrenagem sobre a poça, desenhou um dígito de ferro ao longo da mistura.

— Vejo uma rapariga a emergir dos destroços de uma torre por terra.

— Devo ser eu — disse Molly.

— Vejo sombras. Estão a movimentar-se pela cidade. Mortes. Um acoassador.

— Morre muita gente em Ferromédio — disse Molly.

— Vejo o teu desejo de viajar até ao ventre do mundo, de escapar dos perigos semeados no teu caminho — disse Ferrugem Vermelha.

— É esse o meu desejo, senhor — disse Molly.

— Vejo...

Ferrugem Vermelha deteve-se.

— Ah, compreendo. Grande complexidade. Muitas rodas. Fizeste bem em teres trazido este corpomacio até nós, Rodas Lentas — disse o controlador, olhando para Molly. — Molly, o que é que tu vês nas rodas de engrenagem?

— Não sou um mestre Engrena-gi-ga, controlador.

— Não importa, observa as rodas de engrenagem; sente o padrão através da tua mente. Diz-me o que é que vês aqui.

Molly ajoelhou-se para observar. O cheiro do óleo escuro deixou-a tonta.

— História. Vejo a história a andar à roda, a regressar a si mesma.

Ferrugem Vermelha pareceu satisfeito com aquela resposta.

— Já vivi muitos anos. Testemunhei a passagem rápida de inúmeras gerações de corpomacios diante da nossa roda, sempre cheios de pressa e com as ambições precipitadas da vossa espécie de sangueveloz. No entanto, nunca conheci nenhum capaz de ler as rodas de engrenagem.

— É extraordinário — concordou Rodas Lentas.

— Mas não desprovido de precedentes — disse Ferrugem Vermelha.

— Conseguiu ver mais qualquer coisa — disse Molly. — Qualquer coisa que não me quer dizer...

— Assim é — disse Ferrugem Vermelha. — Muitas vezes, aquilo que se cala vale tanto como o que se diz, e, por vezes, conhecer o futuro pode alterá-lo. Há coisas das quais jamais falarei.

— Quer dizer que me vai ajudar a chegar à cidade subterrânea, a Sinistrasperança? — perguntou Molly.

— Lamentavelmente vamos ajudar-te, sim — respondeu a caixa de voz roufenha. — O teu caminho e o do nosso povo estão de alguma forma entrelaçados. Desejava apenas que tivéssemos um herói para te acompanhar, um paladino. Infelizmente, os nossos cavaleiros vaporomens encontram-se todos para lá das fronteiras do Estado Livre de Vaporomens, e enviar um emissário daqui em busca de um deles poderia levar-nos demasiado tempo.

— Eu posso acompanhá-la, controlador — disse Rodas Lentas. — Fui eu que a encontrei.

— Tu, Rodas Lentas? — perguntou Ferrugem Vermelha, soltando um assobio do seu coração-caldeira que soou como uma gargalhada. — Trata-se de uma missão destinada a metal mais jovem. A tua compleição foi delineada pelo Rei Vapor ainda antes da minha, e eu sou dos vaporomens mais velhos a trabalhar no atmosférico.

— É como dizes, controlador. Os nossos caminhos estão entrelaçados pelo padrão supremo.

— És um sucedâneo de cavaleiro bastante incompleto, Rodas Lentas, mas vai ter de ser assim. O velho metal guiará o corpomacio. Juntem-se a mim.

Rodas Lentas deslizou para junto de Molly; uma vara de cristal fino expandiu-se a partir do controlador e fez um buraco no torso do vaporomem. Ambos permaneceram unidos por um minuto, até que Rodas Lentas

se libertou do braço de cristal com um ruído semelhante ao do vidro que se parte.

— Agradeço-te pela tua sabedoria, controlador.

— E eu pela tua coragem, Rodas Lentas.

O velho vaporomem tomou Molly pela mão, e ambos deslizaram para o exterior da barraca do controlador.

— O que é que ele partilhou contigo? — perguntou Molly.

— O conhecimento acerca dos caminhos e passagens que dão para a cidade subterrânea — disse Rodas Lentas. — Os túneis ao longo dos quais viajamos são alterados com grande frequência. Os fora-da-lei de Sinistrasperança bloqueiam algumas grutas para confundirem a polícia política e os soldados do forte Downtirt; a polícia política tem o hábito de enviar os sapadores para destruírem esses túneis. Depois, há a corrente de fluxo terrestre que corre pelo chão, trata-se da mesma energia com que as linhas Ley provocam projeções de terra.

A menção daquele termo provocou um arrepio na espinha de Molly. Regiões inteiras totalmente devastadas pelas forças da terra, vindas das suas profundezas e enviadas pelos ares em espiral, conjuntamente com qualquer desgraçado suficientemente infeliz para estar nesse momento sobre o solo fendido em dois. Se os que fossem apanhados numa dessas projeções de terra tivessem alguma sorte, as novas ilhas aéreas formadas estabilizariam a uma altura suficientemente baixa para que os aeróstatos da RMA pudessem ir em auxílio deles. Se tivessem menos sorte, subiriam pelos ares até se perderem de vista, até à noite sem ar, para lá do alcance dos aeróstatos da RMA; as suas sepulturas geladas formariam assim uma sombra ocasional e passageira sobre a terra mais abaixo.

A Geomância era o primeiro dever da ordem dos cantores-mundo: deviam saber escutar e aliviar as forças letais que surgiam das camadas abaixo do solo antes de eclodirem com violência e destruírem grandes extensões do terreno de Laborterra.

— Podemos chegar até lá a pé? — perguntou Molly, tentando afastar os seus pensamentos da possibilidade de uma projeção de terra.

— À cidade subterrânea? Vamos ter de fazer uma parte do caminho dessa forma — respondeu Rodas Lentas, — mas o primeiro trecho da nossa viagem será feito de atmosférico.

O vaporomem deslizou para o interior de uma pequena cápsula de serviço revestida a feltro, abrindo uma porta circular na parte traseira da placa de metal achatada. Lá dentro, não havia nenhuma das comodidades próprias das cápsulas de passageiros: nem assentos almofadados e revestidos a veludo, nem iluminação a gás, apenas um pequeno banco de madeira do lado oposto da carruagem e umas tiras em cabedal acopladas às paredes

internas com ferramentas de aspeto esotérico amontoadas nas suas bolsas. Rodas Lentas entrou na carruagem depois de Molly, fechando a porta e fazendo girar uma roda para a trancar.

Por um momento tudo ficou às escuras, até que uma tira de luz fosfórea se iluminou ao longo do teto da cápsula com uma luz verde sobrenatural.

— É melhor sentares-te e agarrares-te a uma dessas tiras do teto — aconselhou Rodas Lentas.

Com um espasmo, a cápsula passou através do dispositivo de segurança em borracha da válvula de envio; quando a asa desceu, a outra extremidade da câmara ergueu-se e a cápsula de carreira avançou. Imóvel por um instante, a carruagem desprovida de motor começou então a acelerar através dos túneis revestidos a chumbo do atmosférico no momento em que o diferencial de pressão atingia o valor adequado.

Embora Molly não tivesse tido muitas oportunidades de usar o atmosférico público antes, a viagem no interior da cápsula fechada decorreu de forma bastante monótona; a velocidade apenas variava quando a cápsula desacelerava e voltava a acelerar ao passar pelas estações de injeção de pressão.

Depois de meia hora de viagem decorrida quase em silêncio absoluto, a cápsula de serviço deteve-se e Rodas Lentas retirou uma máscara com óculos de proteção de um caixote, ligando-a a um cilindro de oxigénio em latão com duas tiras suspensas da parte frontal.

— Lá fora ainda há vácuo. Coloca esta máscara sobre a face enquanto eu te ajudo com o cilindro de oxigénio.

A pequena lata era mais pesada do que parecia, e Molly quase caiu com o peso dela quando a colocou às costas. Rodas Lentas ajustou as faixas aos seus ombros, e com o peso já bem distribuído, o campo de visão de Molly foi reduzido à vista obtida através das duas lentes de vidro da máscara. Foi-lhe necessário ainda mais algum tempo até que ela se habituasse à máscara: tudo parecia mais afastado do que na realidade estava.

Quando Rodas Lentas se certificou de que ela podia mexer-se livremente e respirar, equilibrou o nível de pressão da cápsula com o do túnel, e os dois saíram para uma plataforma em pedra situada no interior de uma das válvulas de receção do atmosférico e cheia de utensílios de escavação de túneis, chumbo soldado e sacos de areia. A plataforma estava iluminada pela mesma luz verde que iluminava a cápsula do atmosférico; o túnel parecia resplandecer graças a ela. Molly avançou para lá dos para-choques que tinham detido a cápsula de serviço e passou um dedo pela parede fria. A ponta do seu polegar brilhou com um esfregaço de líquen verde.

Rodas Lentas acenou a Molly do lado oposto da plataforma, avançando até uma porta semelhante à de um cofre, incrustada na pedra. A porta dava para uma pequena divisão e para outra porta. Ao puxar uma corrente suspensa de uma máquina encostada a um canto, Rodas Lentas voltou para junto de Molly ao mesmo tempo que um som sibilante fazia os seus ouvidos estalarem.

— Aqui já podes respirar por ti — disse Rodas Lentas, retirando o depósito de ar das costas de Molly. — As passagens para a cidade subterrânea começam para lá desta porta.

Foi como se um peso tivesse sido tirado dos ombros de Molly.

— Eles nunca mais me vão encontrar aqui, Rodas Lentas. Estamos livres.

— A isenção do cumprimento de regras não equivale a estar em segurança — disse Rodas Lentas. — Na verdade, depreendi já há algum tempo que, com os corpomacios, geralmente as coisas funcionam antes da forma inversa.

Rodas Lentas abriu a segunda porta, e Molly ficou boquiaberta: para lá dela encontrava-se um átrio, seguido de uma escadaria que dava para um nível mais abaixo. Tratava-se de um lugar enorme, de uma vasta catedral de espaço: as colunas suportavam o peso do teto, e as estátuas iluminadas nos nichos pela já familiar luz de líquen eram tão grandes como as casas de Ferromédio.

— Não compreendo — disse Molly, maravilhada com a proporção daquele espaço.

— Hoje em dia o povo subterrâneo e os fora-da-lei vivem aqui — disse Rodas Lentas, — mas não foram eles que construíram tudo isto. Há milhares de anos, os laboreses viviam sob o jugo de Quimeca, o velho império. Estas ruínas são tudo o que resta desse tempo.

Quimeca. Embora isso fizesse parte da história antiga, Molly já quase nem se lembrava dos insetos-deuses, dos sacerdotes-gafanhoto e dos sacrifícios humanos.

— Pensava que a cidade subterrânea não passava de um nível antigo de Ferromédio que tinha sido reconstruído abaixo dos esgotos.

Rodas Lentas abanou a sua cabeça em sinal negativo.

— Não, nem sempre foi assim. Durante os tempos antigos, houve um período de grande frio, e para sobreviver, os quimecanos desenvolveram pelo mundo inteiro as suas cidades abaixo da superfície. Diz-se que o primeiro vaporomem Loas é originário dessa altura, do tempo das máquinas sagradas.

Molly olhou fixamente para os pássaros-morcego, pequenos pontos negros que esvoaçavam em círculos próximo do teto.

— Sempre me perguntei porque é que a polícia política não podia bombardear simplesmente os fora-da-lei com gás-sujo. Aqui em baixo, os esmagadores iam arriscar-se a perder uma legião inteira de forças policiais.

— Nós conhecemos somente uma pequena porção de todas as passagens — disse Rodas Lentas. — Muitas delas foram ficando bloqueadas com o passar dos tempos, e as que aqui vêm dão para vários pontos longínquos e profundos. Houve cidades subterrâneas que soçobraram por inteiro, à medida que a Terra girava e rodava na sua viagem ao longo do padrão supremo.

Molly olhou para uma grande porção de parede caída junto às escadas, quase a um quilómetro da descida.

— Desde que não ceda enquanto nós aqui estivermos...

— Ferrugem Vermelha escolheu esta saída tanto pela sua estabilidade como pela distância a que está situada de Sinistrasperança — disse Rodas Lentas. — É pouco provável que existam sentinelas por estas bandas. Só os trabalhadores do atmosférico é que sabem da existência deste lugar.

— A cidade dos fora-da-lei ainda é aqui em baixo? — perguntou Molly.

— Assim creio, pelo menos em termos meramente geográficos — replicou Rodas Lentas.

Os seus eixos circulares deslizaram pelas escadas abaixo, até uma escadaria muito mais pequena escondida por trás do nicho de uma estátua.

— Esta passagem dá para as proximidades da grande gruta das Profundezas Duitzilopochtli; é lá que se encontra Sinistrasperança, no centro da floresta fúngica, a um dia e uma noite de caminho da nossa localização neste exato momento.

Molly e Rodas Lentas desceram ao longo da passagem lateral durante horas a fio, com a luz-líquen a surgir de forma irregular em determinados lugares e a desvanecer-se noutros, deixando-os por vezes mergulhados numa escuridão quase total. De tempos a tempos iam surgindo desvios nas escadas que davam para aposentos de repouso no formato de caixas, com pranchas em forma de cama esculpidas e aplanadas nas paredes. Se o caminho tivesse sido feito em sentido ascendente e não descendente, aqueles espaços ter-lhes-iam sido úteis para descansarem; no entanto, Rodas Lentas tinha já decidido anteriormente que a primeira paragem seria feita na floresta de fungos. O caminho acabou por se fragmentar em quatro direções distintas, e Rodas Lentas levou Molly pela passagem mais à esquerda.

Duas horas mais tarde, a saída dessa passagem converteu-se num ponto brilhante à distância. As pernas de Molly estavam doridas do esforço de descer escadas, e as suas barrigas das pernas tensas e contraídas. Ela saiu do túnel.

Por um momento, Molly chegou a pensar que devia haver algum engano, talvez um equívoco de gravidade; deviam ter voltado a subir à superfície, e a luz verde-líquên fora novamente substituída pela luminosidade própria da luz do dia. Depois da escuridão lúgubre da passagem lateral, os seus olhos ficaram humedecidos.

Pestanejando para afastar as lágrimas, compreendeu por fim que estava à beira de uma encosta, um muro de pedra que se elevava em direção à neblina a uma distância incalculável acima deles. O nevoeiro estava banhado numa luz vermelha, crepitando intermitentemente com energias cruas e semelhantes a relâmpagos.

Abaixo da névoa, e estendendo-se até onde os seus olhos podiam alcançar, via-se uma floresta de cogumelos dobrados sobre si mesmos, tão altos e densos como um carvalho. Muitos dos fungos tinham uma cor escura como ébano, mas existiam igualmente amostras mais coloridas na floresta, com espirais estriadas e manchas encarnadas, douradas e de uma cor de jade brilhante.

— Meu Círculo — disse Molly. — Isto é muito bonito. É como se houvesse um sol aqui em baixo.

— Repara — disse Rodas Lentas, apontando para uma falha no vapor ao longo do teto da gruta envolta em neblina. — Não se trata de apenas um sol, mas de vários. São cristais que ficaram dos feiticeiros do Império Quimecano. Usavam as suas máquinas de cristal como Laborterra usa os seus cantores-mundo, para orientarem e gerirem os fluxos terrestres das linhas Ley, de forma a evitar que as cidades subterrâneas fossem esmagadas com a rotação do mundo. As faíscas que vês são os reflexos da violência do mundo reconvertida em luz.

— Vamos avançar um pouco mais depressa? — perguntou Molly, apontando para a floresta.

— Primeiro vais repousar — disse Rodas Lentas. — Estamos no extremo norte das Profundezas de Duitzilopochtli. A maior parte das sentinelas da cidade dos fora-da-lei estão localizadas a sul, onde se situam as entradas mais fáceis a partir de Ferromédio, os esgotos dos arredores.

Rodas Lentas conduziu-os ao longo da parede do penhasco, e os dois chegaram à fachada de um templo antigo esculpido na pedra. Aí, depararam-se com uma figura em pedra, sentada, encolhida e totalmente humana se não fosse pela horrível cabeça de escaravelho situada a um dos lados da entrada; essa figura estava acompanhada por uma segunda estátua-homem do lado oposto, e do seu pescoço surgia por sua vez uma cabeça de aranha colossal.

— O ambiente deste sítio não me agrada nem um bocadinho — disse Molly.

— Os deuses antigos perderam os seus poderes depois da queda de Quimeca — disse Rodas Lentas. — Os templos e as forças da antiga Caotyl Selvagem não têm agora qualquer influência por estes lados. O melhor é descansarmos sob a proteção destas paredes. Existem manadas de picadores no interior da floresta.

Apesar dos seus receios, Molly aceitou o conselho do vaporomem, e só quando entrou no interior do templo, é que uma vaga de fadiga se apoderou dela. Molly estremeceu. Há muito tempo, os sacerdotes-gafanhoto tinham praticado os seus rituais obscuros ali, ela sentia-o. Daquilo que ela recordava das suas lições do internato, o panteão dos deuses da Caotyl Selvagem continuava a pairar sobre o mundo como uma horrenda memória ancestral; cada deidade dessa época era mais obscena do que a anterior, dos deuses menores como o Bebedor de Sangue Khemchiuhtlicue e o Condenador à Fogueira Scorehuetetl até ao próprio Xam-ku, o Pai-Aranha ancestral.

A noite estaria a meio à superfície de Ferromédio quando Molly finalmente caiu num sono eivado de sonhos profundos e sucessivos. O espírito de Rachael veio ao encontro dela para lhe falar, avisando-a de que Sinistrasperança não era lugar para uma rapariga dócil do internato das Portas do Sol e insistindo que ela arranjasse um emprego respeitável como costureira. Depois, foi o Sacristão quem surgiu aos seus olhos, com o corpo ainda coberto das feridas causadas pela tortura do bando que tinha devastado o internato. Ele gritava incessantemente que ela ia acabar nas forcas situadas às portas de Bonegate, até que de repente foi decapitado pelo velho assassino refinado do bordel, cuja bengala se fendia em dois bastões de lâminas afiadas como num truque de mago.

— Onde é que está o meu pai? — perguntou Molly ao assassino.

— Eu sou o teu pai — respondeu o assassino. — E tu és uma mancha terrível para a nossa família. Não me parece que possamos continuar a suportar a tua existência.

— Não devia tentar matar-me — disse Molly. — Eu gostava de falar com a minha mãe.

— Ela morreu de vergonha — disse o assassino. — Quando tu nasceste.

— Isso não é verdade.

O assassino de elite empurrou-a para a sujidade, afastando a madeixa de cabelo ruivo que cobria a linha do seu pescoço. — Chegou a hora de morreres, Molly Templar.

— Por favor — suplicou Molly. — Eu só queria ver a minha mãe ao menos uma vez antes de me matar.

— Não te mexas. Vou mandar-te para junto dela em menos de nada.

Molly acordou com as sacudidelas de Rodas Lentas no momento em que o beijo frio do ferro do sabre no seu pescoço estava prestes a consumir-se.

— É meio-dia no mundo à superfície, Molly corpomacio. Chegou a hora de retomarmos o nosso caminho.

Os primeiros fungos da floresta eram árvores altas de cogumelos com vários rebentos de manchas encarnadas; depois, o solo coberto de líquenes tornou-se sucessivamente mais denso, com cogumelos mais escuros e de flor única. Por vezes, precisavam de voltar atrás para que Rodas Lentas pudesse redefinir o trajeto ao longo daquela floresta densa.

Molly observou um roedor semelhante a um esquilo a mastigar qualquer coisa num dos troncos.

— Aqui podias viver livre, Rodas Lentas. Isto, claro, se não te importasses de fazer uma dieta exclusiva de cogumelos.

— Sinistrasperança é um lugar mais seguro — disse o vaporomem. — Isto é, em termos relativos.

— Ainda é como nas lendas do Homem Verde?

— Duvido que alguma vez tenha sido o lugar desses teus contos, Molly corpomacio — disse Rodas Lentas, acrescentando depois, como se isso explicasse tudo: — É uma cidade dos fora-da-lei.

— Vamos ser bem recebidos?

— Há muitos anos que o meu povo não detém um conhecimento atualizado daquilo que se passa em Sinistrasperança — disse Rodas Lentas. — Há poucos vaporomens fora-da-lei, embora um dos da nossa espécie viva lá. Chama-se Chaminé Prateada. É uma aberração.

— Queres dizer que é defeituoso?

— Qual de nós é que não fica defeituoso com o passar do tempo? — respondeu Rodas Lentas. — Não. O que eu quero dizer é que ele é uma junção, uma criatura formada a partir de cadáveres de vaporomens pela mão de um dos vossos mecanomânticos. O padrão dele foi violado; a sua arquitetura originalmente delineada pelo Rei Vapor foi adulterada. Três almas de antepassados nossos vivem aprisionadas no interior das placas que compõem o seu corpo, e tudo isso porque ele se recusa egoistamente a ser desativado. É uma grande desonra para ele.

O sonho da noite anterior pairou na mente de Molly por um instante.

— Pobre Chaminé Prateada.

— Foi por isso que ele se refugiou aqui na cidade subterrânea. Ainda assim, continua a ser um vaporomem. A mensagem foi-lhe enviada pelo controlador; se ainda estiver ativo, espero que ele nos venha receber às portas da cidade.

— A mensagem? — disse Molly. — Não me digas que existe uma rede de cristais aqui em baixo!

Rodas Lentas apontou para a neblina do teto, na qual os pontos negros rodopiavam junto dos retentores de calor da gruta.

— Existem formas mais ancestrais de enviar uma mensagem, jovem corpomacio. Nestas profundezas, os pássaros-morcego com anilhas nas patas executam a tarefa com igual eficácia.

Avançaram sempre a um ritmo constante durante o resto do dia, sem que qualquer evento digno de registo sucedesse (exceto quando uma das árvores de cogumelos fez chover esporos sobre os dois à sua passagem, fazendo com que os olhos de Molly inchassem e adquirissem o tom carmesim de uma bola de quatro-estacas e ela espirrasse descontroladamente durante os três quilómetros que se seguiram). Além das linhas formadas pelos estranhos relâmpagos alimentados pelos fluxos terrestres, a luz encarnada e brilhante dos cristais situados muito acima nunca variava ou diminuía de intensidade, o que fazia com que fosse sempre dia nas Profundezas de Duitzilopochtli.

Ao final da tarde, o chão da gruta começou a inclinar-se para cima, e a floresta fúngica tornou-se menos densa. A existência de campos de cepos no meio daquela sujidade sugeria um abatimento maciço, levado a cabo pelos habitantes da cidade subterrânea. Antes da curva de uma colina, chegaram a um campo de aspeto diferente, com as lápides e as marcações de pedra a sugerirem um cemitério que se estendia de regresso à floresta fúngica.

— É aqui que Chaminé Prateada virá ao nosso encontro, isto se ele ainda se encontrar ativo — disse Rodas Lentas.

O vaporomem deslizou ao longo de um caminho, em direção a um santuário situado a um canto do cemitério. O templo parecia tão abandonado como a estrutura quimecana na qual Molly tinha repousado na noite anterior, embora desprovida de efígies semi-humanas, semi-insetos. Molly deduziu que o santuário teria sido construído pela cidade dos fora-da-lei, e não pelo antigo império desaparecido. Ao espreitar para o seu interior obscuro, Molly distinguiu uma figura agachada no chão: um vaporomem, tão silencioso como as estátuas dos Guardiães na Praça do Parlamento.

— Não tens sequer a delicadeza de uma saudação para nós, Chaminé Prateada? — perguntou Rodas Lentas.

Erguendo-se num tripé de três pernas semelhantes a pinças, o grande corpo esférico da criatura rodou sobre si mesmo, e uma cabeça cor de prata e abobadada emergiu de uma íris do globo.

— Pensei que não fossem necessárias saudações, Rodas Lentas. O controlador não recebeu a minha mensagem?

— Nós não esperámos pela resposta — disse Rodas Lentas. — As rodas Engrena-gi-ga tinham já sido lançadas.

— Nesse caso ele leu-as mal, Rodas Lentas. Sinistrasperança já não é o lugar que um dia foi. Qualquer que seja a ameaça que paira sobre esta corpomacio em Ferromédio, trata-se apenas de uma fração da desordem que impera aqui em baixo neste momento.

Rodas Lentas deslizou ligeiramente para trás.

— Não estou a compreender.

— Nesse caso, deixa-me mostrar-te — sugeriu Chaminé Prateada, ao mesmo tempo que as suas três pernas o levavam para o exterior do templo.

Os três aproximaram-se do cume da colina para daí observarem o vale mais abaixo.

As zigurates antigas do período quimecano espalhadas em redor do solo da gruta tinham sido suplantadas pelas torres de uma cidade humana; havia igualmente fumo, vindo de oficinas e manufaturas. Era igual à zona de Jangles em Ferromédio, quando vista do topo da colina de Rottonbow.

— Onde é que está a cidade das árvores? — perguntou Rodas Lentas. — A paliçada e o Lago Chalchiuhtlicue?

— A cidade foi abatida. A paliçada foi reconstruída, e o lago drenado — respondeu Chaminé Prateada. — O Conselho Anárquico caiu há cerca de três anos. O que resta dos seus membros está atrás de vocês, nesses terrenos.

— Tu não declaraste nada disso — disse Rodas Lentas num tom acusador.

— Declarei, sim, mas vocês não receberam as minhas mensagens. O novo regime trouxe coisas voadoras com ele, todas dentes e garras. No espaço de uma semana perdi todos os meus pássaros-morcego. Vocês tiveram a sorte de a vossa mensagem ter chegado até mim. É a primeira missiva que recebo do povoavapor no espaço de anos.

— Não deixa de ser estranho que todas essas mudanças não tenham chegado aos nossos ouvidos — disse Rodas Lentas.

Parecia claro que Rodas Lentas não estava habituado à ideia de que uma informação daquela escala pudesse escapar à atenção da rede de vapo-romens omniscientes.

— Mais estranho ainda é o facto de o novo regime ter sido capaz de identificar instantaneamente todos os informadores da polícia política aqui em baixo — disse Chaminé Prateada. — Os que ainda permanecem vivos têm agora a função de dizer aos Guardiães à superfície tudo aquilo que o novo regime deseja ouvir.

Profundamente desapontada, Molly observou fixamente Sinistrasperança. Ela tinha a esperança de que a liberdade tivesse um aspeto dife-

rente, que não se assemelhasse a uma réplica em miniatura de Ferromédio. Porém, por muito mal que as coisas parecessem estar, a sua família assassina não seria capaz de localizá-la ali em baixo.

Chaminé Prateada estendeu uma capa verde com um grande capuz a Molly.

— Veste isto, Molly corpomacio. Se alguém falar contigo antes de chegarmos aos meus aposentos, não te esqueças de tratar os teus interlocutores por compatriota em vez de senhor ou damson.

— Eles são comunitistas? — perguntou Molly.

— Já não — disse Chaminé Prateada, virando-se para trás para contemplar as lápides de mármore branca do Conselho Anárquico. — Não. Agora já não são.

Capítulo Sete

Se Harry Stave era mesmo um criminoso vulgar, nesse caso Oliver não conseguia perceber por que razão os condestáveis não o tinham prendido há muitos anos atrás. Desde que tinham fugido da esquadra da polícia em Cem Cadeados, tudo o que eles tinham feito fora entrar no bosque a sul da cidade, avançarem até ao meio de uma clareira e espetar no chão uma estranha bandeira amarela com um círculo negro ao centro.

— E agora? — perguntou Oliver, observando a forma como a chuva miudinha que caía ia ensopando a bandeira bizarra.

— Agora esperamos — disse Harry Stave.

— Esperamos pelo quê?

— Esperamos três horas, velho compincha — disse Harry.

— Não era isso que eu queria dizer.

— Eu sei.

Oliver percebeu que não iria conseguir arrancar-lhe mais nada, de forma que se calou e esperou. Por aquela altura, alguém devia ter já descoberto os corpos na esquadra da polícia. Por outro lado, os corpos na Pousada das Setenta Estrelas poderiam levar semanas a serem descobertos. Damsen Griggs tinha trazido todas as suas coisas para aquela casa; a ausência dela seria a primeira a ser notada por um dos vizinhos abelhudos dos quais ela passava a vida a queixar-se. Ou talvez um dos parceiros de negócios do tio Titus enviasse um estafeta para saber o que seria feito do proprietário solitário.

Pouco depois de passarem as três horas, uma figura surgiu do lado oposto da clareira, encoberta pela cortina de chuva agora um pouco mais densa.

— Quem é aquele? — sussurrou Oliver.

— Se estivermos com sorte, é o nosso bilhete de saída daqui para fora — respondeu Harry.

— Harry! — chamou a figura.

Harry Stave não se moveu, abrigado como estava da chuva por uma árvore.

— Monks! Não era suposto seres tu a vir. Onde é que está o Landless?

— Foi transferido — disse Monks. — E o rapaz, quem é?

— O sobrinho do assobiador. Precisamos de ser extraídos daqui. Fomos enrolados.

Oliver estava prestes a perguntar por que razão tratavam o seu tio por assobiador; porém, Harry fez-lhe sinal que se mantivesse calado.

— Chegaste a encontrar-te com o encarnador, Harry?

— Não chegou a aparecer, foi por isso que tive de colocar a bandeira. Uma comitiva rival chegou entretanto, por pouco que não acabou connosco. Estou-te a dizer, fomos enrolados e precisamos de sair daqui agora!

— É para isso que eu aqui estou, Harry. Vamos.

Stave fechou os olhos sem se mexer. Algo semelhante a uma sombra como que se separou do corpo do criminoso, um contorno espectral, avançando em direção à chuva e ao longo da clareira. Para espanto de Oliver, uma criatura do mesmo género emergiu do seu corpo, partindo no encalço do Harry-fantasma.

<Silêncio> avisou Harry. <Agora estamos escondidos debaixo da árvore. Ele não nos consegue ver assim.>

Dois petardos-relâmpago explodiram ao meio da clareira, e uma língua de fogo absorveu as duas aparições, partindo de seguida em direção às árvores mais à esquerda.

— Maldição! — disse Harry. — Um atirador. Como é detestável quando chegamos à conclusão de que estávamos certos nestes casos!

Ambos correram novamente para o interior da floresta, ao mesmo tempo que o homem chamado Monks gritava qualquer coisa nas costas deles.

— Aquele é que era o seu amigo? — conseguiu dizer Oliver enquanto corria como uma flecha por entre as árvores.

Ouviu-se outro estalido nas suas costas; o que quer que eles fossem, estavam a atirar às cegas na direção das árvores. Oliver abrigou-se por baixo de um carvalho caído.

— Não parece muito surpreendido.

— Digamos apenas que já tinha as minhas suspeitas.

Oliver apontou para norte.

— Acho que a cidade fica para aqueles lados.

— A esta hora já deve estar demasiado vigiada — disse Harry, instigando Oliver a prosseguir. — Além disso, nunca me sinto lá muito bem em sítios em que não sei onde é que fica a porta das traseiras.

Os dois seguiram por um trilho de floresta ensopado pela chuva,

em direção a oeste, voltando atrás e mudando de direção para despistar qualquer eventual perseguidor. A brisa conferia uma ponta de frio àquela correria. Desde que encontrara Damson Griggs no chão da cozinha, Oliver não tinha feito outra coisa na sua vida senão correr. Os tiros na direção das árvores cessaram entretanto.

— Já não vêm atrás de nós — disse Oliver de forma ofegante.

— Isto não faz o estilo deles, Oliver — respondeu Harry. — Os meus associados gostam de se movimentar pela sombra. Quanto menos confusões, melhor. Estavam a contar com um assassinato fácil, não com uma perseguição improvisada pelas florestas do condado.

O ritmo da marcha diminuiu quando se depararam com trilhos com alguma folhagem e ramos espalhados pelo chão. Tratava-se de um caminho de cavalos. Oliver tentou localizar o Sol algures para lá da cortina formada pelas árvores. Pela sua posição, a tarde devia estar agora a aproximar-se do fim; depois, e contrastando com as nuvens brancas e lestras, ele viu-o: um globo negro que pairava nos céus.

— Harry, olhe! Nunca vi um aeróstato como aquele.

Harry olhou para cima.

— Maldito Monks. Aquela era a nossa boleia para longe daqui.

— Mas não tem motores de expansão acoplados!

— Não precisa deles para subir e descer, Oliver, e não faz outra coisa senão isso.

— Não estou a perceber.

— Eu explico-te isso mais tarde. Agora o melhor é concentrarmo-nos no nosso plano para sairmos daqui para fora.

O caminho de Harry dava para aquilo que Oliver começou por pensar ser um rio; só depois viu um reboque e percebeu que se tratava da parte mais recuada da zona de navegação de Cem Cadeados. Se seguissem pelo canal em direção a norte, talvez chegassem aos cem cadeados esculpidos no muro do dique das Profundezas Erguidas de Toby.

— Agora quero que te mantenha resguardado debaixo das árvores — aconselhou Harry. — Precisamos de nos manter na sombra. Estás a ver o túnel naquele monte? É para lá que vamos, sempre por baixo da linha de árvores. O reboque entra no túnel. Nós vamos entrar no canal que está por trás daquele arbusto à esquerda, ali em baixo.

O grau de precisão das instruções de Harry deixou Oliver desconcertado.

— Acha que pode haver alguém a observar-nos?

— Confia em mim, há *sempre* alguém a observar-nos — disse Harry.

— Anda, vamos.

Entraram na floresta, até que o túnel do canal surgiu mesmo por

cima deles. A vegetação estendia-se colina acima; ao forçar a passagem através dela, Oliver arranhou o pescoço nuns ramos afiados que cresciam por entre as pequenas flores de laranjeira. Estava frio dentro do túnel, e havia também muita humidade. Harry sentou-se diante de um nicho de cabouqueiro e estendeu os pés para o leito do canal.

Oliver sentou-se a seu lado.

— E agora, esperamos?

— És muito esperto, hás de ir longe.

Meia hora depois, a boca do túnel escureceu, e a primeira de três embarcações esguias avançou para o seu interior; todos os barcos possuíam apenas um remo na sua parte mais recuada, empurrando a água para o reboque.

— Quando o barco do meio passar, vais saltar para a cabina — ordenou Harry.

Oliver fez aquilo que lhe tinham dito; a estreiteza do túnel e a lentidão da embarcação do canal fizeram com que não fosse demasiado difícil passar através da nuvem de fumo sobre o convés. Mais atrás, era possível distinguir o contorno de uma figura cingida pelo vapor, de mãos no timão; se o homem do canal estava surpreendido com o aumento súbito da tripulação causado pela chegada de mais dois passageiros, não se notava grande coisa.

Harry empurrou Oliver através de uma porta em direção a uma divisão mais apertada; dir-se-ia o interior de uma daquelas caravanas de ciganos que passavam por Cem Cadeados durante o festival do solstício de inverno.

— Muito bem. Agora vamos ficar aqui durante o resto do dia; que nem sequer te passe pela cabeça saíres da cabina até amanhã de manhã.

Oliver começou a sentir uma onda de impaciência a formar-se no seu peito por causa dos modos enigmáticos do seu companheiro com ares de sábio.

— Porquê, Harry? Aquele aeróstato de aspeto bizarro anda lá fora à nossa procura? Isso não passa de um monte de tretas! Quais são as probabilidades de sermos localizados à distância?

Harry suspirou.

— Maiores do que pensas, velho compincha. Não é com os olhos humanos que nos devemos preocupar. Existem observadores lá em cima com motores de transação para os assistir; no entanto, só conseguem focar um sítio de cada vez, e amanhã estaremos fora do seu raio de alcance.

Oliver sentou-se num pequeno banco de três pernas.

— Harry, isso soa-me a paranoia.

— Só será paranoia quando eles deixarem de estar no teu encaço,

rapaz, e a avaliar pela receção que te fizeram no bosque, eu diria que não é o caso.

— Mas quem são *eles*?

Harry suspirou mais uma vez e puxou um banco para si.

— Tanto eu como os meus sócios que encontrámos há bocado no bosque somos coloquialmente conhecidos por lupocaptore.

Oliver riu-se com um tom de descrença.

— Lupocaptore? Quer dizer que é um demónio que veio para...

— Para levar as crianças travessas, Oliver? Todos os mitos têm o seu fundamento na realidade. O conto é apenas uma versão distorcida da verdade.

— É um condenado foragido, Harry. Eu vi o anúncio do mandado com a sua foto na esquadra da polícia.

— Não posso negar que isso seja verdade — disse Harry. — Ainda que eu tivesse preferido ser conhecido por ser um empreendedor de espírito aberto suspeito de ter desrespeitado a inclinação da marinha pela burocracia e pelos regulamentos.

— Nesse caso, o que é que são esses disparates todos sobre os lupocaptore vindos do céu? Não tarda muito, está a dizer-me que também ajuda a Mãe Cavalinho Branco a distribuir prendas às crianças nos solstícios de inverno.

— Garanto-te que os lupocaptore são humanos — disse Harry. — Ouve o que eu te vou dizer: quando Isambard Kirkehill tomou o poder em nome do parlamento, tinha apenas um receio, e esse receio era o trono. Tanto a marinha como o exército desejavam que ele se tornasse rei. O bom velho Isambard viu-se forçado a enfrentá-los com um sabre para os impedir de fazerem dele o novo monarca. Além disso, os nossos próprios monárquicos exilados em Quatérturno andavam a urdir uma conspiração tendo em vista a restauração. Kirkehill sabia que se a lei do parlamento durasse, teria de resistir a ambas as conspirações, assim como às ambições dos próprios Guardiães da Casa.

— E o que é que tudo isso tem a ver com o conto infantil? — perguntou Oliver.

— Tudo — explicou Harry. — Kirkehill estabeleceu uma corte sinistra como derradeira linha de defesa, um corpo que deveria atuar como autoridade suprema e último garante da lei do povo. Porém, esta corte teria de ser invisível. A Casa dos Guardiães sabe que a Corte existe, mas desconhece qualquer detalhe relativo à sua localização, constituição, métodos e missões. Se algum Primeiro Guardião começasse a olhar para o trono restaurado com olhos de cobiça, o facto de a Corte existir iria sempre dar-lhe algum tempo para refletir.

— E todas aquelas histórias sobre os demónios?

— Somos demónios para todos os que desejam a ruína de Laborterra — disse Harry. — Uma conspiração de Guardiães decide planejar um golpe; uma bela manhã, acordam e descobrem que o seu líder desapareceu. Nunca mais volta a ser visto. Um mercador começa a aceitar ouro cassárabe em troca do contrabando de celgas da marinha ao longo da fronteira; não muito tempo depois, a sua tenda é encontrada vazia no meio das dunas. A polícia política começa a receber ordens para viciar as eleições; um dia, a lancha de rio do General da Polícia é encontrada à deriva vazia no Apos-tamisa. Do pobre tipo, nem sinal. Trata-se de uma mensagem poderosa. Somos os fantasmas da máquina, Oliver, para que continue a haver justiça e pureza nos corações. A única coisa que eles sabem de nós é o nome que Kirkhill nos deu: a Corte do Ar. Somos a mais elevada de todas as malditas cortes que existem à superfície da Terra.

— Mas e os homens que nos tentaram matar? E os que mataram o tio Titus?

— O teu tio era um assobiador, Oliver. Fazia parte da rede de agentes à superfície da Corte do Ar. Ele tinha descoberto qualquer coisa, algo suficientemente grave para ser morto.

— O tio Titus?

— Era um dos nossos melhores assobiadores. Os seus associados estavam espalhados por toda a parte: Cassarábia, Quatérturno, Concórzia, na Liga Catosiana e no Sagrado Império de Kikkosico, para além de ter colaboradores em todos os condados de Laborterra, do condado de Chilton ao de Ferniethian.

— Durante todo este tempo... — meditou Oliver. — Não é que ele fosse propriamente falador, mas...

— A discrição fazia parte do dever, Oliver. Ele foi recrutado pelo mesmo homem que salvou a minha pele da forca às portas de Bonegate, o maior lupocaptor de todos os tempos: estou a falar do irmão de Titus.

— Mas isso quer dizer que...

— O teu pai, Oliver. Foi ele o lupocaptor que me treinou e me ensinou tudo. Pegou nos meus talentos incipientes e deu-lhes um propósito mais relevante do que o de desviar mercadorias da marinha para os mercadores de Penny Street.

— Mas se trabalha para essa corte — perguntou Oliver, — porque é que eles haviam de tentar matá-lo?

— Esse é o velho dilema de sempre. Quem é que observa os observadores? Há coisa de um par de anos para cá que tenho reparado em pequenos detalhes, sinais de que alguém dentro da Corte andava a jogar em ambos os lados do campo. O teu tio suspeitava do mesmo. Quando a nossa

extração de ainda há pouco se converteu numa emboscada, essas suspeitas tornaram-se realidade.

— Extração?

— Gíria do meio. Desfraldar a bandeira é montar um sinal. Chamar uma aerósfera para nos levar para cima.

— A Corte vive num aeróstato?

— Não é um aeróstato, Oliver. Hoje em dia, trata-se de uma cidade inteira a pairar nos céus, situada a uma altura fora do alcance de qualquer ascensor de altura da RMA. Só os roça-nuvens é que nos fazem companhia.

— E agora os seus colegas andam a tentar matá-lo?

— Só alguns deles. Devem ter despachado o pobre Landless e colocado Monks na tripulação a ocupar o seu lugar. A verdade é que eu nunca confiei em Monks. Não era suficientemente ladrão para o meu gosto. Em quem é que podemos confiar agora, Oliver? Mesmo no melhor dos momentos, é sempre uma pergunta difícil no grande jogo. Deixa-me cá pensar: se eles estão a agir às claras, é porque me devem ter declarado um fora-da-lei. Eles não podiam abortar uma extração e esperar que o assunto fosse camuflado. Isso quer dizer que há uma intervenção ao nível do regulador. Círculo, a podridão dentro da Corte vai bastante mais longe do que aquilo que eu tinha imaginado.

— E os polícias falsos na esquadra de Cem Cadeados? — perguntou Oliver.

— Eram os mastins de outro qualquer — disse Harry, — mas não da Corte do Ar. Nós dispomos de um braço militar a que chamamos os suplementos, destinados apenas à execução dos trabalhos físicos mais duros. Esses sim, são assassinos a sério. Se os tivessem metido no nosso encalço, nenhum de nós estaria agora vivo para discutir o assunto. Ora, nesse caso, em quem é que podemos confiar?

— E eu, Harry? Posso confiar em si?

— Confia-lhe a tua vida, mas não lhe confies a tua carteira.

A voz chegou vinda da entrada esconsa; o homem do leme encoberto pela neblina de há pouco. Não chegava à altura do peito de Oliver; a sua face hirsuta e desprovida de orelhas estava delineada por um par de suíças e enterrada por uma série de camadas de pele castanha curtida e pesada. O mestre do barco em que viajavam através do canal era um açambarcador.

— Armiral, seu velho canalha! — exclamou Harry, erguendo-se para cumprimentar o açambarcador. — Há espaço para um par de passageiros clandestinos?

— Ele é assobiador? — sussurrou Oliver a Harry.

<Armiral? Nem pensar. É um dos meus conhecimentos pouco cla-

ros. É-me demasiado valioso para ser desperdiçado nos assuntos da Corte. Pode-se dizer que tenho Armiral guardado para um dia mais difícil. Nunca sabemos quando é que vamos precisar de sair do grande jogo.>

— Estamos a avançar no canal de navegação da Via de Julrei — disse o açambarcador. — Amanhã devemos chegar ao largo de Casa de Câmbio. Depois disso, dizes-me para onde é que estamos a ir?

— Espero que sim — disse Harry.

Parecia que o açambarcador ia dizer qualquer coisa, mas depois abanou a cabeça e regressou ao exterior.

— O *Diácono Canoro* foi pago com o lucro obtido com os desvios de fornecimentos navais — disse Harry, piscando o olho a Oliver. — *Diácono Canoro* é o nome do barco. Claro está que o pagamento foi feito de forma algo indireta.

— Alguém tinha de tornar essas mercadorias mais úteis — disse Oliver.

— És um rapaz de raciocínio rápido, Oliver Brooks, não há que enganar. Vê-se bem a qualidade do teu sangue.

— O meu pai... E eu a pensar que ele estava no mesmo ramo de negócios que o tio Titus ao longo de todos estes anos.

— E estava — disse Harry. — De uma certa maneira.

— Era um bom homem? — perguntou Oliver.

— Suficientemente bom para os tempos em que viveu — disse Harry. — Não te vou mentir, Oliver. Havia um lado brutal em Fileas Brooks. Se ele pensasse que tu o estavas a enganar ou o estavas a enfrentar diretamente, podia ser um indivíduo impiedoso. Seja como for, para os meus parâmetros saiu-se bem, e não houve ninguém melhor do que ele entre os lupocaptadores.

— As coisas que ele deve ter visto e o que não terá feito ao serviço de Laborterra... — disse Oliver. — E tudo para morrer num acidente de aeróstato. Que absurdo tão profundo.

— Um acidente? Talvez — disse Harry. — Eu sempre tive as minhas dúvidas quanto a esse assunto.

— O quê? Não pensa que...

— Não passam de suspeitas, Oliver. O vosso aeróstato caiu durante o princípio da não muito bem-sucedida revolução de 1566, à qual se seguiu rapidamente a Guerra dos Dois Anos com a Comunidade da Partilha Comum. A Corte do Ar andava totalmente ocupada com a tarefa de se certificar de que os homens do comité de Benjamin Carl eram eliminados. É certo que as minhas capacidades não me deixaram ir mais longe dentro da marinha do que o Quadro de Provisões, mas sei o suficiente das tarefas de um comandante aéreo para perceber que, quando tens um motor de

expansão que dispara, não decides seguir uma rota que te faça passar nas proximidades da cortina da Brumencantada.

Os olhos de Oliver adquiriram um tom avermelhado.

— E eu fui o único sobrevivente.

— O único que foi encontrado, velho compincha. O único a ter sido encontrado. A não ser que tu saibas mais alguma coisa do que eu?

— Nada de que me consiga lembrar, Harry.

— Vamos testar essa tua memória — disse Harry. — Titus nunca chegou a contar-me aquilo que tinha descoberto; estava à espera que aparecesse alguém vindo do Sul antes de me pôr ao corrente do assunto. Em vez desse alguém, apareceram aqueles dois esmagadores falsos da Yard do Burgo e os castores no hall da pousada. Eu diria que a pessoa que Titus estava à espera foi intercetada pela mesma comitiva que nos tentou limpar, e terá sido provavelmente eliminada. Tens alguma ideia de quem poderia ser essa visita do teu tio?

Oliver matutou naquela pergunta.

— O tio tinha-me pedido que fosse ao teu encontro na semana passada, mas não mencionou nada relacionado com a chegada de mais alguém. De qualquer das maneiras, o próximo aeróstato só devia chegar a Cem Cadeados daí a quatro dias.

— Vamos tentar outra coisa — disse Harry, empurrando os óculos novamente para o cimo do nariz. — É como quando falo com a minha voz no interior do teu crânio, a única diferença é que tudo vai fluir na direção oposta. Talvez seja capaz de descobrir algumas pistas a partir das tuas memórias.

— Mais truques de cantor-mundo?

— De certa maneira, sim, embora as pessoas que nos treinaram não estejam na ordem, o que suspeito que não agradaria nem um bocadinho aos cantores-mundo se eles um dia descobrissem uma coisa dessas. Uma das razões pelas quais eles não gostam dos encantados é precisamente o facto de não lhes agradar a ideia da concorrência.

Harry colocou a palma da sua mão esquerda na testa de Oliver e tapou-lhe os olhos, tentando estabelecer contacto com os pensamentos do rapaz. Oliver estava à espera de sentir qualquer coisa, uma comichão, uma pressão ou talvez uma dor de cabeça, mas não sentiu absolutamente nada.

— Que estranho, nunca me tinha acontecido — disse Harry. — Não consigo estabelecer contacto contigo. Consegues ouvir o eco da minha mente, não consegues?

— Como se estivesse a falar a um centímetro do meu ouvido — disse Harry.

Oliver voltou a pensar no cristal da verdade inativo da esquadra da

polícia. Algo parecia estar a protegê-lo das investidas dos cantores-mundo. Seria já alguma coisa de encantado, algo de perigoso e defensivo que se estava a desenvolver dentro dele como um tumor, preparando-se para vir à superfície e deformar o seu corpo de forma terrível e anormal? Se calhar, o bom velho Pullinger tinha estado certo durante todo este tempo: talvez Oliver estivesse melhor com um torque à volta do pescoço e mantido sob a vigilância apertada da ordem.

— Muito estranho, Oliver... Quer dizer, alguns conseguem resistir ao prestígio, se bem que tu és o primeiro que eu conheço em carne e osso. Não há outro remédio senão fazermos isto à maneira antiga. Há alguma visita de Titus de que te lembres que tenha aparecido nos últimos meses?

— Uma mão-cheia, não mais do que isso — disse Oliver. — Um capitão de regresso do Sagrado Império de Kikkosico. Uns estafetas da rede de estações de cristal com coisas embrulhadas. O empregado principal do escritório de contabilidade do tio em Ferromédio veio no princípio do mês, como de costume.

— Alguma visita pouco habitual?

Oliver trabalhou as meninges.

— Houve um velho açambarcador que nos visitou duas vezes durante o mês de Celeiro. Uma vez ao princípio, e a outra no final.

— Velho? — perguntou Harry. — Mais velho do que o nosso Armiral?

— A barba na sua face era branca, e as suas bochechas mais pareciam um campo de neve, exceto no ponto em que tinha uma marca na bochecha direita.

— Uma tatuagem? — perguntou Harry.

— Não. Era mais como se tivesse sido marcado.

— Armiral!

Harry chamou o açambarcador de volta à cabina apertada da embarcação.

— Traz um lápis para o rapaz. Oliver, podes desenhar-nos a marca que viste?

Oliver fez um desenho de um círculo trespassado com três linhas inclinadas.

— O que é que te parece? — perguntou Harry ao açambarcador dono do barco.

— Um mineiro de celgas de Relógio-Sombrio.

— Foi o que eu pensei — disse Harry.

Armiral inclinou-se contra a porta aberta do convés e coçou o maxilar de forma pensativa.

— Cada linha representa um desabamento ao qual se sobreviveu.

Poucas pessoas chegam aos três. O portador desta marca tem de ser idoso, Harry. Que grande confusão.

Oliver lembrou-se da forma como o açambarcador de visita deambulava pelo interior da Pousada das Setenta Estrelas; era como se estivesse satisfeito por trocar o espaço e o céu do exterior pelo confinamento da casa.

— O tio Titus não tinha qualquer contrato com os minérios de celgas. Porque é que ele se teria encontrado com um homem de uma organização dessas?

— Ninguém tem contratos diretamente com Relógio-Sombrio, Oliver, o Quadro de Provisões do Estado encarrega-se disso. Aquele sítio é virtualmente uma cidade fechada; é a única a ter um governante militar nomeado pelo parlamento em lugar de um presidente eleito pelo povo. Muita gente morreu por causa das riquezas existentes no interior das montanhas de Relógio-Sombrio. Traficantes, agentes de todas as grandes potências do continente, estafetas de gás. Se Titus descobriu alguma coisa de errado que se andava a passar em Relógio-Sombrio, não duvido que alguns canalhas de lá pudessem ter achado que o assassinato dele e as nossas mortes eram um preço acessível a pagar pela manutenção do secretismo das suas transações.

— Os teus negócios vão levar-te para Relógio-Sombrio, Harry? — perguntou o açambarcador. — Posso levar-te de barco até ao canal de navegação de Cabeça de Ovelha. Depois, são precisos vistos especiais para se usarem as vias aquáticas subterrâneas das minas.

— Vou precisar de fazer uma paragem em Casa de Câmbio pelo caminho. Quando esse assunto estiver arrumado, se conseguires levar-nos até ao limite do condado em Medfolk, nós seguimos a pé até Relógio-Sombrio durante o resto do caminho.

— Tens a certeza que queres mesmo ir a Relógio-Sombrio, Harry? — perguntou o açambarcador. — A cidadela a norte é a maior fortaleza da RMA, e os nossos velhos amigos podem reconhecer-te. Se a marinha não te bastar, tens ainda a polícia dos minérios, o exército regular e uma guarnição da Guarda Especial.

— É sinal de que Laborterra sabe como proteger o seu monopólio de celgas, Armiral. Até de mim.

— Como quiseres — disse o açambarcador. — Gostas mesmo de viver com o perigo, Harry Stave.

— Se não vives no limite, é sinal que estás a ocupar demasiado espaço, velho compincha.

Harry viu a cara de Oliver naquele momento.

— Não te preocupes, rapaz. Depois daquilo que nós já passámos, uma viagem até às minas de celgas vai ser como um passeio no parque.

...

A Monitora Oitenta e Um não estava à espera de ver o seu turno interrompido no *monitorarium*, embora tivesse percebido que, pela forma como os outros monitores tinham silenciosamente criado um espaço para a recém-chegada (ao mesmo tempo que procuravam freneticamente encontrar algo que fazer na ala mais afastada da plataforma), a intrusa tinha estatuto.

— Monitora Oitenta e Um?

A monitora anuiu. Algo dentro dela, uma voz prudente de cautela, impediu a Oitenta e Um de perguntar à recém-chegada por que razão o seu fato aéreo negro e cingido ao corpo estava desprovido das insígnias da Corte, excetuando uma fita fina e amarela que descia ao longo de cada uma das suas pernas.

— Estou interessada no seu relatório do condado da Luz, Oitenta e Um. O incidente de Cem Cadeados.

— Entretanto passou ao nível de análise, senhora — disse a monitora.

— Estou segura que sim — disse a visitante. — No entanto, gostaria de saber qual a sua apreciação geral dos acontecimentos.

A Oitenta e Um estava prestes a responder quando se apercebeu do regulador nervosamente à espera na entrada, perto do grande *monitorarium*: um nível verde. Normalmente, apenas atribuíam nível verde a uma pessoa. Era *ela*. Todas as conversas do refeitório iam dar naquele momento à Oitenta e Um.

Ela fora amante de Isambard Kirckhill. *Ela* tinha mais de seiscentos anos. *Ela* era uma bruxa do tempo, das que mantinham a Corte do Ar fixa na troposfera apenas com o poder da mente. *Ela* era uma viciada em folhaa e uma revolucionária falhada. *Ela* era uma manipuladora de contornos, uma capacitada condenada e foragida do asilo de Hawklaw. A mulher que a Oitenta e Um tinha agora diante de si era *Lady* Enigma em pessoa, Procuradora-Geral e Diretora da Corte do Ar. Não havia qualquer dúvida quanto a isso.

— Vamos lá, fale — disse *Lady* Enigma.

— Foi de manhã — disse a Oitenta e Um. — O meu vigilante do costume estava de folga por causa de o seu telescópio ter sido retirado para manutenção.

— E isso é habitual? — perguntou *Lady* Enigma. — Dispensar o telescópio e um vigilante a meio de uma observação?

A Oitenta e Um refletiu antes de responder, sentindo uma picada de suor debaixo da sua sobancelha apesar do frio gélido que se fazia sentir na enorme esfera do *monitorarium*.

— Não vai contra o protocolo, senhora.

— Pois não — concordou *Lady* Enigma. — Não vai, não, senhora.

E qual foi o relatório do vigilante *de reserva* aos comandos do telescópio *suplente* da bacia flutuante?

— Parece que o nosso lupocaptor neutralizou o assobiador da estação local, tendo depois tentado assassinar a equipa de extração e apoderar-se da sua atmosfera. O lupocaptor em questão está agora dado como desaparecido. Quatro vigilantes estão neste momento em regime de desbaste-elevado na área de Cem Cadeados.

— O lupocaptor em questão chama-se Harry Stave — disse *Lady Enigma* — e boa caçada para si, porque vai ficar em desbaste-elevado durante o resto do ano.

— Oh — disse a Oitenta e Um, arrependo-se da insensatez proferida assim que lhe saiu dos lábios.

— Se tivesse de assinalar uma situação estranha relacionada com a equipa de extração, qual delas seria?

A Oitenta e Um sentiu o corpo a suar por baixo do sobretudo cinzento. A lógica simbólica tinha sido a disciplina em que tivera piores resultados quando entrara para a Corte.

— Que o piloto habitual da missão foi trocado por outro da lista.

— Lei da coincidência? — perguntou *Lady Enigma*.

— Os padrões suplantam as coincidências, senhora.

— Assim é, de facto — disse *Lady Enigma*. — A maior parte das pessoas teria no entanto feito notar que o detalhe mais significativo nesse ficheiro é o facto de Harry Stave ter regressado ao tipo.

— É que eu sou relativamente nova aqui — justificou-se a Oitenta e Um. — E é provável que seja um pouco lenta.

Os olhos escuros e mouriscos de *Lady Enigma* cerraram-se.

— Nem por sombras. Faça-me só um pequeno favor, minha querida: quando os seus colegas lhe colocarem alguma questão sobre aquilo de que nós estivemos a falar, diga-lhes que conversámos sobre o quadro de observação de Quatérturno.

Tratava-se de um pequeno favor que seria perigoso recusar. A Oitenta e Um assentiu, mas entretanto *Lady Enigma* tinha voltado costas e dirigia-se já para o regulador verde junto do *monitorarium* da entrada. O jogo, tal como o seu instrutor da Corte costumava dizer, tinha começado, e o espaço aberto do *monitorarium* pareceu ainda mais gelado do que o costume.

Capítulo Oito

Os aposentos de Chaminé Prateada consistiam numa série de pequenas divisões situadas por cima de uma oficina, na qual ele reparava qualquer mecanismo ou engenhoca que lhe viessem trazer.

— Só lhes falta pedirem-me que sacrifique partes do meu próprio corpo para arranjar o lixo deles.

Este era o único comentário que Chaminé tinha a fazer acerca dos seus clientes fora-da-lei.

Molly reparou na quantidade ínfima de pessoas que passavam nas ruas de Sinistrasperança, e mesmo esses poucos pareciam caminhar como que vergados. Porém, Chaminé limitava-se a murmurar:

— Já vais ver, Molly corpomacio, já vais ver.

Durante os sete dias que se seguiram, Chaminé manteve Molly fechada na sua oficina, pedindo-lhe apenas que observasse as pessoas que ali entravam, de maneira a ir-se habituando aos modos e costumes da cidade subterrânea antes de se aventurar pelas suas ruas. Rodas Lentas também, já que o vaporomem parecia relutante em partilhar o saber que obtinha através de uma ligação cristalina estabelecida com o controlador da estação do Guardião Rathbone. Parecia que o estatuto social de aberração atribuído a Chaminé o tornava impuro de diversas formas aos olhos do seu próprio povo. Rodas Lentas não o ofendia abertamente, mas a postura de desprezo que mantinha relativamente ao irmão caído em desgraça tornou-se óbvia pela forma como passava tanto tempo quanto lhe fosse possível numa divisão da casa na qual Chaminé não estivesse, limpando obsessivamente o chão e todas as superfícies das divisões da oficina, até ao ponto em que deixou de poder existir uma casa mais asseada do que aquela em toda a Sinistrasperança.

Sentia-se uma espécie de nervosismo na clientela de Chaminé; era como se todas aquelas pessoas desejassem apenas não se destacar demasiado no meio da multidão. Aquele era o mesmo ar abatido que Molly costumava

mava distinguir nos olhos de algumas das crianças mais fracas do internato, naqueles que tinham sido quebrados pelas circunstâncias. A ânsia de se inserirem, de se desvanecerem na dança subterrânea das ruas de Ferromédio, de se tornarem um espetro vivo mas invisível, indetetável, a salvo da observação alheia e da dor das suas tarefas de punição, ridículas e angustiantes, era a mesma. Sinistrasperança: a urbe dos fora-da-lei, da liberdade e da folia desregrada, convertera-se na cidade da labuta diária dos quebrados pela vida, onde ninguém olhava para ninguém nos olhos, temendo ser detetado e apontado a dedo.

Mesmo confinados aos aposentos de Chaminé, o ruído e o fedor de Sinistrasperança eram dados constantes; depois, havia também o matraquear das manufaturas, os ruídos secos das máquinas de perfuração e corte, e o ressoar das florestas de canos que sugavam o fumo para irem cuspi-lo nos níveis mais profundos das cavernas. Rodas Lentas sentia um desejo enorme de investigar a oficina mais próxima para tentar compreender qual a natureza dos seus incessantes labores, mas Chaminé Prateada, cauteloso como era, tinha-o proibido de sair da loja, apontando de seguida para o grupo de trabalhadores acorrentados dessa mesma fábrica que, por vezes, passavam pelas ruas de cabeça cabisbaixa e escondida por baixo das suas capas verdes, vigiados por soldados de capa vermelha, os novos polícias do regime, apodados de “homens resplandecentes” pelos cidadãos de Sinistrasperança.

Molly ajudava na loja, surpreendendo Chaminé Prateada com a sua aptidão natural para trabalhar com mecanismos e dispositivos.

— Nunca foste aprendiz de mecanomântico, Molly corpomacio? — perguntou o vaporomem.

Molly riu-se com aquela pergunta.

— Em Ferromédio as famílias pagam a um mestre para que ele inicie os filhos num bom ofício, Chaminé Prateada. Logo, eles não aceitam trastes do internato.

— Quem me dera que os mecanomânticos se mostrassem tão discriminatórios no que toca a fazer experiências com o meu povo, Molly corpomacio.

Molly nunca abordara ainda o estatuto de vaporomem impuro de Chaminé, o facto de ser considerado uma aberração sacrílega. A deixa de Rodas Lentas tinha-a feito passar por cima desse assunto, temendo a possibilidade de abordar algum tabu da raça do metal.

— É por isso que vives aqui em baixo?

— Eu sou uma carta fora do baralho, Molly corpomacio — respondeu Chaminé Prateada. — O Rei Vapor faz uso da minha visão vítrea e das minhas pregas auditivas quando lhe convém, mas a minha estrutura não foi

estabelecida por nenhum arquiteto real do Estado Livre dos Vaporomens. Tenho a certeza de que à superfície não conseguirias encontrar um único semelhante da minha espécie disposto a partilhar comigo um pouco de combustível graduado.

— Foste construído em Ferromédio? — perguntou Molly.

— Eu não fui construído, Molly corpomacio. Fui montado, canibalizado a partir de várias partes de outros vaporomens — disse Chaminé Prateada. — Os vossos mecanomânticos não nos podem construir, mas, ainda assim, alimentam a esperança de compreender os nossos corpos através da profanação dos nossos cadáveres. Existem almas de vaporomens encurraladas dentro de mim, misturadas de maneira a fazer-me tal como sou. Durante o meu fluxo de pensamento, ouço-as a chorarem. Pedem-me que as liberte.

— Através da tua morte — disse Molly.

— Sim — confirmou Chaminé Prateada. — Através do meu regresso ao padrão supremo. Trago os meus antepassados dentro de mim, cada passo que dou é uma desonra para eles, mas não me atrevo a ser desativado. A vida está demasiado cheia de coisas, mesmo aqui em baixo. Há a beleza das tempestades no teto destas cavernas, a satisfação de consertar o que antes estava estragado. Os cheiros da floresta quando os esporos inferem e cobrem o chão como se fosse uma queda de neve. É por isso que, em vez de morrer, vivo aqui, escondido no ventre da terra como um covarde, e evito mostrar a minha cara aos meus irmãos do metal.

Molly acendeu o fogão ao canto da sala.

— Como é que o mecanomântico conseguiu meter as mãos em tantos corpos?

— Houve uma torre que caiu — disse Chaminé Prateada. — Blimber Watts. Os pneumáticos cederam.

Molly quase deixava cair a sua pá de carvão.

— Chaminé Prateada, eu estava lá! Foi um vaporomem que me descobriu no meio dos escombros.

— Então tu percebes, Molly corpomacio.

— Sim. Sim, suponho que percebo.

— O vaporomem que te salvou devia estar à procura de sobreviventes e de cadáveres dos nossos, com o intuito de dar alguma paz às nossas almas antes que os necrófagos pilhassem o metal morto. Por Valdo-Ferrobhahah, por baixo das nossas carapaças é como se fôssemos irmão e irmã. Tens de ver o que eu faço, decerto que vais compreender.

Molly viu as pernas em forma de tripé de Chaminé Prateada avançarem ao longo do chão; depois, ele destrancou uma pequena porta em madeira escondida atrás de uma cortina.

— Anda.

Chaminé Prateada conduziu-a a uma divisão do sótão através de uma escadaria estreita. O espaço estava repleto de telas de quadros, todos em padrão monocromático: eram cenas sobrenaturais do cristal de luz a cair através da floresta, com uma figura solitária sentada de pernas cruzadas por baixo de um cogumelo com forma de flauta. A mesma figura indistinta e solitária estava presente em todas as pinturas: junto a uma janela pintada a partir de fora, pequena e em contraste com a extensão de um edifício, ou a caminhar sozinha, junto à corrente de um lago subterrâneo.

Molly fez os dedos passarem sobre a textura do quadro.

— Usas sempre o mesmo modelo.

— Não é um modelo — disse Chaminé Prateada. — Vejo-a muitas vezes à distância. Não sei bem quem ela é. Talvez não passe de uma sombra de uma vítima de Blimber Watts, ou, quem sabe, de uma imagem fantasmagórica que ficou encurralada na minha visão vítrea depois de o mecano-mântico corpomacio me ter unificado.

— São lindos — disse Molly.

— Tanto quanto sei, sou o único vaporomem que alguma vez pintou — disse Chaminé Prateada. — Se alguma vez tiver a coragem de me desativar, talvez estes trabalhos me possam sobreviver. Nesse caso, terá ficado qualquer coisa de mim, algo que não foi roubado das almas do meu molde familiar.

Molly pousou a tela que estava a observar novamente no chão.

— Querer viver não é uma cobardia, Chaminé Prateada.

— A minha vida mantém três almas agitadas e impedidas de atingirem o padrão supremo. Não tenho quaisquer ilusões quanto aos custos da minha própria sobrevivência.

— Nenhum de nós parece ser lá muito popular junto das suas famílias, Chaminé Prateada.

— Pois é — disse o vaporomem. — Crescer num internato sem um padrão familiar também não deve ter sido fácil.

Molly suspirou.

— Não foi, não. Nas Portas do Sol, éramos nós quem tomava conta uns dos outros; dentro do possível, éramos como uma família. Mas também não me posso iludir e dizer que era o mesmo que ter um pai e uma mãe que me amassem e que fariam o que quer que fosse por mim. Havia dias em que caminhava pelas ruas de Ferromédio e só via pais e mães com os filhos, a caminharem de mãos dadas. A rirem-se e a fazerem coisas juntos. Costumava perguntar-me qual seria o meu problema para não poder ter aquilo; devia haver qualquer coisa de errado comigo para ter sido abandonada. Tu só pintas a preto e branco, velha caldeira?

Chaminé Prateada apontou para a sua cabeça prateada e abobadada.

— O mecanomântico que me fez não sabia o suficiente para programar a minha vista de forma diferente. No entanto, sei como é ver a cores por causa das partes antigas do meu corpo. Acho que às vezes também vejo a cores nos meus fluxos de pensamento, especialmente a cor vermelha. As maçãs são vermelhas, não são?

Molly assentiu. Chaminé Prateada abriu uma portinhola de ferro que dava para o seu sistema esférico central, expondo um labirinto de cristais, placas, silicatos e mecanismos automáticos aos olhos de Molly.

— Fui ao encontro do Rei Vapor e supliquei-lhe que me restaurasse a visão de forma a ficar tal como era antes, mas ele recusou-se a fazê-lo. Disse-me que a lei proibia o povoavapor de me desativar, mas que jamais admitiria que os mortos-vivos fossem assistidos ou reparados.

Havia qualquer coisa nos seus sistemas internos que parecia errada aos olhos de Molly, era algo que ela conseguia sentir dentro de si própria como uma dor tangível. Os seus braços entraram através da portinhola aberta de Chaminé Prateada e desataram a reajustar placas e a trocar conjuntos de válvulas.

— Desiste, Molly corpomacio — disse o vaporomem. — Aqueles que não pertencem ao povoavapor estão proibidos de modificarem os nossos corpos.

— Mas o que é isto? — perguntou Rodas Lentas, deslizando para o interior das águas-furtadas do sótão. — Isso é um ultraje aos olhos de Valdo-Ferrobhalah! Molly, para imediatamente com essa violação.

Molly retirou as mãos do interior de Chaminé Prateada e fechou a portinhola.

— O Chaminé estava avariado. Não fui capaz de suportar isso.

A caixa de voz de Chaminé Prateada ressoou com um tom de grande espanto.

— O chão é castanho! Da cor dos cogumelos secos. E o teu cabelo, Molly corpomacio, o teu cabelo é vermelho, tão vermelho como qualquer maçã! Consigo ver a cores outra vez! Por todos os santos dos Vapores dos Loas, reparaste a minha visão vítrea! Voltei a ver a cores!

— Como é que uma coisa destas pode ser possível? — perguntou Rodas Lentas. — Molly corpomacio, tu não és mecanomântica nem projetista da ordem dos arquitetos!

— Senti que estava qualquer coisa mal montada — explicou Molly. — Não sei como, as minhas mãos sabiam o que tinham a fazer.

Chaminé Prateada fez rodar a sua cabeça na direção de Rodas Lentas.

— Rodas Lentas, Molly corpomacio leu as rodas de engrenagem?

— Na presença do controlador, sim — disse Rodas Lentas. — O padrão de Engrena-gi-ga foi revelado ao Ferrugem Vermelha.

— Não sei como, mas sabia o que era preciso fazer — repetiu Molly. — Sempre senti uma estranha apetência para este género de coisas.

— Isto não é uma apetência vulgar, Molly corpomacio — exclamou Chaminé Prateada. — E tu, Rodas Lentas, sua caldeira velha e disparatada. Com tantos lugares no mundo, trazer este corpomacio para aqui, para este ninho de vileza e caos! Devias tê-la enviado ao Rei Vapor com uma escolta de cavaleiros vaporomens a velarem pela sua preciosa segurança.

— De que raio é que vocês os dois estão a falar? — perguntou Molly.

O tripé de Chaminé Prateada tinha entretanto descido de forma a pousar o seu grande corpo esférico no chão.

— Que grande alteração no padrão supremo. Uma caldeira velha e inconsciente e um cadáver ambulante para a protegerem.

— Mas que raio, eu consigo perfeitamente defender-me sozinha — disse Molly. — Desde que aprendi a andar que não tenho feito outra coisa na vida!

Molly estava prestes a exigir-lhes uma explicação quando se ouviu um bater agressivo na porta da casa. Chaminé Prateada inchou e arqueou-se como uma aranha, abrindo uma claraboia para espreitar para a rua.

— Quem é? — perguntou Rodas Lentas, não sem antes reduzir consideravelmente o volume da sua caixa de voz.

— A mulher do comité da nossa rua e das outras mais próximas. É política, uma informadora.

Outros homens e mulheres com capas carmesim iam percorrendo as ruas para cima e para baixo, batendo às portas.

— Despertem, compatriotas — gritava a mulher lá em baixo. — Demonstração obrigatória de lealdade na praça central. O nosso bairro foi selecionado. Este é um dia glorioso.

— Temos de ir — disse Chaminé Prateada. — Os homens resplandecentes vão fazer buscas em todos os prédios. Os que não obedecerem à chamada serão executados.

Os cidadãos locais iam desembocando às dúzias na rua, e a cada minuto que passava surgiam mais, com as faces cobertas por uma sombra propiciada pelos capuzes verdes. O único som que se ouvia era o baque contínuo das máquinas de corte das oficinas da rua seguinte.

— Venham — insistia a mulher do comité. — Venham.

Por onde quer que passassem, vislumbravam apenas figuras de capuz vermelho a instigarem os cidadãos de Sinistrasperança a saírem das suas casas. A mulher conduziu-os ao longo das ruas subterrâneas até à praça central de Sinistrasperança, construída numa escala que talvez lhe permi-

tisse rivalizar com o Parque da Esperança de Ferromédio, mas ainda com a pátina e o pó próprios de uma construção recente a pairarem sobre ela. Os porta-estandartes com as bandeiras desfraldadas (fundos vermelhos com um triângulo dourado) marchavam rumo à observação do cerimonial prestes a desenvolver-se. A disposição apagada das pessoas na praça foi substituída por uma atmosfera elétrica; cada vez iam chegando mais pessoas oriundas de vários pontos da cidade, até que uma horda de fora-da-lei cobriu a paisagem granítica por completo.

Molly teve de se agarrar à mão de ferro de Rodas Lentas para não se ver afastada do vaporomem pelos movimentos da multidão. Chaminé Prateada estava sentado diante deles como um deslizagudo que deu à costa na praia, com o seu tripé parcialmente recolhido para o interior do seu corpo.

— Já chegou? — perguntou um dos da multidão a Molly.

— Quem?

— Tzlayloc — disse o cidadão fora-da-lei. — Quem é que havia de ser?

— Ali está ele! — gritou outro no meio da multidão.

Uma figura tinha subido a um palco, atirando o seu capuz carmesim para trás. Ao erguer lentamente os braços, aquietou a agitação da multidão.

— Meu povo! — exclamou a voz para todo aquele espaço aberto. — Contemplo-vos a todos vós reunidos aqui hoje e vejo um exército de semelhantes, de irmãos e irmãs, de compatriotas reunidos em torno de um propósito comum.

Momento de pausa.

— Olhem para a pessoa ao vosso lado. Aqui não há proprietários de oficinas. Não existem senhorios, nem reis, nem guardiães. Ninguém para vos tratar de inquilino, de súbdito, de escravo. E porquê, pergunto eu?

— Porque nós somos iguais — respondeu a multidão em coro.

— Aqui tudo pertence aos comuns: a vocês! — insistiu o homem chamado Tzlayloc. — E meus compatriotas, tudo aquilo que vocês são pertence aos comuns.

A multidão urrou como sinal de aprovação. Molly não podia acreditar na velocidade com que o rebanho apreensivo se transformara num aglomerado delirante e reverencial. Dir-se-ia que um feitiço tinha sido lançado sobre aquela multidão.

— Quando outro homem ou outra mulher vos dão o direito de voto e dizem que vos outorgam a liberdade, estão na verdade a oferecer-vos algo que vocês já têm, algo com que vocês nasceram. Ao fazerem-no, transformam-vos num escravo pleno de gratidão.

— Nós não somos escravos — respondeu alguém.

— Não. De facto, não o somos. Compatriotas, nós estamos unidos,

incarnamos a Partilha Comum perfeita. Nenhuma papoila é maior do que a outra, roubando-lhe o sol e condenando-a à sombra, sugando a generosidade da terra ao mesmo tempo que permite que a sua vizinha defina e morra. Somos iguais?

A multidão rugiu num unísono quase perfeito:

— Sim!

— Compatriotas, deixem-me apresentar-vos os heróis da nossa sociedade, aqueles que, com o seu exemplo, alumiam o caminho de todos nós!

Ao seu sinal, um homem avançou a coxear para cima do palco; uma das suas pernas de ferro cintilava com a luz subterrânea encarnada.

— Muitos de vocês sabem quem sou. Chamo-me Ikey Salomon, e cheguei a ser o carteirista mais rápido em toda a Ferromédio. Quando os esmagadores finalmente vieram em minha busca para me prenderem e enviarem para as colónias concorzianas, vim direito a Sinistrasperança.

A multidão ovacionou a sua rebeldia.

— No entanto, eu não era igual. Podia fazer as Profundezas de uma extremidade à outra em oito horas, e depois beber um metro de cerveja. Nenhum de vocês aqui presentes poderia desafiar-me e vencer-me.

A multidão murmurou lugubrememente em reação à sua jactância incorreta.

— Foi por isso que decidi igualizar a minha perna. Ora vejam — disse ele, erguendo o membro do chão. — Os ossos foram fixados com alfinetes em ferro! Agora sou tão rápido como vocês. Eu sou a Comunidade da Partilha Comum, e vocês fazem parte de mim. Quando correremos, correremos juntos, e não uns contra os outros!

A multidão entrou numa apoplexia de delírio com o sacrifício do compatriota Salomon.

— Acabas de nos mostrar o caminho, Compatriota — disse Tzlayloc. — Mas não és o único. Podes avançar, Irmã Peggotty.

Uma mulher de baixa estatura avançou por entre a guarda de honra de capuzes carmesim, trazendo um rapaz pela mão; de acordo com a apreciação de Molly, o miúdo não devia ter mais de nove ou dez anos.

— Muitos de vocês aqui presentes terão talvez frequentado as casas de apostas de Stalside — começou ela.

A multidão respondeu com uma gargalhada.

— Aqueles que o faziam ter-se-ão certamente cruzado com o meu filho nalgum tabuleiro... pedras de dois saltos, xadrez, movimento circular em roda. Nesses tempos, os donos das casas usavam o meu filho como um íman para esvaziar os bolsos dos desesperados e dos viciados. Diziam que era um prodígio, capaz de bater qualquer um de vocês em jogos de perícia

ou de azar. Exploravam-no como se fosse o isco de um pescador. Mas agora, olhem para ele...

O rapaz contemplava a assistência do comício com um ar de quem não compreendia nada. A baba escorria ao longo de um dos lados do queixo.

— Compatriotas, agora ele está curado. Foi igualizado: agora, é um dos nossos! Pela graça dos nossos cantores-mundo renegados, o seu cérebro foi arranjado. Qualquer um de vocês pode agora desafiá-lo para um jogo à vossa escolha, vencendo-o e sendo vencidos por ele de forma equilibrada!

A multidão rugiu em sinal de aprovação.

— Qual de vocês irá agora mostrar a sua devoção? — exclamou a mãe. — Qual de vós será capaz de provar o amor que sente pelos compatriotas?

Uma jovem empurrou Molly para conseguir chegar mais adiante.

— Eu! Tzlayloc, escolhe-me a mim. Sou bonita e isso não passa de uma maldição a meus olhos. Faz uma cicatriz na minha cara com o ácido das oficinas.

— Não! — gritou um homem enorme, erguendo-se do meio da multidão. — Tzlayloc, repara bem como sou forte. Igualiza-me, corta um dos meus horríveis braços musculados!

— Compatriotas — disse Tzlayloc, fazendo sinal aos voluntários para que estes recuassem. — A predisposição de que dão mostras para se juntarem à nossa Partilha Comum honra-vos a ambos. Porém, nem todos partilham das nossas crenças. Ao mesmo tempo que vivemos de forma livre aqui em baixo, os nossos irmãos e irmãs continuam a sua labuta sob o jugo dos barões do comércio de Ferromédio e da falsa idolatria da farsa de umas eleições a cada quatro anos. Compatriotas, façam avançar os corruptos!

Os soldados de capa vermelha (os chamados “resplandecentes”) surgiram com duas figuras que se debatiam envoltas em togas brancas.

— Estas sanguessugas diabólicas... — ecoou a voz de Tzlayloc ao longo dos muros da praça. — Estas duas sanguessugas diabólicas vieram de muito longe, das cidades-estado da Liga Catosiana, para nos fazerem uma visita. Para quê? Para tirarem partido de nós! Para fazerem *lucro*.

A multidão como que suspendeu o seu fôlego em conjunto.

— Por favor — suplicou um dos mercadores catosianos. — Ainda no ano passado vocês precisaram de caldeiras de alta tensão nossas para as vossas indústrias, de peças e instruções para as máquinas. Nós trouxemos-vos aquilo de que vocês precisavam. Tem piedade, poupa-me a vida. Tenho uma família que precisa de mim, três raparigas e um rapaz bebé.

— Ouçam bem estes filósofos — zombou Tzlayloc. — Sugam-nos o sangue para alimentarem as suas famílias. Mas não é essa a desculpa dos

vampiros que se arrastam à superfície? É só um pequeno negócio, só um pouco de sangue: trabalha para mim em vez de trabalharmos um para o outro. Faz-me gordo. Faz-me rico. Homens de Catósia, deixem que vos ensine uma nova filosofia.

Tzlayloc puxou de uma faca com pega em obsidiana, com a lâmina esculpida na pedra afiada. Os encapuzados de túnica carmesim às suas ordens arrastaram os dois mercadores até um altar onde, ao mesmo tempo que iam choramingando, foram dispostos de costas e acorrentados a uma pedra.

— Durante a vossa vida, sugaram o sangue do povo pelo qual deveriam ter zelado. Agora, ao morrerem, o vosso sacrifício irá fortalecer as energias do povo e fazer a sua causa avançar. Xam-ku, Pai Aranha, ouvi a minha oração: que o sacrifício destas duas ratazanas apanhadas com o focinho enterrado nas nossas caixas de grão possa aumentar o teu poder e acelerar o teu regresso. Passámos demasiado tempo debaixo do jugo da escravidão do senhor, do mercador e do mercado sem a luz da Caotyl Selvagem para nos guiar!

— Não olhes agora, Molly corpomacio — preveniu Chaminé Prateada.

Molly seguiu o seu conselho, mas foi incapaz de evitar ouvir os gritos que ressoavam nos muros da praça enquanto Tzlayloc ia arrancando os corações latejantes dos corpos ainda vivos dos mercadores. Tzlayloc ergueu os corações a latejarem aos olhos da multidão.

— Xam-ku, sente o alimento das suas almas!

Os cristais no topo da gruta reagiram com relâmpagos e lampejos de fogo carmesim ao longo das pedras situadas acima deles. Na praça situada mais abaixo, a multidão entoava o nome do seu salvador.

— Há muito que os deuses antigos da Caotyl Selvagem não são alimentados — disse Rodas Lentas.

— Consigo sentir a fome deles a subir através do chão — disse Molly.
— As almas derramadas são como o sabor da carne para um deslizagudo que não come há mil anos.

O sangue que saía dos dois corpos já frouxos ia escorrendo para dois canais cavados na pedra.

— Estes dois vampiros corruptos realizaram um sacrifício pelos seus companheiros com a sua morte que jamais estiveram dispostos a fazer em vida — exclamou Tzlayloc. — Vejam, encontrei o seu núcleo, e ele serve de alimento aos comuns!

Molly sentiu vontade de virar as costas àquela cena, mas o fervor da multidão unida em cânticos era demasiado ameaçadora para isso.

— Os nossos compatriotas de Quatérturno reservam aos membros

da espécie comum à destes o Colar de Gedeão, embora, no meio do seu esforço admirável no sentido de atingir uma eficiência máxima, pareçam ter-se esquecido da sabedoria ancestral dos nossos antepassados, desperdiçando almas válidas que poderiam ser dedicadas a Xam-ku — gritou Tzlayloc. — Ainda assim, as ruas da Ferromédio situada acima de nós continuam repletas de opressores do povo, acolhendo o inimigo dentro das nossas próprias casas, negando o acesso das mãos dos esfomeados, dos despojados de bens e dos desesperados ao Paraíso. Seremos nós a fazer uma terra de semelhantes? Seremos nós os libertadores do povo?

— Sim! — urrou a multidão.

— Vamos arrastar as sanguessugas egoístas para o esgoto e espancá-las até que as ruas de Ferromédio fiquem tingidas do vermelho do seu sangue?

— Sim, sim, sim! — respondeu a multidão em êxtase.

— Compreendem agora? — sussurrou Chaminé Prateada. — Compreendem porque é que foi um erro terem vindo para aqui? Sinistrasperança morreu. Tudo o que resta da sua lenda é esta carcaça de uma cidade em decomposição.

Rodas Lentas baixou a cabeça.

— Peço-te que me perdoes, Chaminé Prateada. Eu não podia saber.

— Não — disse Molly. — Tu não tens culpa de nada, Rodas Lentas. Eu estava destinada a vir parar aqui. Já vi toda esta loucura antes, ou pelo menos algo parecido com ela.

A cabeça de Rodas Lentas afundou-se ainda mais de vergonha.

— Há uma canção no teu sangue, Molly corpomacio, e a memória das tuas células aponta para a forma como viajaste.

Mas onde é que eu já vi isto antes?, perguntava-se Molly à medida que se iam afastando da praça. *Onde?*

Molly e os dois vaporomens tinham acabado de chegar aos aposentos de Chaminé Prateada quando a organizadora política que os tinha arrastado para o comício surgiu novamente, batendo à porta da oficina.

— Dia de recolha, compatriota metálico. Dia de recolha.

Chaminé Prateada foi abrir a porta.

— Entra, compatriota corpomacio.

— Que assembleia, compatriota metálico! Que demonstração de igualdade! Aproxima-se o dia em que os cães da superfície irão ganir de baixo do peso das nossas botas, de certeza que sim!

— De certeza que sim — repetiu Chaminé Prateada.

— Os teus registos, compatriota.

Chaminé Prateada conduziu-a até à divisão nas traseiras da oficina,

pegou num livro de contabilidade coberto de pó e estendeu-o à mulher, remetendo-se ao silêncio enquanto ela ia folheando as últimas páginas.

— Excelente, compatriota metálico. A taxa de partilha comunitária está agora estabelecida nos noventa por cento. O Estado está pronto para receber a parte que lhe é devida.

— Tanto? — perguntou Chaminé Prateada. — Neste momento tenho dois assistentes. A rapariga precisa de comer, e nós de combustível de alto grau de combustão.

— Cuidado com o que dizes, compatriota metálico — avisou a mulher. — Essas tuas palavras denotam cobardia e derrotismo. O teu talento com as matérias mecânicas têm-te mantido na lista de reserva, mas as mós também estão sedentas de trabalho.

— As minhas desculpas, compatriota corpomacio — disse Chaminé Prateada. — Seja com for, talvez tu pudesses mencionar ao comité de provisões que precisamos de duas contas-extra de comida.

O tom de voz da mulher suavizou-se assim que Rodas Lentas lhe entregou um saco de moedas.

— Bem sei que a tua contribuição para os comuns é difícil, compatriota metálico, mas toda a luta o é. O teu contributo para a causa está a ajudar a forjar martelos da liberdade para abater os tiranos e as sanguessugas.

— Havemos de comer bem quando os tiranos forem abatidos — disse Molly.

O tom de sarcasmo na voz de Molly escapou à mulher.

— Tu não és suficientemente crescida para te lembrares da fome de Sessenta e seis, jovem compatriota. Eu perdi o meu marido no Campo de Haggswood quando os esmagadores carregaram sobre nós. Os meus mais novos morreram de fome enquanto eu estava encerrada em Bonagate por causa das leis antimotins, sem que nenhuma das pessoas que vivia na mesma casa que eu dispusesse da comida ou do desejo de alimentá-los. Tudo aquilo a que alguma vez dei valor e amei foi-me retirado pela natureza de Ferromédio. Tudo, exceto a minha liberdade. Um dia voltaremos a ver a luz da superfície, compatriota, e esse dia será nosso.

— Duvido muito — disse uma figura de capuz verde que descia as escadas que davam para o sótão de Chaminé Prateada.

— O que é isto?! Como é que tu conseguiste entrar na minha oficina? — perguntou Chaminé Prateada ao intruso.

A figura avançava servindo-se do apoio de uma bengala: Molly sentiu qualquer coisa a afundar-se no seu estômago.

— É possível que se tenha esquecido de fechar a porta — respondeu a figura ao puxar o capuz para trás.

Era *ele*, o assassino velho e refinado que Molly conhecera na casa

“Fairborn e Jarndyce”; de uma maneira ou de outra, o castor tinha conseguido localizar Molly, mesmo em Sinistrasperança.

— Se bem que uma pessoa pode igualmente deduzir que um Estado que renega a propriedade refuta o uso de trancas na porta, não lhe parece, compatriota?

— De que bairro vens tu? — disparou a militante. — E quem é que pensas que és para estar a pôr em causa a palavra da revolução?

— De que bairro venho? Do bairro de Vauxtion, bem entendido — respondeu o velho cavalheiro, — e noutros tempos cheguei a usar o bastão de marechal. É por isso que espero que perdoe a minha pequena observação quando afirmo que a seriedade dos seus mensageiros encapuzados não lhe servirá de grande proteção quando as bombas-barbatana lançadas de um aeróstato laborês vierem explodir aqui.

— Mas que divagações são essas, bode velho? — disse a mulher. — Não existe bairro nenhum chamado Vauxtion aqui em Sinistrasperança.

— Minha cara Damson, já vejo que os seus conhecimentos em geografia são tão escassos como a sua retórica. Vauxtion é, ou melhor dizendo, era uma província de Quatérturno. Sem dúvida que hoje ostentará uma denominação bem mais deprimente: a área doze da Comunidade da Partilha Comum ou outra designação similarmente entediante. Ora, tendo em conta que eu ostento o título de conde de Vauxtion, tudo isso representa um inconveniente pessoal para mim.

— Um *aristo!*

Ele pousou a sua bengala sobre o balcão da loja e começou a encaminhar-se lentamente em direção à mulher.

— Assim é, de facto, um aristocrata, embora lhe possa garantir que os seus colegas carlistas deram o melhor deles para se verem livres dos da minha espécie. Os meus olhos foram testemunhas da forma como os meus herdeiros, esposa, filhos e netos foram encaminhados para um Colar de Gedeão pelos seus compatriotas fariseus.

A militante distinguiu finalmente o ar ameaçador do velho homem e tentou irromper pela sala imediatamente diante de si, mas ao fazê-lo, uma pistola com bocal de gás surgiu na mão do conde, e de uma forma igualmente fulminante, a mulher acabou caída no chão, imersa numa nuvem de vapor.

— Permita-me que lhe dê uma dica, Damson — disse o conde, erGUIDO sobre o cadáver. — A melhor forma de escapar à fome não passa por pegar no estômago do continente, deixar os seus terrenos definhar durante os dois anos da revolução, e depois colocar um ferrolho à volta do pescoço de cada uma das pobres almas que ainda percebem o que quer que seja de agricultura.

Rodas Lentas arremeteu sobre o assassino vindo por trás, fazendo as suas rodas girarem sobre o piso de madeira de cogumelo; porém, o conde Vauxtion ajoelhou-se com um movimento lesto e puxou ao mesmo tempo de um arpão de cano duplo que trazia guardado nas costas, fazendo com que a garra traseira atingisse a zona média do seu corpo. Afastando-se obliquamente, o conde assistiu ao deslizar de Rodas Lentas até junto da porta da oficina, ao mesmo tempo que o vapor que se libertava do seu coração-caldeira trespassado ia encharcando o chão.

Molly avançou imediatamente para junto de Rodas Lentas, ao mesmo tempo que o conde a cobria com a sua pistola de gás.

— Perdão, Molly corpomacio — disse Rodas Lentas, perdendo o fôlego. — Não consegui defender-te até ao fim.

— Não, Rodas Lentas — disse Molly, com as lágrimas já a inundarem os seus olhos. — Tudo isto aconteceu por minha culpa. Fui que nos trouxe até aqui.

— Oh, *por favor* — disse o conde Vauxtion, deixando cair uma série de rodas de engrenagem Engrena-gi-ga sobre o soalho. — Bem podem culpar também o controlador da estação do Guardião Rathbone. Algum de vocês faz ideia do quão difícil é torturar um vaporomem místico? Eles conseguem controlar a seu bel-prazer os respetivos centros de dor. Vi-me obrigado a recorrer a um especialista para vergar o vosso amigo, até que ele se mostrou finalmente disposto a dizer-me onde poderia encontrar-te.

— Não passas de um corpomacio bárbaro — insultou-o Chaminé Prateada. — Que os Vapores dos Loas te amaldiçoem pela tua perfídia.

O conde Vauxtion respondeu disparando de forma displicente sobre uma das pernas de Chaminé Prateada, destruindo-a com o cano que lhe restava do seu arpão. Apenas com duas pernas, o tripé que suportava o peso de Chaminé Prateada cedeu e fê-lo cair por terra, prostrado no soalho da sua própria oficina. Ainda tentou levantar-se, mas escorregou e, com as suas válvulas suplantadas pela dor, perdeu a consciência.

— Dificilmente serei um bárbaro — disse o conde Vauxtion para o vaporomem imóvel. — O controlador descreveu-te como uma velha caldeira tresloucada que se arriscava nas artes com bocados de sangue e água dos fungos, mas faltou-lhe a sensibilidade ou os pontos de referência necessários para descrever com maior acuidade os teus trabalhos. São magníficos, vaporomem! De um artista para outro, vou poupar-te os braços e a visão. Chama-lhe cortesia profissional se quiseres. Tomei a liberdade de, em troca, levar uma das tuas miniaturas comigo: a cena da rapariga junto à parede do desfiladeiro.

Molly deu um passo na direção das escadas, mas a pistola de gás foi instantaneamente apontada para ela. O cano de borracha crescia desde o punho da pistola como uma cobra saída da manga do conde.

— Por favor, Molly. A minha missão é entregar-te viva. Além disso, não há chaminés em Sinistrasperança para tu limpares.

— Entregar-me viva! — disse Molly. — Um convite para jantar tinha-lhe saído bem mais barato.

— Não é que eu queira dar-te falsas esperanças, minha querida. Tenho a sensação de que o meu mandatário não te deixará permanecer nesse estado por muito mais tempo.

— Pode dizer ao meu padrasto que vá para o inferno.

— Padrasto? — perguntou o conde com um tom divertido. — Talvez, embora duvide disso. O meu patrão atual prefere manter o anonimato, pelo que estou impedido de falar dos seus motivos e da sua causa. Não que isso importe verdadeiramente. Pessoalmente, deixei de participar em causas ou de as apoiar. A maior parte da minha vida foi passada a seguir esse género de sentimentos, e tudo o que isso me trouxe foi um cemitério repleto de amigos, família e companheiros caídos por terra.

— Deixe-me ao menos ajudar Rodas Lentas — implorou Molly.

O conde abanou a cabeça em sinal negativo.

— És uma presa demasiado fugidia, minha querida. Além disso, eu aponte para a caldeira do teu amiguinho. Mete o capuz e despede-te deste lugar, e tem em conta que qualquer pessoa que tentes avisar da nossa partida de Sinistrasperança estará morta antes de tu cerrares os teus lindos lábios, tal como tu. O meu patrão paga mais por ti viva, mas receberei quase o mesmo no caso de te entregar morta.

Molly esticou ainda os braços para Rodas Lentas ao mesmo tempo que o conde a empurrava para a porta.

— Rodas Lentas.

— Segue o teu padrão, Molly corpomacio — sussurrou a criatura de metal moribunda. — Para onde quer que ele te leve.

Uma vez de pé no exterior, Molly tentou esmurrar o assassino de elite.

— Tu mataste-o!

— Conduzi vinte mil soldados meus para a morte em Morango — disse o conde — e eu gostava deles. Um a mais, um a menos... não passa de um número, Damson Templar, apenas mais um número num livro de registos esquecido que já ninguém se dá ao trabalho de ler.

Puxando de uma chave, o conde trancou a porta da oficina. Já na rua, um homem gordo abordou-os, respirando de forma ofegante.

— O compatriota metálico não está na oficina?

— A excitação do comício foi demasiado forte para ele, compatriota — respondeu o conde. — Ele decidiu tirar o resto do dia.

— Mas há uma cintura de extração avariada na oficina trinta! O que é que eu vou dizer ao meu responsável de comité?

— O que é que lhe vai dizer? — repetiu o conde. — Diga-lhe que o compatriota metálico está com as duas pernas para o ar e que vai precisar de ficar assim durante mais algum tempo.

Entrar em Sinistrasperança na companhia de uma velha caldeira tão conhecida como Chaminé Prateada fora relativamente simples; contudo, os guardas de capuz carmesim que bloqueavam a sua passagem provavam que sair na companhia do conde Vauxtion não iria ser assim tão fácil.

— Os papéis de viagem, compatriota — disse um dos soldados.

— Houve registos de uma revoada de bicadores que atacou as quintas — disse o conde. — A produtividade irá ressentir-se por causa disso, e o comité está a exigir respostas.

— Os bicadores passam a vida a arrastar esporos, compatriota. Teríamos mais sorte se lavrássemos esses sacaninhas de penugem negra. Seja como for, o que eu preciso de ver agora são os teus papéis para saber se queres levar aqui a menina dos olhos brilhantes a um piquenique contigo.

— Mas claro que sim — disse o conde.

Ao enfiar a mão no bolso da capa, uma explosão fez saltar o telhado de uma mó ao fundo do vale.

— Valha-nos Duitzilopochtli!

— Não saias daqui — gritou o sargento para um dos seus homens. — O resto de vocês, venham comigo. Podem ser contra-revolucionários do Conselho Anárquico.

O conde Vauxtion sorriu para o guarda que ficou perto deles.

— O que é que seria de qualquer revolução digna desse nome sem os seus contra-revolucionários?

— Deixa-te estar onde estás, compatriota — respondeu o guarda com um ar carrancudo. — Enquanto não percebermos o que é que se está a passar na cidade, vocês não saem daqui.

— Isso não me parece lá muito fraternal, compatriota — disse o conde, baixando-se para apanhar qualquer coisa do chão da gruta. — No que à mó diz respeito, acho que vão descobrir que alguém desligou descuidadamente o sistema de águas de uma das caldeiras. Olha aqui, um verme.

— Achas que isso me interessa?

Molly tentou recuar, mas o conde empurrou-a para o sítio onde estava.

— Trata-se de uma questão de gentilezas políticas, compatriota. A minha forma pessoal de igualização, embora no sítio de onde venho se chame vingança.

A mão de Vauxtion ergueu-se e um disparo de gás atingiu o guarda na cara. O homem resplandecente caiu para o chão como se um machado o tivesse cortado pela raiz, e o conde deitou o verme para cima do seu corpo com um gesto de desprezo.

— Estás a ver, compatriota? Igualizei-te à minha família e a estes jardineiros laboriosos da terra. Que os vermes desfrutem da refeição.

— Seu velho bode assassino — gritou Molly. — Não se preocupa com as pessoas que mata!

O conde agitou a sua pistola na direção da floresta fúngica.

— Pelo contrário, minha querida. Vamos então ao nosso piquenique?

— Eu...

Molly quase não teve tempo de se esquivar de uma bota descida dos céus, rasando a sua bochecha e enviando o conde pelos ares; o conde foi cair sobre o corpo do guarda morto. Molly quase morreu de susto ao ser agarrada e puxada por um braço que a cingiu pelas costas, levando-a pelo ar, até finalmente ser pousada sobre um chão de vime. Atónita, Molly virou-se e contemplou uma cara caranguenarbiana.

— Ver'fey!

— Eu bem te disse que era ela — disse Ver'fey.

Atrás da caranguenarbiana, estava uma grande mulher com as mangas da camisa cortadas de forma a realçar os seus braços enormes e bronzeados. Tinham sido aqueles braços que tinham pegado em Molly e a tinham resgatado do chão de Sinistrasperança. A mulher parecia vagamente familiar aos seus olhos.

Molly rodou sobre si mesma e colocou-se de pé. Estava dentro de uma gôndola de vime dificilmente maior do que um barco; acima dela, havia uma lona em forma de salsicha. Tratava-se de um aeróstato em miniatura. Atrás da mulher, um homem sustinha o timão de um motor de expansão de disposição circular. Molly baixou-se por um instante por causa do atordoamento, e espreitou para o que ficara para trás no solo.

O conde Vauxtion não passava agora de um ponto minúsculo na entrada da floresta fúngica.

— Molly — chamou a caranguenarbiana, mantendo-se ao lado da sua amiga humana, — estás ferida?

— Voltem atrás — disse Molly. — Preciso de regressar a Sinistrasperança!

— Só podes estar a brincar, miúda — disse a mulher dos braços musculados. — Assim que nos pusessem a vista em cima, esses rejeitados dos asilos matavam-nos.

— Mas eu tenho amigos que ficaram para trás! — protestou Molly.

— Então sugiro que faças novas amizades, porque nós vamos direitos à superfície.

— Ver'fey — disse Molly, — pelo amor do Círculo, o que é que tu estás aqui a fazer? Não lhe podes pedir que nos faça aterrar?

Ver'fey abanou a sua cabeça blindada, apontando para o homem no timão do motor de expansão.

— Eu expliquei-lhe onde é que te podia encontrar, e disse-lhe que vinha com eles para os ajudar a identificar-te.

Molly virou-se para o homem do leme, observando o seu cabelo fino e sacudido pela corrente de ar traseira do dirigível.

— Lamento muito, Molly — disse ele. — Esforçámo-nos demasiado para te encontrar para agora arriscarmos perder-te novamente em Sinistrasperança.

— Talvez um obrigado não te ficasse mal, miúda — acrescentou a mulher. — Duvido que as intenções do conde relativamente à tua pessoa fossem mais altruístas do que o que é costume nele.

— Você conhece-o? — perguntou Molly. — E já agora, quem são vocês?

— Eu e o conde já esbarrámos um par de vezes um com o outro, miúda, mas normalmente os nossos encontros dão-se sempre a alta velocidade.

— Não estás a reconhecê-la, Molly? — perguntou Ver'fey. — Dos livros das Portas do Sol?

Obviamente que sim: as ilustrações das capas dos almanaques de um *penny*. Uma mulher bronzeada com uns braços semelhantes aos de um gorila a varrer uma ravina numa selva de Gelileão com uma enorme gema lilás roubada de um templo numa das mãos.

— Amélia Harsh — disse Molly.

— Professora Harsh — corrigiu a mulher.

— O que é que está aqui a fazer?

— O melhor que sei e posso, miúda. Mas se o que estás a perguntar é porque é que viemos até Sinistrasperança só para resgatar o teu corpo escanzelado, o melhor é falares com quem paga — disse ela, apontando para o homem junto ao motor de expansão.

— Quem paga?

A professora Harsh encolheu os ombros:

— Andar a cheirar em volta das ruínas de Quimeca não sai lá muito

barato. Este barco pode ser deles, mas aquilo que a universidade me paga não chega para cobrir nem metade das despesas do meu trabalho.

— Queres saber porque é que aqui estamos, Molly? — perguntou o financiador com um tom triste de voz. — Porque há alguém que oferece uma fortuna pelo teu corpo em Ferromédio. A preferência é que sejas entregue viva, mas morta também serve.

Capítulo Nove

Analista Noventa e Um fingiu não ter reparado na presença do recém-chegado que aguardava à porta do gabinete de *Lady Enigma*, limitando-se a preparar os cartões de registo para as transações vespertinas do motor de carregamento, à medida que a analista Dois-Oitenta os ia dispondo no cano do recetáculo pneumático.

— É ele — sussurrou a Dois-Oitenta.

— Pensei que fosse mais alto — respondeu a Noventa e Um em voz baixa, mas sem qualquer tom de desapontamento na voz.

Era o chapéu de assinatura e corte invulgar em *tweed* que o denunciava; dir-se-ia que ele podia ter acabado de chegar de uma caçada ao tetraz numa mina de calcário das terras altas.

— O olhar em frente e ao centro — ordenou a reguladora Nove ao passar pela estação de processamento.

Elas continuavam a fazer o seu trabalho, ao passo que a reguladora o revistava.

— Lorde Wildrake, a Procuradora-Geral irá recebê-lo dentro de um momento.

Ao fechar a porta da sala de cálculo, a reguladora conduziu o convidado para uma divisão privada com vista para a paisagem imóvel da troposfera através de uma camada de vidro espesso. Lá em cima estava sempre tudo calmo; a Corte do Ar pairava muito acima da formação dos sistemas de tempestade e das preocupações dos laboreses. Wildrake deixou-se ficar um instante a contemplar os aeróstatos mais pequenos, os que estavam incumbidos de patrulharem o espaço para lá das esferas e globos sob controlo. Finos como uma lâmina e terminados com uma longa farpa, o seu único propósito era manterem à distância os raspadores que se aproximavam demasiado da cidade.

Depois de despir a capa e pendurá-la num gancho ao lado do busto em mármore de Isambard Kirckhill, bateu com os tacões para anunciar a sua presença a *Lady Enigma*.

No extremo oposto da divisão, a luz e o espaço do gabinete estabeleciam uma compensação perfeita para a pele cor de ébano da Procuradora-Geral. Tratava-se sem qualquer dúvida de um efeito intencional.

— Sente-se — disse *Lady Enigma*.

Wildrake abanou a cabeça em sinal negativo, e com um pequeno salto, suspendeu-se de um dos tubos de mensagens montados ao longo do teto, desatando a fazer elevações no cano ao mesmo tempo que as pregas dos seus músculos denunciavam uma agonia crua depois da sessão de exercício matinal.

Lady Enigma praguejou para si mesma; a dependência dele daquela maldita droga estava a tornar-se cada vez mais grave.

— Qual é a quantidade de brilho que anda a tomar agora, Wildrake?

— Apenas a suficiente para me manter forte — respondeu Wildrake.

— Quero continuar sólido. Fale com os seus serra-ossos, são eles que me fornecem a quantidade de que eu preciso.

Teoricamente, não havia limite para a quantidade de músculo que um abusador poderia ganhar ao mastigar brilho, a droga obtida das guardas das cidades-estado onde regimentos de elite inteiros se deformavam até chegarem ao extremo de se converterem em mulheres-boi.

— Conte-me tudo o que sabe acerca do *RMA Belerofonte*, Wildrake.

O lorde Wildrake falava espasmodicamente, tentando terminar cada frase por entre as chamas da dor dos seus braços.

— Consegui localizar aquilo que restava dele nas dunas às portas de Dazbah, escondido por baixo das redes de camuflagem. Para essa previsão, foram necessárias marcas integrais dos analistas.

— Continue — disse *Lady Enigma*.

— Um dos oficiais estava comprado; tinham-lhe raptado a família, e fizeram chantagem com ele de forma a obrigarem-no a colocar o aeróstato fora de rota. Depois, ele conseguiu arranjar uma forma de aterrar do lado de lá da fronteira cassárabe com uma fuga de fluutuabilidade. A partir desse ponto, os homens das tribos locais tomaram conta do assunto.

— E os nossos passageiros?

— A maior parte deles foi envenenada com qualquer coisa que o traidor meteu na sua ração de rum. Consegui libertar um casal de sobreviventes. Quando cheguei, lamento dizer que a mulher da tripulação tinha já sido transferida para o harém de concetoras de biológikos do califa.

— Muito temerários — disse *Lady Enigma*. — Estão a tornar-se muito, demasiado temerários. Teremos de fazer qualquer coisa a respeito da Cassarábia dentro de pouco tempo.

— As celgas do aeróstato foram desviadas para umas instalações nas proximidades de Dazbah — disse o lorde Wildrake. — Estavam a usar os

ventres das nossas mulheres para tentarem sintetizar um substituto orgânico das celgas.

— A vigilante de serviço declarou que esse lugar foi destruído.

— Infelizmente, continuam sem fazer grandes progressos no processo de tornar o gás das suas aeronaves menos inflamável — disse Wildrake. — Pode dizer-se que eu me limitei a acender a situação.

— Se não gostaram, que não se tivessem aventurado na cozinha, Wildrake.

— Foi exatamente aquilo que eu pensei, Procuradora-Geral.

— Agora que o Califa queimou os dedos, tenho uma outra missão para si, Wildrake.

— Já suspeitava que assim fosse.

A pele de Wildrake adquirira entretanto um tom vermelho saudável, ao mesmo tempo que o suor induzido pelo brilho enchia a sala de um odor semelhante ao da canela.

— Mais uma aeronave das nossas que desapareceu?

— Não se trata de uma aeronave — precisou *Lady Enigma*. — Trata-se de um homem. O Lobo Doze está a monte.

— Harold? — perguntou Wildrake, permitindo que o seu corpo se mantivesse suspenso do tubo de mensagem por um minuto. — Ora, ora. Esse velho malandro. Quer então dizer que é preciso um lupocaptor para apanhar outro.

— Precisamente — disse *Lady Enigma*. — Segundo as minhas fontes, os vossos trajetos têm alguns pontos em comum. Mesmo fora do serviço naval, bem entendido. Isso constitui algum género de problema para si?

— Não me parece que transportar barris de água de balastro por Lorbterra possa contar como serviço naval, minha senhora — comentou o lorde Wildrake.

— Mas de todos os que foram capturados, apenas o senhor e Harry Stave foram capazes de sobreviver à estância no campo de Flavestrela — assinalou *Lady Enigma*. — Para além daquele rapaz rico, o repórter independente.

— A cortesia hospitaleira da parte do Comité de Segurança Pública da Comunidade da Partilha Comum durante seis meses acabou por cobrar a sua fatura. O facto de alguns de nós terem sobrevivido para contar teve resquícios de milagre.

Lady Enigma reclinou-se na sua cadeira. Fora depois desse internamento no campo que Wildrake começara a tomar brilho. Inchou; foi como se o lupocaptor tivesse querido desenvolver os seus músculos de maneira a que nenhum torturador da Comunidade da Partilha Comum pudesse voltar a atingi-lo.

— Depois da vossa fuga, recordo-me que surgiu uma divergência de opinião relativamente à responsabilidade pelo erro que levou ao fracasso da operação em Quatérturno.

— Quanto a *mim*, não restam dúvidas sobre a responsabilidade desse fracasso, Procuradora-Geral. Harold Stave é um oportunista, um acidente sempre na iminência de acontecer. Não é de todo um cavalheiro.

— O que acaba de dizer pode ser verdade, mas dado o rasto de destruição que costuma deixar atrás de si, Wildrake, parece-me que dificilmente poderá estar em posição de censurá-lo nesse aspeto.

Wildrake arfou com a dor do exercício.

— Minha senhora, suspeito que terá sido o meu desentendimento prévio com o Lobo Doze que a terá levado a deixar que esta proposta viesse cair no meu colo. Considere-me estimulado a executá-la. As circunstâncias não deixarão de contribuir para aumentar o grau de interesse desta caçada.

— Nesse caso, o terreno é seu — disse *Lady Enigma*. — Ah, e Wildrake...

— Minha senhora?

— Faça-me o favor de se poupar ao trabalho de mo trazer vivo para ser interrogado por um dos seus conjuradores da verdade.

— Farei o meu melhor, Procuradora-Geral — disse Wildrake, pou-sando os pés no chão e sentindo a dor gloriosa nos seus braços em chamas. — Farei o meu melhor.

Oliver aguardava numa rua pavimentada junto às portas da prisão de Bonagate; ao mesmo tempo, iam-se juntando hordas de gente aos milhares para assistirem ao seu enforcamento. Os mascates iam vendendo travessas de fruta podre, e algumas peças voavam já na direção do cadafalso. Normalmente as pessoas achavam mais divertido deixar os prisioneiros condenados sentirem a queda, pelo que só os bombardeavam com desperdícios quando eles estavam já a dançar a quadrilha de Bonagate.

O inspetor Pullinger ergueu os braços e fez-se silêncio entre a multidão expectante.

— Por quebra da ordem estabelecida pela coroa, pela violação das linhas limítrofes do cadastro, por insubmissão aos artigos da Brumencantada, estatuto seis da Lei de Controlo de Encantados, e sobretudo pelo crime capital de homicídio premeditado em três ocasiões, Oliver Brooks foi condenado à morte pela força.

Uma vigária circulista avançou até junto de Oliver para lhe administrar o sacramento da conversão enquanto a multidão celebrava e aplaudia a leitura da sentença. Ela proferiu a litania num tom de voz baixo, para que

apenas Oliver e os outros homens sobre o estrado pudessem ouvir as suas palavras.

— Almas perturbadas nesta vida, que a vossa essência possa regressar ao mar uno da consciência, para que o Círculo gire e tu possas regressar a esta boa terra numa cápsula mais feliz do que esta.

A vigária rodou sobre si mesma, horrorizada ao ver a forma desfigurada do Sussurrador a subir para a plataforma.

— Uma cápsula nova? Mas se esta não tem nada de errado!

Os carcereiros fugiram aos gritos, e a multidão recuou em debandada.

— Estás a ver? Quando me quero sentar, encontro sempre um espaço livre para mim.

— Sussurrador — murmurou Oliver.

— Andamos a ter sonhos perturbadores, Oliver? — perguntou o Sussurrador. — É através deles que eu me posso ir aproximando de casa. Há sempre alguém novo a entrar no meu lugar. Os guardas cantores-mundo mais os seus estranhos hábitos e os seus escalpes, poções e luvas de borraça.

Oliver tentou desapertar o braço já colocado à volta do seu pescoço.

— Graças ao Círculo, desta vez pensei que fosse a sério. Pensei mesmo.

— E cada dia se torna mais real, Oliver — silvou o Sussurrador. — Se eles te apanharem, o teu futuro vai ser *isto*. Neste momento, a tua opção mais provável é uma cela em Hawklaw abaixo da superfície, mesmo ao lado da minha. Eu avisei-te acerca de Harry Stave, não avisei?

— A minha família morreu, Sussurrador. Eles mataram o meu tio. Mataram Damson Griggs. Tentaram matar-me a mim também.

O Sussurrador bateu nas costas de Oliver no momento em que ele cortou o braço onírico com um apêndice ossudo, feito de dentes e osso de antebraço.

— Vês como estamos a ficar parecidos, Oliver? A minha família também morreu. O meu pai estrangulou a minha mãe por me ter dado à luz, e eu assombrei os seus sonhos pútridos até que ele subiu ao cimo de um moinho de vento em Hazlebank e se atirou lá de cima.

— Estás louco — disse Oliver. — Nós não temos nada em comum.

— Achas que eu estou louco? — perguntou o Sussurrador, rindo baixinho. — Nesse caso, devias ver as coisas do asilo que eles vão pôr em liberdade, Oliver. Sug'almas. Têm torques especiais só para os manterem controlados; são mais armaduras do que propriamente torques. Lá no asilo, costumávamos chamar-lhes o bando selvagem, e olha que lá selvagens eles são.

Oliver observou a praça de Bonegate deserta.

— O que é que tu estás aqui a fazer, Sussurrador?

— Que falta de gratidão, Oliver... Vim tratar de uns assuntos. Dos meus e dos teus. Um pesadelo aqui, um pesadelo ali, e não apenas próprios dos encantados, normais também.

Oliver tentou evitar olhar diretamente para a forma desfigurada.

— Não sabia que eras capaz de fazer isso.

— A cortina da Brumencantada já está em Laborterra há mais de mil anos, Oliver, a disseminar a sua essência pelos campos, pelos pântanos e pelas florestas. Os cantores-mundo recusam-se a admiti-lo, mas agora há um pouco de encantado em todos nós — disse o Sussurrador, rindo das próprias palavras. — Mais nuns do que noutros, não é verdade?

— Eu ainda não comecei a mudar.

— Balelas — disparou o Sussurrador. — Os sonhos são sobre a verdade, Oliver. São uma porta através da qual a negação raramente tem o privilégio de passar. Coloca esta pergunta a ti mesmo: porque é que será que a tua mente, a tua mente perfeita, capaz de eliminar conjuras da verdade de cantores-mundo e de executar deambulações mentais com uma facilidade a todos os títulos notável, permite a minha entrada nos teus sonhos?

— Eu...

— Reflete um pouco, Oliver. Eu sinto-me bem aqui, sabes, a tua mente é de longe a melhor. Tem um grau de detalhe assinalável. Uma claridade perfeita. Não é assim tão fácil como estabelecer contacto com os normais. No entanto, eu tenho aguentado, Oliver. Tenho tomado conta da loja por nós os dois. Os lugares por onde andei... até em mentes de vaporomens; entrar nos fluxos mentais das criaturas metálicas é como atravessar uma maré de vidro estilhaçado.

— E nessas tuas viagens? — interpelou-o Oliver. — Encontraste algo mais concreto do que esses avisos obscuros a respeito de Harry Stave?

— Oh, relativamente a Harry, eu estou apenas a aquecer — disse o Sussurrador. — É um filho da puta, e que eu seja amaldiçoado se eu sei se é ele o nosso filho da puta. Seja como for, é a única peça de caça disponível no terreno para o mestre Brooks neste momento.

— Que reconfortante.

— Tenho algumas surpresas guardadas para ti, Oliver, e para mim também. Há alguém aí fora, ou algo, a deixar pequenos vestígios nas mentes das pessoas. Ela pensa que eu não estou a par da sua existência, mas eu tenho muitos poderes, Oliver. Foi por isso que eles me fecharam num buraco tão profundo. Não existem torques suficientemente especiais para mim.

A voz normalmente sibilante do Sussurrador tinha subido para um nível de guincho, e os elementos da realidade circundante de Bonegate agitavam-se sob a sua fúria indómita.

— O pobre e velho Sussurrador não pode brincar e divertir-se como os do bando selvagem. Para ele, não há passeios à meia-noite pelas avenidas de Ferromédio. Nem luar. Nem ar fresco da noite!

— Para com isso! — gritou Oliver. — A minha cabeça!

A tempestade onírica dissipou-se e acabou por desaparecer, ao mesmo tempo que o Sussurrador soçobrou, indo soluçar para a plataforma da forca.

— Eu sou imprevisível, Oliver. É por isso que eles têm medo de mim, por isso é que me têm fechado e cercado por uma dúzia de muros das maldições interligados entre si, por isso é que usam um cão treinado para arrastar a mistela com droga na malga que deixam à porta da minha cela.

Oliver observava atentamente a criatura com um misto de fascinação, horror e piedade; ao mesmo tempo, o Sussurrador começou a avançar ao longo da plataforma, arrastando os pés deformados de modo a reconstituir um ritmo da sua infância que só ele conseguia ouvir.

— *Mais um passinho de dança, mais um passinho de dança...*

— O que é que tu pensas fazer, Sussurrador — perguntou Oliver — quando eles me apanharem e o carrasco me enforcar no cadafalso?

— Não digas isso, Oliver — murmurou o Sussurrador. — A memória do rosbife da última noite ainda está tão fresca na tua memória. Tão clara. Ah, já percebi o que é que estás a tentar fazer. Estás a distrair-me da mesma forma como se suspende um fio de novelo diante de um gato.

— Seja como for, aquela carne soube mesmo bem — disse Oliver, sentando-se na ponta da plataforma dos enforcados.

O Sussurrador arranjou forma de se colocar ao lado de Oliver. Era difícil dizer se a aberração tinha uma posição para estar sentada ou não.

— Eu até podia suportar a minha prisão, Oliver, se não fosse a Guarda Especial. Só gente bonita, todos os meninos e meninas lindinhos, a comerem do bom e do melhor, com as suas fardas de encantados a trotarem assim que o Estado os chama ao dever. São como um cesto de cachorrinhos, mimados e tratados com condescendência. Nos primeiros tempos, costumava fazer algumas visitas aos seus sonhos, Oliver, mas agora isso está para lá daquilo que eu sou capaz de suportar.

— Eles queriam que eu me juntasse à legião — disse Oliver. — Queriam colocar-me um torque de cantor-mundo a cingir-me o pescoço.

— O gatinho bonito precisa de uma coleira — disse o Sussurrador. — Pensas que o meu pai não me prometeu isso quando me trouxe para Ferromédio nas traseiras da carroça? Troco mensagens com todos os pri-

sioneiros do asilo de Hawklaw, como uma rede de grelha de cristal de encantados. Dificilmente encontrarás uma alma ali dentro que não estivesse à espera do melhor dos bifés e dos longos dias langorosos passados na fossa de musculação e das massagens com óleo. Ias ficar surpreendido com o aspeto normal de alguns dos condenados aqui de baixo se os visses. Se não conseguires acionar e desativar os teus poderes como uma torneira de jim de pressão...

A paisagem onírica começou a desvanecer-se. Oliver estava a acordar.

— Eu fico a tomar conta da loja, Oliver Brooks — disse o Sussurrador, novamente de regresso à sua cela subterrânea. — Não te esqueças de continuar atento a esse bêbedo dissimulado de Harry Stave.

— É melhor pores o chapéu — disse Harry Stave. — Confia em mim.

O *Diácono Canoro* tinha sido construído a seis quilómetros de Casa de Câmbio, mesmo ao lado de uma taberna na zona mais recuada do parque da coroa que, como tudo o resto em Laborterra, estava associado ao rei, mas pertencia ao povo. Os coches e os carros estavam dispersos ao longo do relvado, e as famílias da cidade desfrutavam da tarde de Domincírculo sobre as toalhas de piquenique de padrões axadrezados.

— Para que é que eu preciso do chapéu, Harry? — perguntou Oliver, ajustando-o à sua cabeça. — Pensei que me tinhas dito que o olho que tudo vê no céu teria a sua atenção centrada noutro lugar.

Harry piscou o olho ao rapaz.

— Um bocadinho de paranoia nunca fez mal a ninguém.

Oliver olhou em redor do terraço da taberna bastante frequentada: as mesas da cantina estavam repletas de cabouqueiros do quadro de manutenção do canal. Em Cem Cadeados não havia um só parque da coroa; o mais próximo ficava já em Campo dos Pedintes, bem distante da sua ordem de registo. Toda essa parte da sua vida estava agora completamente destruída e deixada para trás.

— Isto está cheio de gente — comentou Oliver. — Como é que vamos conseguir encontrar o teu homem de confiança por aqui?

— Não é um homem, Oliver, é uma mulher. Além disso as multidões são boas para nós, há movimento e detalhes de sobra: é como uma boa capa, e basta para manter os vigilantes e os seus motores de transação em bicos de pés.

Encontraram a senhora que procuravam sentada numa banca diante de uma carruagem coberta: tratava-se de uma venda do género das que se encontram com frequência nas feiras de província, mais concretamente daquelas em que por norma se tenta vender remédios para a calvície de

proveniência mais que duvidosa. À sua esquerda tinha uma garrafa de jim, e à direita,ovelos de lã empilhados num cesto. Ela estava entretida a fazer uma camisola de criança.

— Mãe — disse Harry no momento em que ela olhou para cima, — vêm mais netos a caminho?

— Ela é tua mãe? — perguntou Oliver ao mesmo tempo que lançava um olhar incrédulo na direção da mulher.

A anciã atirou o novelo de lã para cima de Oliver.

— Se andas à procura da égua que pariu Harry Stave, bem podes continuar a olhar, meu querido. Os meus filhos são todos casados e vivem de negócios respeitáveis.

— Oliver, apresento-te Damson Loade — disse Harry. — Para os amigos é como se fosse uma mãe.

Ela riu-se e enfiou um trago de jim na boca largamente desdentada.

— Isto foi um golpe de sorte, na altura em que trabalhava nas minas de prata nas colónias.

Oliver fez uma pequena vénia.

— Mãe Loade.

— És ligeiramente mais asseadinho do que os companheiros de viagem habituais deste depravado.

— E que pessoa tão indicada para falar disso — disse Harry. — Esqueceu-se foi de mencionar que viajou até Concórzia a bordo de um cargueiro de transporte.

— Isso são pormenores — respondeu a velha mulher. — É verdade que o juiz me condenou ao barco, mas um pouco de prata chega para comprar alguns perdões em Laborterra. Foi o suficiente para me estabelecer nos negócios com o senhor Locke, como fabricantes de armas, para enobrecer ainda mais Ferromédio e os vinte condados.

— “Loade e Locke” — disse Oliver. — Lembro-me de ver os vossos anúncios nas contracapas da revista “Campo e Fetos”.

— Privilégio pelo qual Dock Street se faz pagar consideravelmente bem — assinalou a Mãe. — Agora ouve-me, Harry. Normalmente não faço serviço a domicílios, entre outras coisas porque, quando regressasse a casa, o meu sócio desprovido de queixo seria capaz de deitar a perder os lucros da loja em mesas de jogo.

— Peço desculpa, Mãe — disse Harry, — mas é que estou um tanto ou quanto metido num sarilho.

— E quando é que alguma vez deixaste de estar, meu rapaz? — perguntou a Mãe.

Dito isto, pegou num exemplar do *Notícias Ilustradas de Ferromédio* escondido atrás do banco.

— Página doze, lá para o fim.

Harry folheou o jornal.

— *“Assassinatos em Cem Cadeados justificam pena capital: criança encantada e criminoso foragido matam condestáveis e tutores familiares”*.

— O quê?! — perguntou Oliver, boquiaberto com aquilo que tinha acabado de ouvir. — Eles dizem que fomos *nós* que os matámos! Então mas e os corpos dos castores na entrada?

— Estranhamente, não são mencionados na notícia — respondeu Harry. — Por outro lado, é bom lembrar que a Corte tem muitos editores a seu soldo tal como Dock Street.

— As minhas fontes resumiram-me os acontecimentos de uma maneira mais detalhada — disse a Mãe. — Tu estás na lista dos renegados, Harry; dizem que tu te tornaste num canalha. Todos os assobiadores têm instruções para te entregarem, daqui até Loch Granmorgan.

— Mãe, isso são tudo tretas — disse Harry. — Alguém da Corte decidiu virar a casaca, mas eu não fui.

— Tu és um canalha, Harry — disse a Mãe, — mas eu acredito em ti. Não porque sejas uma pessoa honesta, mas porque não consigo compreender como é que tu poderias tirar o que quer que fosse de uma embrulhada destas.

— É sempre bom saber que tem tanta confiança em mim — disse Harry. — E a fonte disse-lhe a que lupocaptores é que vai dar assistência?

A Mãe assentiu.

— Ao Lobo Sete.

— Ao maldito Jamie Wildrake. Não sei se me sinta lisonjeado ou insultado. Uma coisa é certa: há alguém lá em cima com muito sentido de humor.

— Mantém-te longe das estradas da coroa mais frequentadas, Harry — aconselhou a Mãe. — Os esmagadores têm máquinas de sangue montadas em algumas das quintas de portagens, e de certeza que vão querer testá-las contigo. A Yard do Burgo é um ninho de vespas com um lenço incendiado lá dentro.

— Aqueles dois brincalhões de Cem Cadeados eram polícias a sério? — perguntou Harry. — Essa ainda não deve vir nos compêndios. Calculei que fossem castores com braçadeiras de inspetor falsas. O que é que será deste mundo se já nem num esmagador se pode confiar?

— Isso complica as coisas — disse a Mãe.

— Complica, pois complica — concordou Harry. — No entanto, as máquinas de sangue não vão trazer qualquer benefício à Yard do Burgo. Quando entrei para a Corte, o meu cadastro foi meticulosamente apagado. O código sanguíneo registado nos censos como meu pertence a um nego-

ciador de galinhas chamado Jeremiah Flintwinch, que morreu de sífilis há mais de vinte anos.

A Mãe ergueu um dedo na direção de Oliver.

— Então e o código sanguíneo dele? Podes deixar o rapaz comigo, Harry. Será mais seguro tanto para um como para o outro.

— Eu tenho um nome — protestou Oliver.

— E um nome muito bom — precisou Harry. — A estação que foi encerrada era dirigida por Fileas Brooks. Mãe, apresento-lhe mais uma vez Oliver Brooks, filho de Fileas.

— Fileas Brooks — exclamou a Mãe. — Ora aí está um nome que vale a pena invocar. Pelo amor do Círculo, filho, isso é uma herança pela qual vale a pena viver.

— Parece não faltar gente neste reino disposta a certificar-se do contrário — disse Oliver.

A velha mulher levantou-se e esticou os braços.

— Agora já estou a ver, Harry. É como ouvir o fantasma de Fileas a falar! Bem, rapaz, vamos ver se aqui a velha Beth te pode dar uma ajuda, mesmo se as coisas não têm lá muito boa pinta. Vamos lá ver, onde é que anda aquele varapau inútil do meu assistente?

Um jovem aprendiz com uma bandeja de presuntos embrulhados em papel de cera surgiu como que pronto a entrar em cena com aquela deixa.

— Creakle, eu disse-te que trouxesses mantimentos; não era preciso trazeses a loja toda!

— Tem toda a razão, Damson. Desculpe, Damson. Atrasei-me por causa da multidão da feira.

— A julgar pelo teu aspeto, Creakle, atrasaste-te foi por causa de um copinho da cidra de Puttenland. Abre mas é a porta da carruagem, que temos clientes à nossa espera.

— Muito bem, Damson.

Dentro da carruagem, uma bancada e um balcão tinham sido como que espremidos para darem lugar a dezenas de pequenos armários. O espaço quase não dava para receber os quatro ao mesmo tempo. Uma vez que a Mãe se sentou, os outros três viram-se obrigados a permanecer de pé.

— Vamos lá então — disse a Mãe. — O que é que desejas, Harry?

— Queria uma coisa discreta, pequena, que pudesse esconder-se de baixo do casaco, mas com potência suficiente para quando for necessário. Qualquer coisa que não seja de grande porte, mas que possa garantir algum alcance.

— E aqui para o jovem mestre Brooks?

Harry olhou para Oliver.

— Titus chegou a levar-te alguma vez à caça ou outra coisa do género?

Oliver abanou a cabeça.

— Não havia armas na Pousada das Setenta Estrelas. O tio costumava dizer que a melhor arma que um homem podia usar era a sua própria mente. As armas fornecem-nos uma coragem falsa, fazem com que nos comportemos de uma forma estúpida.

— É certo que ele não gostava de armas, Oliver — disse Harry. — No entanto, nunca confundas a aversão a lutar com a incapacidade de lutar. Por muito pouco que lhe tivesse servido de algo no final, ele tinha uma pistola num compartimento secreto da sua secretária.

— Aquela velha “Tennyson e Bounder”? — perguntou a Mãe. — Mais lhe valia cuspir em cima do inimigo. Ele devia era ter-me deixado fazer-lhe uma pistola como deve ser. Só o Círculo sabe quantas vezes eu me ofereci para lha fazer.

— Todos nós somos sentimentais relativamente a certas coisas, Mãe — disse Harry. — Quando eu era pequeno, essas pistolas eram o máximo.

— Oh, meu caro senhor — disse o aprendiz da Mãe. — Quando o senhor era pequeno? Permita-me que pergunte, será que o senhor era viciado em folhaa, senhor? Oh, o lugar apropriado para qualquer “Tennyson e Bounder” é atrás do vidro de um museu.

Harry olhou para o jovem assistente com uma faísca de irritação nos olhos.

— Gostas de armas, meu caro?

— Oh, senhor! Gosto muito, de todos os géneros: pistolas de duelo, armas de gás, exemplares de mala-posta. Comissões especiais para oficiais de marinha, armas de grande porte para o caçador, embora confesse que a minha afeição mais particular vai para as armas de senhora, senhor. São peças muito delicadas, senhor, do género que se pode guardar numa mala ou por baixo de uma saia.

Os olhos da Mãe reviraram-se na direção de Harry.

— Tivemos de aceitar Creakle como aprendiz por causa de um acerto de contas com um companheiro de jogo de Locke.

— Muito bem, aprendiz; nesse caso, o que é que recomendarias aqui para o meu amigo que nunca disparou antes?

O estranho jovem aproximou-se de Oliver e começou a sentir-lhe o braço, a tirar-lhe a altura, o peso e o equilíbrio.

— Nunca disparou, senhor? Não é todos os dias que um virgem transpõe as portas da “Loade e Locke”. Creio que uma coisa expansiva, senhor, algo com um pouco de peso para termos a certeza de que não anda aos saltos nos seus bolsos. O que é que lhe parece algo com um pouco de

peso, senhor? Não precisa de uma personalização, apenas de uma arma que lhe permita começar, algo para os primeiros tempos, pronta a usar.

Abriu uma das gavetas, fez uma inspeção e retirou uma pistola negra com a ponta em forma de sino do seu interior.

— Este é o nosso modelo náutico, senhor. Foi concebido para o lobo-do-mar e para o cavaleiro dos oceanos, onde as guinadas e as correntes marinhas tornam a precisão obsoleta. Não serve para alvejar a grandes distâncias, mas se a disparar à distância certa, senhor, garanto-lhe que os resultados obtidos serão bastante devastadores.

Harry aprovou a escolha da arma de Oliver.

— Se um dia precisares de disparar isso, Oliver, por favor certifica-te de que eu estou atrás de ti nesse momento.

A Mãe abriu um par de gavetas e começou a espalhar as diversas partes de uma pistola ao longo do balcão: canos, tambores, martelos, ignições automáticas. Os seus dedos desataram então num frenesi, percorrendo as peças ao mesmo tempo que a Mãe ia murmurando instruções para o seu assistente, mandando-o ir vasculhar os cantos mais escuros da carruagem em busca de alguma peça. Quando finalmente se deu por satisfeita com a escolha das componentes, a Mãe começou a juntá-las, incrustando-as umas nas outras; por vezes, ia em busca de uma ou outra ferramenta de relojoeiro de precisão. Os seus dedos envelhecidos pareciam ter enxotado a idade à medida que se movimentavam sobre a superfície plana, ajustando, consertando, encostando peças mecânicas ao ouvido e ouvindo o ronronar e os cliques de cada mecanismo. Foi assim que a arma começou a ganhar forma aos olhos de Oliver: uma pistola quadrada e maciça com o cano longo.

Harry observava tudo aquilo com grande interesse, apreciando a arte da Mãe.

— Está a usar uma culatra de ejeção catosiana.

— Aqui só se usa o melhor, Harry. Vão falando enquanto eu trabalho, gosto de vos ouvir a conversar. Podes ir escolhendo as munições para o jovem mestre Brooks.

O aprendiz da Mãe trouxe um saco cheio de balas de cristal e passou-as a Harry.

— Cultivavam-se árvores de semente-pólvora em Cem Cadeados, Oliver?

— Não. Chegou a falar-se de estabelecer um campo de cultivo há alguns anos, mas os eleitores da cidade chumbaram o projeto. Diziam que era demasiado perigoso.

Harry ergueu um invólucro de vidro à luz da lamparina de óleo, sustentando-a entre o seu polegar e o indicador.

— Uma bala é construída por um vidreiro de forma muito semelhan-

te àquela com que a natureza desenvolve as sementes-pólvora nas árvores. Duas câmaras cheias de seiva, separadas por uma membrana finíssima; cada uma das seivas é inócua por si só, mas misturas as duas e arriscas-te a perder o braço com a explosão.

— Houve uma pessoa em Claynark que morreu por causa de uma semente-pólvora de árvore selvagem. O jovem foi encontrado a mais de sete quilómetros — disse Oliver.

— Uma árvore madura pode disparar as suas sementes-pólvora a mais de trinta quilómetros de distância — disse Harry. — Quando disparas a tua pistola, o mecanismo do cão atinge e destrói o ponto mais frágil do revestimento em vidro da bala, destrói a câmara de mistura e inflama a munição.

— Oh, senhor — disse o assistente. — O quebrar, o explodir e o silvar de uma bala perfazem em conjunto um som semelhante ao de uma sinfonia. O jovem senhor está a par das regras?

— Se carregares no gatilho e não acontecer nada, isso é um tiro falhado, Oliver. Nesse caso, nunca vires a arma na tua direção nem a apontes para alguém cuja vida é importante para ti. Mantém-na afastada do teu corpo, abre-a ao meio assim, e depois puxa a alavanca lateral para deitar fora o cartucho — disse Harry. — Se precisares de retirar manualmente um cartucho encravado, pegas na vareta acoplada no lado da arma e empurra-la de dentro para fora do cano. Nunca uses as tuas mãos. Os resíduos de pólvora podem queimar-te os dedos; por isso é que o cartucho é feito de cristal, e não de metal forjado. Quando estiveres num campo de batalha, tem muito cuidado com o sítio onde pões os pés. Uma bala que não disparou pode ter sido demasiado soprada na fábrica de vidro, ou ter caído e estar fendida; se a pisas, ela pode arrancar-te uma bota com o pé lá dentro.

— E não sejas sovina com as munições, querido — disse a Mãe, sem jamais cessar de trabalhar. — Não podes dar-te ao luxo de comprar balas baratas. O cristal ordinário mata mais soldados do que qualquer fogo do inimigo. O cristal barato vai estilhaçar-se dentro da tua pistola no momento errado; uma pancada mal medida na tua mochila, e os teus amigos acabam a recolher pedaços de ti espalhados pela relva para guardarem no caixão.

— Pelas mesmas razões, nunca deves andar com a arma carregada. Espera até te deparares com os sarilhos, e só depois é que abres a arma e a carregas — disse Harry. — Numa situação mais refinada, como por exemplo numa caçada, deves andar com a arma aberta ao meio, de maneira a que toda a gente saiba que a tua arma está segura.

A Mãe ergueu a sua pistola quase montada para a luz.

— Vais precisar de algum tempo até aprenderes as marcas dos vidreiros nos cartuchos, querido. A forma mais rápida de perceber se o cristal é

barato é verificar se uma metade do cartucho tem a seiva de uma cor diferente ou não. A seiva de semente-pólvora é clara como a água, tanto na câmara esquerda como na direita. Um bom fabricante de armas acrescentará tinta a um dos lados ou ao outro. Eu uso tinta vermelha na seiva da câmara direita. Os fabricantes de armas mais baratas que vendem os seus produtos a idiotas não gastam esse extra com a tinta.

Harry passou um cartucho de cristal a Oliver. Havia um compartimento vazio no recetáculo de vidro situado diante das duas câmaras cheias de seiva explosiva e dúzias de esferas de chumbo.

— O teu bacamarte usa balas destas; chamam-se cartuchos de chumbo grosso. Não são muito eficientes à distância, mas por outro lado eu também não tenho tempo para fazer de ti um atirador de precisão. Quando disparares essa menina, a carga vai disseminar o tiro diante de ti. Não é muito boa no que toca a discriminações, estás a perceber?

Oliver olhou para a sua arma com cano de boca-de-sino. Agora sim, compreendia completamente o significado das palavras do tio Titus. A coragem falseada escorria da arma como o calor de um coração. Da próxima vez que um esmagador obstinado da Yard do Burgo tentasse enfiar-lhe um barão à volta do pescoço, era bom que viesse armado com algo mais do que um Henry de Adormecer e um sabre de polícia.

— Já percebi, Harry. Quando disparar, não pode haver amigos diante de mim.

— Jovem senhor — disse o aprendiz da Mãe. — O senhor aprende *realmente* depressa. E que peça magnífica aquela com que o senhor vai ficar. Passa a ser um verdadeiro duelista, senhor.

A Mãe passou a pistola acabada de montar a Harry. Este começou a fazer as suas verificações, espreitando para o cano e ensaiando o seu peso em cada uma das mãos. A velha mulher olhou para Oliver.

— Se alguma vez viajares para fora, querido, é provável que venhas a cruzar-te com aquilo que nós, que estamos por dentro do negócio, chamamos armas suicidárias.

— Armas suicidárias?

— Armas de dois canos, tri-canos, tetra-canos, até mesmo de acordeão. Mantém-te afastado delas. Se carregares mais de um cartucho numa pistola, a primeira descarga é despoletada e enfraquece o cristal dos outros cartuchos. Cada tiro extra representa uma hipótese cada vez maior de que a arma acabe por explodir nas tuas mãos. O meu primeiro marido morreu em Concózia dessa forma quando foi chamado para empacotar uma tri-cano. De qualquer maneira, nunca soube disparar o que quer que fosse, mas enfim.

Harry pousou uma mão sobre o ombro da Mãe.

— Mãe, a senhora é uma artista.

— O meu objetivo é a satisfação do cliente, Harry Stave. Agora, tenho aqui uma curiosidade para o filho de Fileas Brooks.

A Mãe levantou-se e destrancou um armário camuflado no chão da caravana. Destapando um pedaço de tecido atado com corda, desembrolhou uma faca de aspeto pouco agressivo e cabo negro achatado. Tratava-se de um objeto completamente vulgar, excetuando a cabeça de javali esculpida na extremidade.

— O teu pai deu-me esta faca como pagamento por um serviço pouco antes de o seu aeróstato se ter despenhado. Não tive coragem de vendê-la depois daquilo que aconteceu.

Oliver sentiu o peso da faca. Era invulgarmente leve, um pouco como se ele estivesse a pegar em ar.

— Obrigado, Damson Loade. Mas porque é que o meu pai usaria uma coisa destas?

— Sei o que estás pensar — respondeu a velha senhora, rindo. — Não serve nem para cortar a corda em que vinha embrulhada, não é? Ora dá-ma cá.

Oliver devolveu a faca à fabricante de armas; ela pegou num pedaço de chumbo destinado às bolas de projeção, virou a cabeça da pega e passou a lâmina pelo chumbo como se se tratasse de um pedaço de queijo mole. Colocou a cabeça novamente no lugar, e pousou a faca sobre a bancada.

— Fileas arranjou-a num dos continentes de Leste. É uma faca de feiticeiro, forjada por aquilo que passa por feitiçaria de cantor-mundo por aquelas bandas. O teu pai também conseguia fazer com que a lâmina se metamorfoseasse e tornasse num sabre ou num machado. Eu cá nunca percebi como é que isso se faz.

— De aspeto tão inofensivo como a faca de um curtidor, mas mortífera como um deslizador — disse Harry com um tom de admiração. — A arma perfeita de um lupocaptor.

— Mas eu não tenho dinheiro nenhum comigo para lha poder pagar — disse Oliver.

— Há dívidas que não se saldaram em espécie — disse a Mãe, passando um saco de munições de cristal a Harry, — e eu tenho a sensação de que estou a saldar grande parte delas hoje. Precisas de mais provisões?

— Só de um farnel que nos permita chegar até Relógio-Sombrio — disse Harry.

— Relógio-Sombrio! Mas é claro — disse a Mãe, fazendo estalar a língua. — Quando se tem os esmagadores por diante e os lupocaptadores no nosso encalço, qual é o melhor sítio para nos escondermos? Na cidade mais bem guardada de todo o reino de Laborterra.

Harry guardou a sua pistola por baixo do casaco.

— Se bem me lembro, foi a Mãe quem me disse que o melhor esconderijo de todos é sempre à sombra de uma esquadra de polícia.

— Querido Harry, não te esqueças é que também fui eu quem passou dez anos da minha vida a trocar esse género de histórias com deportados enquanto andava a cavar canais de irrigação para os inquilinos exploradores das colónias. Daqui por diante, não vais encontrar mais assobiadores idiotas o suficiente a ponto de serem perseguidos por causa dos teus pecados.

— A senhora é uma santa, Mãe.

— Ouve, rapaz, eu gostava que ao menos um sobrevivente da velha guarda ficasse suficientemente vivo para ir pôr flores na minha campa quando eu estiver debaixo de terra.

— Mãe, a senhora vai viver eternamente.

A velha fazedora de armas engoliu um trago generoso da sua garrafa de jim.

— Não vou, não, embora não negue que, depois de o meu médico ter conseguido que eu largasse o cachimbo de erva-murmurejante, passasse a pensar que talvez sim.

O funcionário da rede de cristal não pareceu ter ficado muito satisfeito com o facto de surgir alguém junto ao balcão de atendimento precisamente quando o seu turno da noite estava prestes a terminar.

— Estamos fechados ao público. A esta hora, só se for correspondência prioritária de Estado. Se não tem um salvo-conduto, tem de voltar amanhã.

— Oh, caro senhor, eu tenho um, sabe — disse o cliente, puxando de um distintivo de polícia tão brilhante como falso do bolso do casaco. — Não ia fechar mesmo agora, pois não, senhor?

O funcionário resignou-se, empurrando um lápis e um formulário de mensagem para lá do balcão.

— Já é tarde, sabe? Os nossos escritórios da estação de Casa de Câmbio já estão fechados há mais de quatro horas.

— Eu teria vindo mais cedo, senhor, mas vi-me obrigado a aguardar que a minha mãe adormecesse.

Enquanto o cliente fora de horas ia preenchendo o formulário, o funcionário lançou um olhar furtivo para a sala de transmissões. Alguns dos remetentes de pele azul do turno diurno estavam já a entrar no seu ciclo de hibernação diante dos cristais-filhos.

O funcionário ergueu o olhar ao ler a mensagem.

— A correspondência de Estado é gratuita. Não precisa de pagar dois *pennies* por cada palavra. Se quiser, pode escrever mais.

— Oh não, senhor. A extensão não é importante para mim.

O tipo bizarro partiu e o funcionário tocou a campainha para chamar um transcritor. Alguns segundos depois, a cabeça de uma mulher surgiu a espreitar à porta.

— Temos um tardio, Ada — disse o homem. — Correspondência prioritária.

A transcritora leu a mensagem escrita no formulário:

— Lobo Doze. Relógio-Sombrio. Por amor do Círculo, o que é que ele quer que eu faça com uma coisa destas?

— Cá para mim, é uma dica de um cavalo para as corridas de amanhã — disse o funcionário. — O tipo que escreveu isso é da polícia. Os malditos esmagadores devem estar a divertir-se à grande. Codifica isso e passa-o para a linha.

— Viste o que é que ele escreveu em destino? Não é uma cidade, é um nódulo de cristal.

Ela devolveu-lhe o formulário escrevinhado pelo cliente.

— O quê? — estranhou o funcionário, voltando a ler a sequência de números. — Olha, pois é. E também não é uma rede de cristal que eu conheça; tu conhece-la, Ada? Talvez o esmagador tenha trabalhado na rede de cristais antes de se tornar polícia.

— O cristal materno não está em nenhum dos livros azuis que nós aqui temos — suspirou a transcritora. — Parece-me que a verificação de herança nem sequer está bem formulada. Escuta, eu não recebo segundo a tabela noturna e preciso mesmo de ir para casa. Vou mas é colocar a mensagem na linha tal e qual como está; alguém dentro da rede há de saber o que fazer com ela.

Assim era, de facto.